REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

DIRECTORES
PANDIÁ CALOGERAS, AFRANIO PEIXOTO,
ALFREDO PUJOL e PLINIO BARRETO

REDACTOR-CHEFE
RODRIGO M. F. DE ANDRADE
Redacção e adm. — Rua Rodrigo Silva, 14, 1º

NESTE NUMERO:

Vocação e Martyrio de Junqueira Freire — Afranio Peixoto
Robinson Crusoe — Affonso Arinos (sobrinho)
Coimbra, a lendaria — General Malan

Correspondencia inédita de Victor Hugo, Lamartine, Pedro II, Gonçalves Dias e Francisco Octaviano.

O Fascismo (IV) — Calogeras
Triptico — Tristão de Athayde
Carta aberta a João Alphonsus — Manuel Bandeira
O criterio da utilidade na literatura moderna — Teixeira Soares
Recordações de Dona Quiteria — João Ribeiro

Notas por Martins de Almeida, Manuel Bandeira, Prudente de Moraes, neto, José Clemente, Emilio Moura, Esmeraldino Olympio e P. Sampaio.

ANNO I — NUMERO 4 — 30 — OUTUBRO — 1926 — RIO DE JANEIRO

"A Revista do Brasil"

E' a publicação que conta entre nós com o maior numero de collaboradores illustres e, ao mesmo tempo, a que se vende mais barato

Numero avulso $7oo

Assignatura annual . . . . 16$ooo

Tomada conjuntamente com a do "O Jornal" ou "Diario da Noite" . . . . 12$ooo

Redacção e Administração:

Rua Rodrigo Silva N. 14 (1.º andar)

RIO DE JANEIRO

Revista do Brasil

ANNO I — RIO DE JANEIRO, 30 DE OUTUBRO DE 1926 — NUMERO 4

SUMMARIO

Politica
Vocação e Martyrio de Junqueira Freire — Afranio Peixoto.
Robison Crusoe — Affonso Arinos (sobrinho).
Coimbra, a lendaria — General Malan.
Correspondencia inédita de Victor Hugo, Lamartine, Pedro II, Gonçalves Dias e Francisco Octaviano.
O Fascismo (IV) — Calogeras.
Tryptico — Tristão de Athayde.
Carta aberta a João Alphonsus — Manuel Bandeira.
O criterio da utilidade na literatura moderna — Teixeira Soares.
Recordações de Dona Quiteria — João Ribeiro.
Theatro e Musica — Martins de Almeida e M. B.
Literatura — Manuel Bandeira, Prudente de Moraes, neto, José Clemente, Emilio Moura e Esmeraldino Olympio.
Sports — Campeonato internacional de tennis em disputa da taça Mitre — P. Sampaio.
A quinzena.

POLITICA

Diz-se que está definitivamente resolvida a fundação de um grande Partido Republicano Nacional, que obedecerá á chefia suprema do Snr. Arthur Bernardes. Segundo informações bem fundadas, o actual presidente tem intenção de seguir para Bello Horizonte, lógo após haver transmittido o poder ao Snr. Washington Lúis e, ao cabo de algum tempo de repouso bem merecido, regressar ao Rio, feito senador federal e generalissimo de um formidavel aggrupamento politico. Isso significa que a circumstancia do Snr. Bernardes transferir-se do palacio do Cattete para o Grande Hotel da Lapa não influirá de nenhum módo sobre o prestigio vertiginosamente crescente que vem desfrutando de oito annos a esta parte: elle continuará a ser de verdade aquelle super-homem a que o Snr. Antonio Carlos alludia ha tempos, num discurso, sem muita convicção. Nada de extraordinario, aliás, no phenomeno. Assim mesmo é que se processam os acontecimentos de grande alcance no meio social: crêam-se os mythos politicos e, pela força suggestiva destes, transformam-se ou revolucionam-se as instituições e os costumes dos Estados. Georges Sorel fala no mytho da gréve como do instrumento capital para a reorganisação da sociedade sob a ordem proletaria. O Snr. Antonio Carlos creou, por descuido, no Brasil, o mytho do superhomem republicano. E, como o Snr. Bernardes era, naquella occasião, a unica personalidade que se destacava nos postos de commando do Estado, foi a elle que aproveitou o incauto invento do então leader da maioria. Do mytho saiu a realidade do Snr. Arthur Bernardes, chefe supremo das forças politicas nacionaes.

* * *

O Snr. Washington Luis parece approvar gostosamente a idéa do tal partido, bem como sujeitar-se ao dominio politico de seu antecessor.

Affirma-se que, impressionado com o numeroso proselytismo conseguido em pouco tempo pelo Partido Democratico de São Paulo, o novo presidente acha necessario que se contraponha áquelle uma outra poderosa organisação partidaria. Dahi o favorecer a constituição do alludido aggrupamento e acceder a que o Snr. Arthur Bernardes seja feito seu chefe. Elle pessoalmente não tem, ao que se diz, em materia de politica, nem «aspirações nem saudades». Pretende apenas administrar e, para isso mesmo, lhe convém que a agitação politica se dê em torno de outra qualquer figura que não a do presidente. Quer dizer tudo isso que o Partido Republicano Nacional virá beneficiar egualmente ao novo chefe de Estado e ao seu antecessor, sem contar o proprio paiz que, sem duvida, ha de ser o maior beneficiado.

É como se Wotan confiasse a Siegfried o manejo de seus negocios terrenos, para não se apoquentar. O unico perigo consis-

tiria aqui em que o segundo fôsse tentado a intrometter-se tambem no capitulo vasto que o primeiro reserva para si. Assim, ficaria desfigurado o cyclo dos Niebelungen. E o quatriennio do Snr. Washington Luis tambem.

* * *

A desegualdade da distribuição das rendas entre a União e os Estados — cabendo a estes a parte do leão, ao passo que áquella se reserva a maior quota dos onus — constituiu sempre argumento capital para os adeptos da reforma da Constituição. Esta veio afinal, embora em momento inopportuno, sob a vigencia da lei de imprensa e do estado de sitio; e, no atropello em que foi realisada, ficou esquecida a reparação daquella injustiça, que tanto arrepiava a sensibilidade dos doutrinarios reformistas.

Eis como se conta o prodigio. Ao abicar em Manáos, foi S. Ex.ª recebido com um succulento discurso do Snr. Ephigenio Salles, em que o orador, após apresentar as bôas vindas ao presidente eleito e exalçar-lhe as virtudes publicas e privadas, mudou repentinamente de rumo e, transformando o tom festivo e alacre do seu verbo na lamuria plangente das carpideiras, entrou a descrever a miseria amazonense, invectivando a União pela falta de assistencia em que tem deixado esse infeliz trato de terra brasileira.

A essa altura — refere ainda a chronica — o Snr. Washington Luis tinha o sobrecenho carregado e dava signaes visiveis de não apoiar o orador. Depois, tomando a palavra, refutou-o severamente, declarando, mais ou menos, que os Estados são verdadeiras sanguesugas da União, que o regimen vigente em que a União dá tudo e nada ou pouco recebe, é desigual e injusto, etc., etc.

Quando o Snr. Washington pronunciou a ultima palavra do seu discurso, já o Snr. Ephigenio Salles estava inteiramente convertido á nova e verdadeira doutrina, como aliás era logico, dada a autoridade do seu propagador.

Mas a noticia do milagre correu celere e depressa chegou aos dominios do Snr. Dyonisio Bentes, que se aprestava a receber condignamente o futuro presidente com um discurso «mutatis mutandis» nos termos do do seu collega, em que tambem as difficuldades do Pará eram postas em relevo e queixas acerbas se faziam contra a União pelo abandono, etc., etc.

Está claro que esse discurso não chegou a ser pronunciado, porque a doutrina do Snr. Washington Luis transformará em tempo o negro pessimismo do Snr. Dyonisio Bentes no mais roseo e confiante optimismo.

Em logar delle, a oração que o presidente eleito ouviu, sorridente e convicto, ao chegar a Belém, foi a seguinte:

«O Pará nada num mar de rosas, progride e floresce. Asphyxia em abundancia. Nada lhe falta, sobretudo dinheiro... Se a União precisar de numerario, outra cousa não tem a fazer senão requisital-o do erario paraense...» E por ahi adeante.

Depois disto, póde-se considerar sanada a lacuna da reforma constitucional.

* * *

Entrou em gestação um partido novo. Será de gestação facil e rapida, como a dos ratos, visto que as adhesões chegam em alluvião, ninguem querendo ficar fóra. É o partido dos governadores, franco a todos os credos, comportando todas as idéas e opiniões, tendo porem logar especial, como adeptos benemeritos, com direito a todas as indulgencias, inclusive a canonisação, os correligionarios que não tiverem idéa ou opinião alguma.

A nova aggremiação partidaria apresenta-se, naturalmente, disposta a salvar a patria, e senão persuadida, procurando, pelo menos, persuadir aos outros de que o que nos falta, para sermos inteiramente felizes é isso de partidos, como havia nos tempos ominosos do Imperio, não tendo sido ainda possivel fazer, nesse genero, coisa que se aproveite na Republica.

Realmente o que se tem conseguido arranjar e exhibir, com o rotulo de partido,

tem tudo da bôlha de sabão feita no canudinho de bambú, delicia e maravilha das crianças que o sopram. A intumescencia, a pompa do colorido, a prestesa com que se forma e a facilidade com que desapparecem, mal deixa de receber o sôpro de que se alenta o canudinho magico.

O primeiro chefe republicano que se lembrou de formar partido foi o saudoso general Glycerio, organisando em um numeroso exercito as suas famosas 21 brigadas, a que, ás vezes, gostava de chamar cathedral, para todos os credos e onde todos podiam officiar.

Era o P. R. F., bem rotulado, bem equipado, inspirado de bons propositos, talvez, porem sem disciplina e mal policiado, resentindo-se a tropa da excessiva benevolencia do general em chefe. O partido morreu do mesmo tiro covarde do estupido attentado de 5 de novembro, no Arsenal de Guerra. Sobreviveu-lhe o chefe, curtindo, porem, sabe Deus, quanta amargura...

Esse dos governadores, que o cartaz anda, agora, annunciando, é, porem, sem duvida alguma, o mais interessante, por ser, simplesmente, gaiato e não pretender ser nunca qualquer coisa mais que isso.

Por ora, só houve o toque de reunir para a grande parada de 16 de novembro, afim de ser conferido o bastão de commando ao respectivo chefe, o general paisano, Sr. Arthur Bernardes.

Deus o crie para o bem, ao menos até o proximo carnaval. Será um grande rancho a mais a animar a festa de Momo.

* * *

MANO, a minha alegria é a tua alegria...

Foi com esse grito da alma que respondeu o proximo futuro ministro, Victor Konder, ás congratulações do seu irmão Adolpho Konder, governador do Estado e guarda e cultivador do viveiro de estadistas, que é S. Catharina.

A alegria do ministro eleito pelo presidente do proximo quatriennio, entre as vocações mais decididas e as competencias mais por provar, é a alegria do seu mano, o governador mandado eleger pelo presidente do quatriennio agonisante, para destruir e extirpar o predominio do finado senador Lauro Müller. Temos, pois, uma familia alegre, hilariante mesmo. Alegre e a rir das extravagancias deste mundo, sobretudo no pedaço que a politica occupa e explora, no seu exclusivo proveito.

E é uma alegria que encanta e commove, valendo, ao mesmo tempo, por uma nobre e rara lição de amor da patria. Sim, porque nunca esqueceremos, e ainda ha pouco o invocavamos, nesta mesma pagina o formoso e profundo conceito, produzido no fluente e enthusiastico decorrer de um brinde, do doloroso sacrificio em que importa ser uma pessoa ministro, governador, deputado, senador, ou qualquer coisa como isso. Só muita abnegação, lá dizia o do brinde, depois de fazer descer, garganta abaixo, o seu trago de champagne frappé, só muita abnegação e uma comprehensão muito nitida do dever civico, podem levar um cidadão, seja pae de familia ou celibatario a galgar as rudes asperezas do Calvario do poder.

Pois esses dous irmãos Konder, deante do infortunio de serem ambos colhidos de surpreza e agarrados, um para governador e outro para ministro, dous ergastulos, dous postos de mortificação, não hesitam, não pestanejam, não se lembram de procurar escapar e, ao contrario, dão esse exemplo admiravel, subindo ao patibulo, não, apenas, resignados, mas alegres, não cabendo em si de contentes, tanto que transborda o seu contentamento em expansões pelo telegrapho, não sabendo como agradecer a Deus e ao Sr. Washington Luis haver esse ensejo de se sacrificarem pela patria.

Manos — parodiamos, agora, nós, cheios de admiração e de applauso a tanto estoicismo — manos, a vossa alegria é a nossa alegria, a alegria de nós todos, cidadãos catharinenses e cidadãos brasileiros, compatriotas e jurisdicionados dos dous siamezes, xiphopagos no martyrio, ambos crucificados, por amor da patria.

Ave!

VOCAÇÃO E MARTYRIO DE JUNQUEIRA FREIRE

II

O grande acontecimento da vida de Junqueira Freire, entre o seu talento precoce e a sua morte prematura, foi a profissão monástica. Vocação? Sempre, a proposito, se pronuncia este nome. Raros serão capazes de confessar que o não merecem. Recebe Deus muitas vezes o sobejo do mundo. Uma mulher de talento, e independente do sexo, Sophia Arnould, considerando na penitencia tardia que ocorre a certas mulheres vadias, disse que essas taes, quando não as quer mais o Demonio, dão-se a Deus. Generosamente. Se Don Juan não acaba tambem devoto, pelo menos chega a moralista.

Na mocidade, as decepções de amor fazem aos extremados pensarem na morte ou no claustro. Representam ainda, para o seu amado, o epilogo da tragedia passional, ás vezes á custa de Deus, indulgente. O amor tem isso de magnifico, feliz, aperfeiçoa-se no lar, nos deveres da familia, na obra prima da criação dos filhos; infeliz, pode chegar ao gesto de renuncia, ou de renuncia ao mundo, e descobre a vocação religiosa. A creatura amada, ou Deus: é uma sublime alternativa.

Foi o que aconteceu ao nosso Poeta. Precoce, temporão, debil, nervoso, enfermiço, desconfiaria de si e teria sensibilidade desconfiada. Parecer-lhe-ia fadado á solidão:

E em torno a mim eu procurei sózinho
Um coração para sentir commigo (2).

E exactamente a amizade lhe é a primeira decepção; mas se illudia ainda mais, e a adolescencia e a juventude o traem na ambição do amor:

Mas ha outro sentimento
Mais doce, mais prazenteiro,
Mais real,
Que não é mais — Amizade —
Que não é mais essa imagem
Ideal

E' de essencia differente
O physico sentimento
Do amor;
Sentimento necessario,
Que não pode ser fingido,
Nem traidor.

Neste sentir — todos sentem
De modo que a natureza
Manda e quer;
Nem sabe ser contrafeita
Quando toda unida ao homem
A mulher.

Eu quero este amor do mundo,
Este bello sentimento
Natural;
Quero— — que é elle sómente
O sentimento da vida
Mais real (3).

Reparae nessa precocidade: o amor real, o «sentimento physico do amor» não é, senão implicitamente, dessa idade, a do amor platonico, a do amor ideal, do amor quasi sem amor: Junqueira Freire, amadurecido rapidamente, quasi chegava á experiencia epicurista da madureza, que fazia dizer ao naturalista Buffon: «amor! porque fazes tu o estado feliz de todos os seres e a desgraça do homem! E' que, nesta paixão, só é bom o physico, e nada vale o moral». Os poetas lyricos se encontram ás vezes com os sabios realistas.

O Poeta, entretanto, não o preparara a natureza para essa ambição. Elle o confessa numas paginas de autobiographia ou confissão, melhor assim chamadas, talvez, pois que invoca a sinceridade de Rousseau e a simplicidade de Santo Agostinho, paginas até agora não publicadas completamente. Ouvi-o:

«Eu tinha então dezesete annos completos. Entretanto, meu porte demonstrava já uma edade avançada. Meu semblante é bastante irregular. Meu rosto é comprido e descarnado. Minhas faces são profundamente cavas. Meu nariz é eminentemente aquilino. Meus olhos são fundos algum tanto, com expressão de inercia e estupidez, sem brilho, sem inspiração. Minha testa é elevada, porém mal feita. Todas as minhas feições são cobertas de uma pallidez grosseira (4). Todos os meus lances são morosos. Todos os meus modos são rusticos e negligentes. Minha voz diverge naturalmente a cada

(2) A' amizade: «*Contradicções poeticas*».

(3) A' amizade: «*Contradicções poeticas*».

(4) Este retrato veiu da faculdade de observar-se, que possuia o poeta. Com effeito, conta-me Constancio Alves que ouvira a Ganbagen Champloni, grande amigo de Junqueira Freire, que uma vez elle se retratara, contemplando-se ao espelho. Champloni possuia esse desenho, num papelão.

instante. conforme os sentimentos, mas é quasi sempre tremula, e todo o meu discurso é balbuciado e turbulento. Os periodos asiaticos, o estylo pomposo, as formas extensas dos classicos não acham em mim halito sufficiente. Sou, portanto, um homem feio, e pouco falador. Era-o já naquella idade. Hoje não tenho senão alguma sinceridade mais sobre todos esses rasgos. Pode-se colher desta pintura que não era eu feito para pensar em amores. Comtudo pensei. Não posso fallar bem sobre isso, porque naquelle tempo eu era talvez poeta. E foi uma visão...»

Essa visão, tanto o exulta, que no prenuncio do amor, chega elle a entoar os versos arroubados de «Achei-te»:

Já na linha dos felizes
Eu posso erguer meu trophéo.
Achei-te por fim na terra
Achei-te, ó anjo do ceu (5).

E o amor sobrevem, timido a principio, mas já com as suas satisfações naturaes. Pergunta-lhe «Que temes?»:

Não digas quando eu te beijo
Não digas — o que dirão! (6)

Se sonha, diz elle, no «Sonho»:

Achei commigo a donzella
Me apertando o coração
E ainda presa a meus labios. (7)

Se ella reza, pergunta elle, «por quem rezas?»:

Por quem rezar poderas
Por quem rezar assim?
Por quem tão linda prece
Por quem, senão por mim?
Por mim — que sei beijar-te
O colo, a face, os labios! (8)

Vê-se que não é só o ideal, e ha até o ciume que, no campo

Esse veneno tremendo
Do zelo que nos tortura
Vai aqui se convertendo
Numas rosas de ternura (9).

(5) Achei-te: «*Contradicções poeticas*».
(6) Que tens?: «*Contradicções poeticas*».
(7) Sonho: «*Contradicções poeticas*».
(8) Por quem rezas?: «*Contradicções poeticas*».
(9) A campina: «*Contradicções poeticas*».

E continua o preludio encantado do amor, já não passivo de um dos lados, com a iniciativa do mutuo prazer, n'«O abraço»:

Abriu-me seus braços alvos
Quaes azas de um seraphim
Senti seu peito em meu peito,
Entre palpites sem fim
Senti seu peito roçar-me
Macio como o setim (10).

Ou, mais indiscretamente, em «Vai»:

Passaste-o no meu collo, entre os meus beijos
O mais tempo, socegado e alegre
Eu, inquieto, não deixei um'hora
Sem renovar-te um gozo. (11)

Parece, entretanto, que não seriam prazeres vedados. Aliás elle é explicito, ainda affirmando a posse:

Em tua mente a minha mente existe
Pertences-me p'ra sempre
Mas não te nodoei: quiz que ficasses
Casta assim mesma — e sábia. (12)

«Sábia», naquelle sentido biblico, das virgens loucas e virgens sábias, do Evangelho de S. Matheus.

O Poeta ingenuamente acredita nessa posse definitiva, se é que ha uma memoria physica, se a outra tem comsigo a faculdade de esquecer:

Eu te ensinei um sentimento eterno
Mau grado a mim, a ti, ao mundo, aos anjos
Oh! has de amar-me sempre. (13)

Tens em teu rosto para sempre impresso
Meu innocente beijo. (14)

Não teria, pois, passado dahi (15). E' o que, prosaicamente, desta vez elle escreve, directamente. na sua «Confissão»:

(10) O abraço: «*Contradicções poeticas*».
(11) Vai: «*Contradicções poeticas*».
(12) Ella: «*Inspiração do claustro*».
(13) Ella: «*Inspiração do claustro*».
(14) Vai: «*Contradicções poeticas*».
(15) Se chegou até ahi. Os poetas são imaginativos. Lupercio Ganhagem Champloni, grande amigo do nosso, assegurou a Constancio Alves que a «paixão» de Junqueira Freire fôra toda cerebral, justificativa de suas romanticas resoluções: ha por que ser acreditado. Ha mais, e ainda mais grave: a suspeição, que se sussurra, de um escandalo domestico, que o movia á desestima aos paes, de onde o desejar «morrer de má morte», pensando que «uma cella occultava melhor do que o interior da campa». Nas estrophes «Meu filho no claustro»,

«Este segredo está sepultado com uma corôa de boninas que esmigalhamos ao pé de uma arvore. Seguiu-se á noute uma tempestade, — e de manhan rompeu o sol muito ardente. Eu, já longe daquelle sitio sinistro, pensei commigo que a tempestade tinha vindo para encravar estas flores na terra e o sol para queimal-as logo depois. E quando aquella arvore, unica testemunha desse facto, tivesse de puro penado, acolhido as pobres boninas das azas da tempestade, estendendo-lhes suas folhas, — no mesmo dia, os bafos da terra e as sombras de sua mesma copa teriam apodrecido as delicadas flores».

Flores, tempestades, sombras, parecem symbolos; houve um rompimento. Porque? Elle o diz, nuns versos: «Ella me enganou» ([16]). Comtudo não parece muito culpada, pois o poeta fala de «engano», mas não de trahição e concede-lhe amor »ainda, quando já não se podem mais amar... Talvez timido, não ousasse as responsabilidades que traz o amor na sociedade, e alguem se adiantou.

Aqui parece que adianto um facto, não referido até hoje, nem pelos contemporaneos, nem pelos amigos, e criticos, e biographos do Poeta: delles o mais dedicado á sua memoria, citando trechos da «Confissão», pretendendo que «ella» se chamava Sophia, nome mencionado na poesia «Por quem rezas?» — nem esse mesmo Franklin Doria, alludiu, ou talvez apenas desconfiou, sem o dizer, desse meu achado, que é entretanto confissão do Poeta. Já depois de monge, esse amor, tanto perdura, que elle confessa:

«Agora, se meus labios ainda podessem tocar nos seus, era já isto um crime, um crime que não existia naquelle tempo. Mas eu o desejara ainda, — custasse-me mil perjurios! O coração é o instrumento das contradições. Não o posso, porém. Ella não está na campa: mas o logar onde está reclinada é mais solenne que o tumulo».

Qual será esse abrigo, de um desejo impuro, tão vedado, ou mais vedado que um tumulo? Enigma que vai ser esclarecido. O Poeta pensa em morrer, e morto, se teria orações sem fé, teria a prece materna e a da irmãzinha innocente. Teria, ainda mais:

«Talvez, á mesma deshora, mais outra mulher se alevantasse do thálamo, erguendo-se devagar para não despertar alguem, e rezasse tambem por mim».

Não ha mais duvida: a amante do Poeta casára e o seu lar é um abrigo contra o sacrilegio que elle seria capaz de tentar; mas o amor lhe perdurava no coração, e, á morte de seu apaixonado, esconde-o embora, tarde da noite, levantar-se-ia do thalamo, ou do leito nupcial ou, por extensão, do leito conjugal, imperceptivelmente, para não despertar o marido adormecido ao lado. E se podesse haver duvida ainda, a «Confissão» o confirmaria:

«Seria ainda crime a sua oração? Seria meu fervor um sacrilegio? Seria seu pranto um adulterio? — Fosse-o muito embora: o senhor lhe perdoaria a ella, como perdoou aquell'outra na praça da Judéa, deante do povo, deante dos velhos, deante dos sacerdotes». Porque muito amara, e amava, apesar do sacramento conjugal, pois que, qualquer interesse de amor, além do conjuge, seria adulterio.

Parece, e é evidente. Tal foi a apaixonada de Junqueira Freire, que o «enganou», mas, apesar disso o amava, embora casada até o deplorar, se morresse. Esse sentimento parece natural ao poeta, que chega a comprehender, por elle essa especie de adulterio, se elle, monge, é por ella capaz de um sacrilegio.

Esta é, pois, a razão dos votos ou da profissão religiosa. Não chegou, porém, ahi, sem maior tentação:

«Era bôa occasião para morrer. Eu lembrei-me disso, sem tremer, sem me arrepiar. Que tinha?» Confiava na misericordia divina. «Antes, porém, que me resolvesse, lembrei-me que a cella de um monge era tambem um tumulo». «Eu acreditava que uma cella occultava melhor do que o interior da campa...» Foi assim, ao seu depoimento attribuindo sinceridade, que se fez monge. Foi esta a vocação religiosa do Poeta.

Elle não o dissimula, antes o confessa e até confessa sua irreligiosidade. «Toda a vez que eu via um frade pela rua olhava para elle com bastante escarneo». «Comprehendi que o frade era uma cousa desprezivel...» «Julguei que isto me assentava bem a mim, que desejava morrer de má morte...»

Havendo recusado as incitações de um monge que o chamara ao claustro, annos depois é elle quem o procura o outro, admirado de «minha imprevista vocação». Apesar de cauto, se deixa o abbade convencer, enganando-se. Aliás, enganado era tambem o enganador, sobre os seus sentimentos, ou sobre a durabilidade delles. Junqueira Freire insiste, consegue o que pretende, e entra para o convento.

A carta com que se despede da mãe — no pae, doente, nem fala, fala apenas delle quando, já arrependido, põe na bocca da mãe uns versos desesperados: «Meu filho no claustro» — a missiva de despedida é um documento triste desses sentimentos explosivos, duros, asperos, emphaticos, da adolescencia, ou da primeira juventude, em que a crueldade inutil se mistura á jactancia ridicula. As tiradas, com ademanes literarios de mau gosto,

---

que empresta á piedade materna, o Poeta argue a si proprio de genioso (estancia 10.ª) e de ingrato (estancia 28.ª). Talvez quizesse dizer irreflectido e injusto, tanto ahi nessa poesia ha piedade e ternura pelo pobre pae doente e pela pobre mãe que perdoava «inda assim».

([16]) O Banho: «*Contradicções poeticas*».

terminam com o estribilho: «já não sou filho de Vmcê, sou filho da religião».

Merece leitura esta triste carta, triste documento humano, secco, presumido, que faz rir, quando devia fazer chorar, comparada com a «Confissão», de tres a quatro annos depois. E' admiravel como, em tão pouco tempo, um espirito estouvado e turvo de rapaz, se decanta, clareia, repousa e se transfigura na expressão, nos sentimentos, nas idéas. O claustro como uma estufa, um purgatorio, operou a maturidade, fez a cristalização, adoçado o azedume, depuradas as fezes numas paginas que á pequena distancia, são o contraste objectivo e subjectivo das outras. Fica-se a pensar, se este moço que assim se exprimia não ia ser ainda mais admiravel prosador que era poeta, este irregular, demasiado, impuro, embora com uma nota rara e original em nossa poetica: comtudo, insistimos, trinta annos mais tarde, a inquietação metaphysica daria á nossa lingua Anthero de Quental.

O prosador, no qual o critico e o pensador se revelam, por certo seria ainda maior. Attenda-se a esta pagina que julga a poesia religiosa de Alexandre Herculano:

«A Semana Santa» de Alexandre Herculano é muito differente. Parece-se a um tempo com os «Threnos» de Jeremias e com o «Ibis», de Ovidio. Lamenta com raiva e amaldiçoa com furia. Procura para elevar-se sempre um sentimento horrivel. Dispõe a alma para alguma cousa que não é do ceu. A «Harpa do Crente» não é a palavra do Christão. Para mim o pensamento de Deus não está encravado no livro de De Maistre. Eu não posso crer nas tempestades de cholera no seio do Altissimo. Lucifer é um brinquedo de Milton. A linguagem divina não precisa de hyperbole humana, para ser sublime. O mundo moderno não carece da antiga tropologia oriental. Deixamos as figuras e as formas asiaticas para a poesia romantica. Quando falarmos de Deus, façamos como Newton: abaixemos a cabeça! Ah! não abramos um abysmo de ficções para sepultar Jehovah! O Eterno não é um jogo de imaginação».

Não dá um ante-gosto de Euclydes da Cunha? A idéa se contracta, resumida, cristalizando-se numa formula. O ser hyperbolico não o priva de eliptico e pela volupia das antitheses chegaria á sublimidade, ás vezes apocalyptica, do outro: euclydeano, antes de Euclydes... E' pena que a «Confissão» não vá além dessas primeiras paginas: o Poeta teria feito ahi a sua obra-prima.

Mas, não antecipamos: a 9 de fevereiro de 1851, sahia de casa pela manhã, Junqueira Freire, depois de saber como passára o pae doente, depois de beijar mãe e irmã, e entrava para o Mosteiro de S. Bento, de onde mandava a alludida carta á familia. O noviciado ia durar um anno. Em outra carta posterior a seu amigo Luiz de França Rebouças, que Franklin Doria publica em parte, e está nos archivos da Academia Brasileira, como na poesia «O Noviço», perpassa a tristeza, senão já a decepção da vida a que se votara. «Não posso rezar», diz ao amigo; a si mesmo diz, na poesia, referindo-se a Deus: «pede-lhe a morte».

A 29 de março de 1852, comtudo, embora desilludido e sem paz de coração nem de espirito, faz a sua profissão, proferindo os votos sagrados de pobreza, castidade, obediencia. Fora amortalhado, e morrera no seculo, Luiz José Junqueira Freire, nascia para a religião o monge benedictino, Frei Luiz de Santa Escholastica Junqueira Freire (17).

Ainda no fim da profissão diz: «Resuscitei»; confessa-se feliz, mas não occulta as apprehensões:

Não ser, — meu Deus! — não poder ser eterno
O gozo desse dia!
Mas ah! — não seja essa canção saudosa
Qual funebre elegia! (18)

A vida monastica para ocorrer a uma decepção do seculo, não podia deixar de ser tambem uma decepção. Passada a crise, em que a vehemencia do sentimento se extremára numa desproporcionada represalia, a clausura, o silencio, a oração, o automatismo disciplinado dos actos conventuaes operavam a *detente*, o desarme, mas permittiam a razão impor-se de novo, julgando o acto que lhe trouxera a alienação — da independencia, na passiva obediencia, — da liberdade, na prisão do claustro. Para sua mocidade rebelde e impetuosa seria agora uma decepção tremenda, em sentido contrario: elle irá desde as accusações de ócio, de inutilidade, de intriga, de corrupção, de hypocrisia, de escravidão, até os peccados da imaginação e da sensibilidade, até a negação e a descrença.

A' profissão de um confrade, Frei João das Mercês Ramos, elle confessa:

Eu tambem antevi dourados dias
Nesse dia fatal:
Eu tambem como tu, sonhei contente
Uma ventura egual.

Eu tambem ideei a linda imagem
Da placidez da vida:

---

(17) Santa Escholastica era a irmã gêmea de S. Bento, cuja imagem o Poeta podera ver no altar da Egreja do seu Mosteiro, ao lado da do Patriarcha: não podendo adoptar o nome deste, commum a todos os Benedictinos, essa escolha, de tal santa, revela sensibilidade, uma mulher, e orgulho, a maior figura da Ordem, depois de S. Bento.

(18) Monastica: inedita, já agora publicada. O original acha-se ora nos archivos da Academia Brasileira, onde foram ter, de Franklin Tavora, dilecto amigo do Poeta.

Eu tambem desejei o claustro esteril
Como feliz guarida.

Eu tambem me prostrei ao pé das aras
Com jubilo indizivel
Eu tambem declarei com forte accento
O juramento horrivel.

Eu tambem affirmei que era bem facil
Esse voto immortal:
Eu tambem prometti cumprir as juras
Desse dia fatal.

Mas eu não tive os dias de ventura
Dos sonhos que sonhei.
Mas eu não tive o placido socego
Que tanto procurei:

Tive mais tarde a reacção rebelde
Do sentimento interno.
Tive o tormento dos crueis remorsos
Que me parece eterno.

Tive as paixões que a solidão formava
Crescendo-me no peito.
Tive em logar das rosas que esperava,
Espinhos no meu leito.

Tive a calumnia tetrica vestida
Por mãos a Deus sagradas
Tive a calumnia — que mais livre abrange
O' Deus! vossas moradas!

Illudimo-nos todos! — Concebemos
Um paraiso eterno:
E quando nelle soffregos tocamos
Achamos um inferno. (19)

Nos versos, até agora ineditos de «Aqui», elle repete essas mesmas terriveis accusações ao claustro, assegurando não ter tido culpa:

...Vi, dominando sobre tudo
O nú materialismo
Sim, crê-me: — quem me ditou estas verdades
Não foi o scepticismo.

O commentario a esse desespero fá-lo o proprio Poeta num verso d'«O Monge»:

Tal o furor que a escravidão excita...

Mas não é só:
Mas eu não tive o placido sossego
Mais afflictivo que o labor do escravo,
Ocio infamante, eu te renego embalde!

Geram-se os vicios em teu molle seio
E te beijando e te cingindo o collo
Boceja, estira-se a lasciva — e dorme (20)
Aqui em fel a inspiração se embebe,
Aqui de opprobrio a candidez se mancha,
Aqui converte-se a ventura em crime...
Mas, ah!, lá chama ás orações o sino!
Um sacrilegio mais! Senhor, perdôa!
Vou emendar imprecações com psalmos... (21)

Nesse estado de coração e de espirito o Poeta podera indagar porque, para que?

Tudo reprova o sacrificio inutil.
Deus! teu filho deixou teu seio eterno
Para salvar a humanidade — e eu soffro
Debaixo de teu nome inuteis penas...
Deus não é misanthropo... (22)

Como d'«A Freira», cujo tormento é egual:

Das rezas quasi sentia horror...
. . . . . .
Nem cruz, nem claustro, não bastam não! (23)

Ao seu anniversario, em 1852, apenas nove mezes depois de professo, nessa devastação de crença, attinge o nihilismo, quasi a negação:

Pergunto ao ceu, á terra, ao mar immenso:
— Que vim fazer no mundo?
E o ceu, e a terra, e o mar — só me repetem
O echo mais profundo.

Porque, porém, ao céo, ao mar, á terra
Perguntar — o que sou?
O ceu não falla aos homens, mente a terra
E o mar sempre enganou!

Eis o que sou: — a pendula das horas,
Que do continente oscilla:
Eis o que sou: — a duvida incarnada
Que perennal vacilla.

Eis o que sou: — um ente erroneo, absurdo,
Sem fé no coração;
Errando, extranho e forasteiro, o mundo
Sem conhecer missão!

Oh! quão feliz não fôra se morresse
Quando fui embryão
Não sentiria agora a immensa ausencia
Da fé no coração. (24).

---

(19) A' profissão: «*Inspirações do claustro*».

(20) O Monge: «*Inspirações do Claustro*».
(21) O Monge: «*Inspirações do claustro*».
(22) Idem.
(23) A freira: «*Inspirações do claustro*».
(24) Ao meu natalicio: «*Contradicções poeticas*».

Apesar da derivação do trabalho intellectual, porque escrevia, e escrevia muito, — além de poesias esparsas, um drama «Frei Ambrosio», episodio da dominação hollandeza na Bahia, um poema prenacional, «Deltinka» ([25]) no genero dos «Tymbiras» de Gonçalves Dias, ainda outro poema já nacional «O Padre Roma» glorificador da infeliz revolução republicana de 1817, — apesar do trabalho escolar, porque era no convento professor de rhetorica, ou eloquencia, e disso, desse labor, deixou as notas de um pequeno tratado com exemplos brasileiros e dissertações proprias, apesar dos trabalhos pios e disciplinares do claustro, o Poeta considerava-se ocioso, inutil, infeliz, preso, coacto, quasi attingido por aquillo que os medicos chamam delirio de negação. De um confrade diz

Foi infeliz — foi monge ([26])

De si mesmo confessa:

Se eu não morri, sou transfuga da vida
Dista, dista de mim minh'alma antiga.

. . . . . .

Tal sou, tal é o monge — este não homem ([27])
Eu... que não vivo
mas duro apenas ([28])

Chegaria até a pregar a rebeldia. Na «Saudade», a um confrade que partira para o Convento do Rio, lastimando-o, incita-o pelo orgulho:

Sim! para os claustros não nasceu tua alma
Teu coração não te palpita, Monge.
Nem tão baixo teus impetos serpeiam
Que um carcere os contenha.

Nesse vasto pallor que te orna a fronte
— Signal dos homens de profundo genio,
Eu leio a grande e destemida idéa
Que não cabe nos claustros. ([29])

Se assim sentia e pensava, para os outros, para si havia de querer a liberdade, a secularização, que tentou e havia de conseguir mais tarde. Em 1854, de volta de Monteserrate, onde tivera uns dias de férias ou de emancipação, como aquelles que em 1852 descreve na poesia inedita até agora, «A Folga», recolhe-se na Bahia, á casa da familia, ou de amigos, e escreve a 2 de agosto, ao irmão Genesio, no Convento: «Sei... que Hermes e Vicente, no mesmo dia, na mesma hora em que se me escrevia, tinham levado seus requerimentos de secularização... Não seremos unitarios nós dous ([30]). Não seremos singulares, os dois, mais outros dois e incitação ao que fôra para o Rio... não dá isso que pensar, fosse ou tenha sido o nosso Poeta um fermento, um contagio de rebeldia? Isto se confirma quando lemos em nota ás «Inspirações do claustro», este grito d'alma: «dirão que sou cabeça de motim»... Dizia, antes que lh'o dissessem.

Antes de chegar até ahi, disse que Junqueira Freire viera, no claustro, ao peccado, ao maior dos peccados, aquelle que attenta á castidade, ao menos em imaginação. A' criatura amada, pela decepção de cujo amor se fizera monge, a «Ella» diz-lhe, desse claustico:

Eu sei que negro, espantador fantasma
Co'as azas bronzeas te apparece á noite,
E te deixando a pallidez manchada
Te grita — Monge! — e passa.

. . . . . .

Em presença da aurora, aos raios della
Lá do tremulo seio em que me escondes
Arrancas as canções que me inspiraste
Travado co'as delicias.

Então — que passe o tetrico fantasma
E grite embora: — Monge! — e trôe o sino
Que toca ao meio-dia, e nelle envolto
Proclame o sylpho: — Crime! —
Mau grado aos mundos, serás minha agora
Eu te ensinei um sentimento eterno:
Has de amar-me na terra — e além dos astros
Oh! has de amar-me sempre! ([31])

([25]) O Poeta escreveu repetidamente, no original que conferi, e está nos Archivos da Academia Brasileira: «Deltinka». Franklin Doria emendou, na publicação de parte do poema que fez nas «*Contradicções poeticas*»: «Dertinca». Por que?

([26]) Mais um tumulo: «*Inspirações do Claustro*».

([27]) O Monge: *Idem*.

([28]) Os claustros: *Idem*.

([29]) Saudade: *Idem*.

([30]) Nesta carta, hoje nos archivos da Academia Brasileira, diz o Poeta: «vindo de fóra», que está no Bêco dos Barbeiros, na Capital, mas pede não o diga a ninguem. «Continuarei a escrever ao Abbade de lá de fóra, para onde elle escreveu-me hontem». O seu correspondente devia ser Frei Genesio da Pureza, a quem dedicara uma longa poesia, ora entre os seus versos ineditos «A virgem do Seculo», «lenda escripta no album de Frei Genesio da Pureza meu condiscipulo».

([31]) Ella:: «*Inspirações do claustro*».

Não importa o sacrilegio, a obcessão continua. Numa «Meditação», só agora publicada, dizia elle:

Quando da terra vil — ambos unidos —
Formos longe — bem longe:
Virgem! — não lembres o horror do inferno
Não me digas: — E's monge! (32)

Se na vida monastica só achou decepções, diz ahi mesmo, a lembrança della, o «teu amor».

Veiu dizer-me, doce: ainda é vivo
A morte está bem longe: —
Mas outra voz horrenda, como a guerra
Veiu dizer-me: — E's monge! —

Pesar disso, esses versos terminam por outros, até eroticos, de que o fecho pode ser citado, como uma excusa:

Ao menos ua vez olha-me, oh virgem,
Co'os olhos, que me cegam:
Ao menos ua vez dá-me a ventura,
Que os homens me denegam! (33)

Uns outros versos, bellos versos aliás, que não citarei, não posso citar, ainda ineditos, talvez por isso, constituem talvez um documento freudiano importante: são as estrophes de «Aqui», em que o Poeta finge ou evoca reminiscencias do logar em que amou. Não conheço entre os versos decentes, e de poetas decentes, nenhuns mais luxuriosos: e foram escriptos por um monge. E' que os libertinos não precisam ter dessas imaginações, o o Demonio, sob a forma da luxuria, só tenta aos santos, nos eremiterios. Muito será, pois, perdoado ao jovem e impetuoso Junqueira Freire, monge na clausura, embora no peccado e na rebeldia.

Foi assim, até o fim, ainda quando as autoridades ecclesiasticas, bem avisadas, lhe facilitaram o egresso da ordem religiosa. Em officio ao Arcebispo da Bahia, no qual pede a remessa de suas premissas, para ter a secularização, foi este o despacho:

«Não tem lugar, emquanto o supplicante não eliminar das allegadas premissas as temerarias expressões com que ousa taxar de absurda a obediencia, que constitue um dos votos essenciaes da Profissão religiosa, approvadas pela Igreja Universal, e garantidos pelas Leis do Estado, e qualificar de erros dos primeiros seculos, isto é, dos seculos em que mais brilhou o fervor e a pureza do Christianismo, semelhantes associações. O supplicante poderá allegar o seu arrependimento e a repugnancia á continuação da vida monastica, sem tomar o tom de dogmatizante á face do proprio Prelado Diocesano, e constituir-se desgraçado echo dos impios inimigos desta parte tão importante da disciplina geral da Igreja Catholica. — Bahia, 30 de maio de 1854» (34).

Assignada, a rubrica do sabio arcebispo Dom Romualdo Antonio de Seixas, depois Marquez de Santa Cruz...

Em agosto de 54, dirigindo a sua «Saudade» a Frei Bento da Trindade Cortez, que partira para o Rio, diz-lhe impiamente:

Deserta, ó genio, do covil immundo
Onde o leão dos vicios se alaparda.
Ah! esta cella, onde a indolencia dorme
Não pode, não, ser tua.

Coral guardado nas flumineas urnas,
Quem ha de te arrancar do equoreo fundo?
Não serias mais bello, em aureo engaste,
No collo de uma virgem? (35)

Finalmente, e felizmente, a 31 de outubro de 1854 obteve sentença no Breve apostolico (36) de Perpetua Secularização, com que o agraciara a Nunciatura, visto «ainda não iniciado em ordens», «ter entrado e professado em a supra mencionada Religião numa idade que nenhuma experiencia lhe offerecera o mundo, e por isso, arrependendo-se immediatamente, sentindo-se dominado do temor de perder a salvação de sua alma». Excusa piedosa, pela qual lhe concediam que saisse da Ordem de S. Bento «para a vida secular, e ficasse conseguintemente secularizado, conservando todavia interiormente algum signal do Instituto, e observando os votos substanciaes da profissão religiosa, que fizera, á excepção do de obediencia ao respectivo superior...»

Davam-lhe liberdade, fóra do convento, e desprendiam-no da obediencia ao superior, o mais que

---

(32) Meditação — agora e adiante publicada.
(33) Meditação, id. id.

(34) Este officio, com tal despacho, acha-se assignado por Frei Luiz de Sancta Escholastica Junqueira Freire, e faz parte de autographos do Poeta, ora archivados na Academia Brasileira.
(35) A Saudade: «*Inspirações do claustro*».
(36) Franklin Doria (estudo que precede ás «*Contradicções poeticas*», p. 14), diz «3 de novembro» de 1854: o documento a que nos referimos, com a data rectificada, está nos archivos da Academia Brasileira.

lhe podiam conceder, essa medida secularização. Contentar-se-ia? Não podia alcançar mais.

Tambem, pouco podia aproveitar. Ia applicar-se em colligir os seus versos, separar os menos profanos para as «Inspirações do claustro», que, ainda no convento procurava imprimir (37) e que sairiam depois de sua morte mal correctas as provas, ainda por elle.

A sua doença, uma hypertrophia do coração — talvez hypertrophia de crescimento, que se não compensára, e que aggravaram suas tribulações moraes, mau grado os recursos medicos, de um sabio medico, o Conselheiro Justiniano da Silva Gomes, professor da Faculdade de Medicina, ia levá-lo, sem detença. Com effeito, a 24 de junho de 1855, numa casa da rua do Paço do Saldanha, na Bahia, reclinado no collo de sua irmã Maria Augusta, finara-se o poeta, com o soccorro da Religião, sendo enterrado no Mosteiro de S. Bento, onde jaz (38).

III

Este caso de Junqueira Freire, se a distancia, no tempo, lhe amortece a commovida piedade humana, por um pobre rapaz cujo combativo genio não pôde dar toda a luz que em si continha, tem significado geral, indispensavel para a sua mesma interpretação psychologica.

Junqueira Freire foi da sua idade, do seu tempo, do seu meio. Era um meio piedoso, em que as reacções humanas appellavam frequentemente para a solução divina. Não só ás personagens romanticas de Herculano e Camillo oscillam entre o amor e o convento, mas na vida, rapazes e raparigas, até perto de nós, nas decepções apaixonadas, dão o sobejo do coração a Deus, de onde tantissimos erros de vocação.

Literariamente, era o romantismo, reacção contra o paganismo neo-classico, com o seu pendor aos sentimentos medievaes de mosteiros, cathedraes, cruzados, cavalheiros e santos... Quasi todo esse romantico seculo XIX foi assim: elle começa, com Chateaubriand, que escreve aquella, sensual autobiographia de um desejo incestuoso para o intercalar num livro de apologetica, «O Genio do Christianismo», acabado ao lado e em casa da amante Mme. de Beaumont, onde tambem estava sua irmã, figurada em «Réné», essa Lucilia que o casara com uma antiga dilecta... Que piedade e que escrupulos!...

Elle termina esse seculo do romantismo com Huysmans, que, em «Lá-bas» e «En route», faz o inventario minucioso e complacente de todas as torpezas e aberrações da carne, para levar depois o seu personagem a «La Cathedrale» e a «L'oblat», como elle proprio acabou... Qualquer commentario seria demasiado.

E assim, a sensibilidade do tempo desvairava-se, contradictoria, exagerada, extremada, absurda, misturando as idéas mais sagradas aos sentimentos mais profanos: os Byron, Shelley, Musset, Espronceda, Alvares de Azevedo... são desse tempo. São desse tempo Renan e Lamenais, que escapam á autoridade da Igreja, um no seminario, outro já professo, e vêm ser, cá fóra, pedras de escandalo.

Attenda-se á juventude, ao talento, á intoxicação romantica, e esse caso interessante de Junqueira Frei, com o seu mysticismo, o seu erotismo, as suas contradicções, os seus desesperos, as suas desordens e as suas rebeldias, entre os seus dezesete e os seus vinte e tres annos, na Bahia piedosa, e em meiados do seculo passado, e já não será tão singular, nos será, senão natural, bem comprehensivel. E será symbolico, da mocidade desse tempo no mundo, daquillo que um romantico, dos mais desregrados, definia, no apposto ao titulo daquelle drama celebre do Kean: «desordem e genio».

AFRANIO PEIXOTO.

---

(37) No fim da carta citada, a frei Genesio da Pureza, cujo original está nos archivos da Academia Brasileira, pede-lhe informe-se do Camillo (Camillo Lelis Masson, que veio a ser o editor das «*Inspirações do claustro*») das suas condições de publicidade.

(38) Deve jazer. Em visita que fiz á Egreja e ao Mosteiro, na companhia do Abbade Dom Ruperto Rudolf, não conseguimos encontrar o tumulo de Junqueira Freire. Numerosas são as lapides mortuarias cuja inscripção foi apagada pelo tempo e pelos pés dos que frequentam esses logares pios. Será uma destas a do Poeta? Terá assim o anonymato, que precede á eternidade.

Robinson Crusoe

Eu quiz construir um barco salvador
que me libertasse do isolamento da minha ilha deserta,
da minha ilha arida, cercada de aguas violentas.

Aos poucos fiz crescer sobre a areia virgem
o casco possante,
a prôa alta, orgulhosa como ave migradora.

Dei-lhe remos que furassem o ventre das ondas.
Dei-lhe velas,
as grandes velas brancas que o fizessem deslisar...

Oh! o desejo de abandonar para sempre a solidão impenetravel
e fugir livremente nas aguas largas e azues!

Só depois de ter gasto todo o meu esforço
foi que vi que meu barco era enorme, pezado
e que eu nunca conseguiria arrasta-lo até o mar.

AFFONSO ARINOS (sobrinho).

COIMBRA, A LENDARIA

Lento, monotono e ennovellado, deslisa o Paraguay, a sul de Corumbá. A oeste, denticulado da serra de Urucum ergue a pique a morraria de manganez, já attingida pela via ferrea que religa as minas a Ladario. A leste, o vasto pantanal, alagadiço por mezes nas cheias, riscado na vasante pelos veios do Taquary, do Negro e do Miranda e, mais abaixo, pelo furo do Nabileque, dreno mais directo do rio, de que poderá tornar-se o braço principal.

Defrontando as habitações lacustres de Porto Esperança, termo provisorio, e, por muito tempo ainda, estação terminal da Noroeste, os morros isolados do Rebojo, do Puga, do Conselho, assignalam o prolongamento da cordilheira calcarea, parallela ao rio.

Margens que desbarrancam, onde dormitam jacarés, por entre cyperaceas. Aguas traiçoeiras de piranhas, vasosas e debruadas de caetés. Planicies de carandazaes sem fim, produzindo a distancia impressão de verdejantes copas suspensas, mercê do esbatido acinzentado dos espiques. De longe em longe, no listel ribeirinho mais elevado, uma choça colmada, pouso de algum payagua, zelando modesto milharal.

Dez leguas a jusante de Porto Esperança, a cordilheira de oeste se soergue, para frontear o Morro da Marinha, na margem oriental. O rio pronuncia curva reversa e se insere entre as elevações, dando fugaz illusão de lago em montanhas. Vem de levante, até a lombada declivosa do Morro da Patrulha, em que se apruma a secular fortaleza: ruma depois francamente a sul, em largo estirão, alem do qual, prudentemente, fundeou D. Lazaro de Ribera, cujas velas em retirada, dias e dias, eram ainda avistadas pelos esculcas de Ricardo Franco.

A partir de Coimbra, o Paraguay se escôa barrento, por terras baixas revestidas de carandazaes. Logo abaixo do forte, legua e meia talvez, e na mesma margem, Bahia Negra, vasta reentrancia triangular, cedida a Bolivia, que ahi passa a lindar com o Paraguay: multiplicam-se os portos, a começar pelos de Diana e Pacheco, onde o ultimo paiz affirma a posse pela occupação militar, erguendo com arranchamentos provisorios e lavouras, dique a futuras pretenções ou possiveis exigencias .

Mais abaixo, sempre na margem direita, continua a serie de pequenos atracadouros, Puerto Voluntad, Fazenda Talavera, Puerto Lydia, que precedem o forte Olympo, outr'ora Bourbon, mandado construir em 1792 pelo Governador do Paraguay: desarmado quadrilatero de pedras, dominando de um mamelão de vinte metros o risonho povoado a beira rio. Porto Guarany, prospera xarqueada, illuminada a electricidade, com alegres casas de venezianas verdes.

Ultrapassado Barranco Branco, forte fazenda, e Tereré, ambos portos nossos, e a mais de 200 km. de Coimbra, 250 talvez, pelas sinuosidades do rio, o Fecho dos Morros: rosario de collinas, na margem brasileira, cotadas duas a tres centenas de metros sobre a planicie, onde avulta, pela forma caracteristica e acuminada, vista de Terere, o Pão de Assucar.

A cordilheira vem rematar normal ao rio, destacando como ultimas contas, uma ilhota pedregosa, de talvez trinta metros de relevo, scindindo em dois canaes o curso estrangulado do Paraguay e, em derradeiro soerguimento, a elevação marginal direita.

Detenhamo-nos instantes, afim de retroceder, pelo pensamento, a mais de seculo e meio no passado, quando os soberbos pro-consules lusitanos empenhavam-se em cimentar a obra audaciosa dos bandeirantes paulistas, mantendo «o recuo do meridiano tordesilhano cada vez mais para

oeste, até quasi o sopé dos Andes, atravez da serra asperrima, povoada de perigos e mysterios...» (*).

Rolim de Moura, que iria, mais tarde, assumir successivamente o governo da Bahia, o do Rio e por fim do vice-reino, o futuro Conde de Azambuja, primeiro capitão-mór de Matto Grosso, fundava, a 19 de Março de 1752, a Villa Bella da Santissima Trindade, sobre o Guaporé, cincoenta leguas a oeste do rio Paraguay, visando deter o avanço castelhano.

Em 1754, os commissarios hespanhoes, cumprindo o tratado de Madrid, plantavam o marco divisorio na foz do Jaurú. Annullado aquelle tratado em 1761, a pyramide de marmore foi mais tarde removida para a praça principal de Caceres, a Villa Maria, fundada pelo Capitão General Luiz d'Albuquerque, a 6 de Outubro de 1778. Dois annos antes o grande pro-consul encetava a construcção, á margem direita do Guaporé, do «sumptuoso marco de posse», constituido pelo Forte Principe da Beira.

Como esses capitães generaes, escolhidos entre os dignatarios mais capazes, de mais valor, com poderes absolutos, não poderiam ter realizado grandes cousas?

Rolim de Moura permanecia 14 annos no cargo. Caceres, de 1772 a 1789: continuava-lhe a directriz atilada o irmão João, até 1796, quando victimado pelas febres na malsã Villa Bella. Oeynhausen, o Marquez de Aracaty, mais de dois lustros. Mais tarde, um simples capitão de pedestres se julgará perseguido e degredado, não conseguindo regressar a Côrte em menos de um anno...

Luiz de Caceres cortava largo o patrimonio brasilico sobre a vastidão central: o seu olhar se detinha a oeste e a sul. Antes mesmo de abaluartar o Guaporé, assentava firmar sobre o Paraguay poderosa tranqueira, enfeixando as duas margens e que, assignalando os limites da capitania, lhe servisse de apoio e defesa.

Politico habil e opportunista, aproveitava a violação pelos hespanhoes da convenção de 1761, ao crearem um estabelecimento na foz do Ypane: pretextando conter correrias dos Payaguas, enviava uma expedição a Fecho dos Morros, sob a chefia do capitão de auxiliares Mathias Ribeiro da Costa, que se aprestou em Cuyabá.

Reunido o trem de guerra e de aprovisionamento, Mathias seguiu com 142 homens em 14 canoas, a 23 de Julho de 1775. Após um mez de viagem, Ribeiro engana-se lamentosamente e a 13 de Setembro lança a primeira pedra do Presidio de Nova Coimbra, não em Fecho dos Morros, mas estreito de São Francisco, 200 km. a norte, sobre a margem do Paraguay «da parte do poente, em hua ponta, por não haver paragem mais acomodada para estabelecer entrincheirado...»

Faz assente d'uma fortificação de forma quadrada, presentes as tropas formadas em batalha, bandeiras reaes desfraldadas no acto da revalidação de posse. E data o termo, convicto, da «situação athé agora chamada Fecho dos Morros...»

Tão logo soube Caceres do ocorrido e teve conhecimento exacto do equivoco, exonerou Mathias do cargo de commandante do presidio e o afastou de qualquer funcção publica. Analysadas, entretanto, imparcialmente, as instrucções muito minuciosas expedidas pelo capitão general, verifica-se a facilidade com que o chefe da expedição podia incidir em erro. No paragrapho 2, ao ordenar a esquadrilha de canoas descer o Paraguay, aconselha Caceres: «ultrapassadas as pantanosas e variaveis boccas que de ordinario offerecem os rios Taquary e Inbotitiu (M' Botetey, como pelos Indios era conhecido o Mondego, ao depois Miranda?), descerá quanto baste a chegar a Fecho dos Morros...» Mais, procura esclarecer: «consta-me que dous dias serão necessarios...» A distancia Corumbá-Fecho dos Morros é hoje vencida em dois dias, mas em vapor. Dia e meio empregou comnosco o transporte Antonio João, de Coimbra a Fecho dos Morros.

A indicação foi tomada muito ao pé

---

(2) Aff. de Taunay, Historia Seiscentista, pag. III.

da letra: ao cabo de dois dias de viagem, em canoa, correspondendo a topographia ás informações e percebendo a sul somente a immensidão do pantanal, comprehensivel que Mathias da Costa firmasse o pendão das quinas no estreito de São Francisco.

Somente 75 annos mais tarde, em Julho de 1750, occupavamos militarmente o Fecho dos Morros, com um pequeno destacamento de 60 praças. Antes, em 1847, o Presidente de Matto Grosso havia ordenado a construcção de um quartel e a installação de um Destacamento em Pão de Assucar: a mesma informação reza que essa guarnição, composta de 25 praças do 2.º Batalhão de Art. a pé, occupava a ilha, quando atacada por surpreza, teve de retirar para a margem esquerda. Seja como fôr, o nosso fraco contingente não se poude manter ante a investida, em Outubro de 1850, de 800 paraguayos. Abandonamos a região, que em 1872 era novamente incorporada ao nosso territorio.

A Historia, serena e imparcial, não pode ser, para uma Nação, apenas o estendal de victorias, de conquistas, de successos gloriosos que lisonjeiem o amor proprio de seus filhos e lhes estimule o espirito patriotico. É tambem o relato minucioso de revezes, de decepções, de emprezas frustradas pelo patriotismo de outros povos. E estes revezes, mais do que as victorias, nos devem ser ensinamento proveitoso e rude lição, incitando precaver-nos, afim de que a experiencia do passado não consinta novos erros, nem sacrificios estereis.

O presidio de Nova Coimbra foi destruido pelas chammas em 1777. Males ha que vem para bem: a reedificação de pedra e cal teve começo dois annos depois, com muralhas guarnecidas de setteiras e disposição mais favoravel, merecendo dahi em diante a denominação de Forte de Coimbra. Foi, mas tarde, incumbido de dirigir as obras o tenente coronel de engenheiros Ricardo Franco de Almeida Serra.

Pronunciamos o nome de um benemerito do periodo colonial.

Vindo para a Capitania em 1782 permaneceu em Matto Grosso, como Leverger, até a morte. Durante 27 annos consagrou actividade, saber e incessante esforço aos serviços administrativos, ao deslinde de limites, a explorações diversas. Culmina a carreira de engenheiro militar com a gloriosa defeza de Coimbra, em 1801, e o soberbo rechasso da esquadrilha de D. Lazaro Ribera. Resumamos o inesquecivel feito.

A 16 de Setembro daquelle anno apresentava-se arrogante o Governador de Assumpção, exigindo, após algumas horas de fogo, a entrega da praça, por haver verificado serem as suas forças muito superiores, não podendo deixar de vaticinar aos portuguezes o ultimo infortunio. «Pues de lo contrario, continuava o castelhano, a canon y a espada decidiré de la suerte de Coimbra, sufriendo su desgraciada guarnicion todas las extremidades de la guerra...»

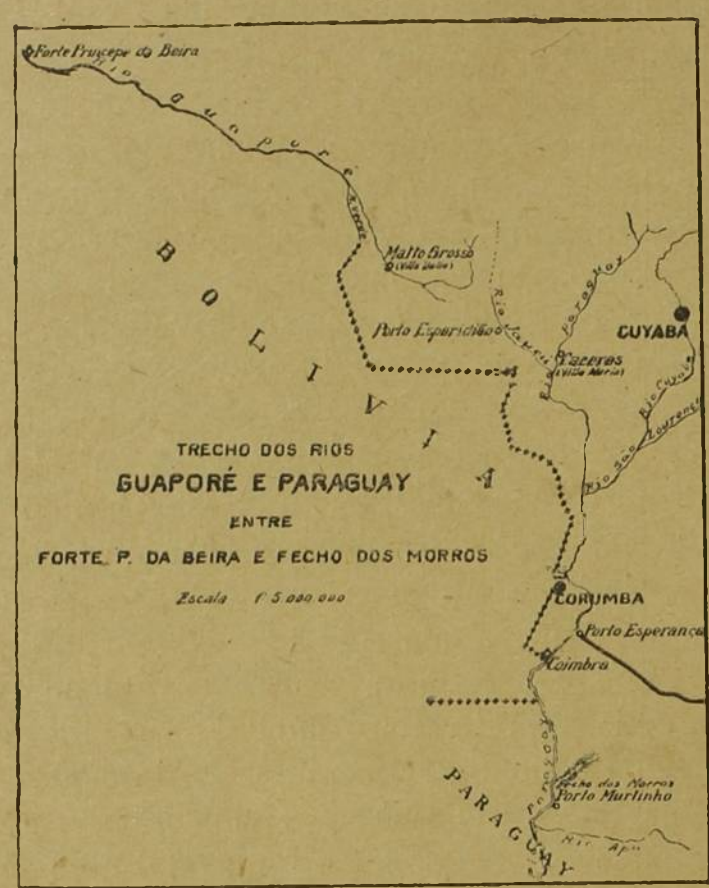
Curta e altiva a contestação de Ricardo Franco. encerra em algumas linhas o epico e a galhofa. Affirma a resolução em que está toda a gente do presidio de repellir o inimigo e sepultar-se debaixo das ruinas do forte que lhe foi confiado. Parodia, zombeteiro, as Termopylas: sois numerosos? Tanto melhor: «a desigualdade de forças foi sempre um elemento que muito animou os portuguezes a não desamparar o seu posto e defendel-o até a ultima extremidade...» Não descuida as boas regras de cortezia: o fecho é: «a distincta honra de ver em frente a excelsa pessoa de V. Ex. a quem Deus guarde...»

A guarnição de Coimbra não excedia de 110 homens. O corpo castelhano trazia embarcados de 600 a 800. E após nove dias de fogo, sem damno algum para a primeira e perda de vinte homens para o segundo, D. Lazaro recolhia a Assumpção.

Como não admirar, além da penetração politica dos chefes, o valor e a capacidade de acção e de trabalho desses homens? Navegando o Amazonas e o Madeira, contornando as cachoeiras atravez de picadas, remontando o Guaporé, varando para o Jaurú e descendo o Paraguay, a artilharia de Coimbra viera trazida por centenas de leguas e atravez de mil obstaculos, tran-

cada como se achava a navegação directa do ultimo rio, pelos hespanhoes.

Sessenta annos mais tarde, a 27 de dezembro 1864, repetia-se a gloriosa façanha, pelo desproporcionado das forças. Não



com egual exito de nossa parte: eramos desta vez os retirantes, esgotados os recursos de defeza, mas illudindo o adversario até o ultimo momento.

Vicente Barrios, cunhado de Lopez, com oito vapores e algumas chatas, transportando 3000 homens, surgia de chofre ante o forte, intimando os seus 157 defensores á entrega, dentro de uma hora. Commandava o ten. coronel Porto Carrero, que fora instructor do exercito paraguayo: o emmaranhado da assignatura do chefe adverso não permittira áquelle reconhecer quem firmara a intimação. Mas a Barrios despertou surpreza, produzindo vacillação na investida, encontrar pela frente o antigo mestre.

Mandou, ainda assim, desembarcar dois batalhões, combinando duplo ataque, pela gola e pelo lado sul.

Foram repellidos ambos, com grandes perdas, apezar de haverem chegado até as muralhas do forte, tentando escalar os parapeitos.

Tem aqui logar um incidente, que parece partilhar mais da lenda do que da historia. Ouvi-o contado no proprio local, e figura escripto em mais de um relato. Em certo momento, durando a investida já horas, começou a ser sentida a falta d'agua no entrincheiramento. D. Ludovina, a digna e valorosa esposa de Porto Carrero, cingiu com a facha do ten. coronel a bochechuda imagem de N. S. do Carmo, a padroeira do forte e mandou o musico Verdeixas alevantal-a as ameias, aos gritos e vivas enthusiasticos da guarnição. A tropa inimiga cahiu de joelhos. A tregua se estabeleceu em tacito e commum accordo. Duas mulheres de soldados, cujos nomes o Livro de Ouro do forte conserva — Anninha Cangalha e Maria Fuzil — desceram ao rio, en-

cheram as vasilhas e regressaram, sem serem molestadas.

Retirada a imagem da setteira, o fogo recomeçou intenso até o entardecer em que, com sensiveis estragos, os assaltantes reti-

ravam desordenados, metralhados ainda pela canhoneira Anhambahy.

No dia seguinte, a resistencia continuou vigorosa, sobresahindo como na vespera, a heroica figura de Oliveira Mello, o Mello Bravo, Mello Sará, que, enviado a noite reconhecer o campo, contava mais de 100 mortos, recolhia 15 prisioneiros e 85 fuzis.

Mas a carencia de viveres e, principalmente de munições, obrigava a guarnição a abandonar a praça, realizando á noite a retirada em completa ordem, levando, as suas bandeiras e o cofre do batalhão, transportando-se até Corumbá pela Anhambahy, do commando de Balduino de Aguiar.

O inimigo continuou durante horas a bombardear as muralhas evacuadas, apossando-se da praça somente a 29, no mesmo dia em que o Major Urbieta atacava a Colonia militar de Dourados, com 250 homens, reduzindo a escassa guarnição chefiada por Antonio João, o heroico tenente que redigia como despedida a seu chefe a espartana missiva: «Sei que morro...»

Os paraguayos occuparam Coimbra até Abril 1868, desmantelando o forte, cuja reconstrucção foi iniciada em 1870 pelo Major Lobo d'Eça. Simples reducto antes de 1864, as obras foram ampliadas em 1872 pelo major de art. Francisco Nunes da Cunha, que o commandou.

Ergue-se ainda no esporão que o Morro da Patrulha lança normal ao rio: o declive accentuado exigiu uma serie de planos em que se apertam, na parte baixa, dominando o rio de uns doze a quinze metros, as prisões, corpo da guarda, intendencia e administração. Na pequena praça amontoam-se canhões de antiquado typo. A commissão de obras dirigida pelo hoje marechal reformado Albuquerque Souza, installou, no segundo plano, algumas peças de marinha em plataformas apropriadas: — constituem a bateria Ricardo Franco, de onde se domina o vasto estirão a jusante. Cochicham as praças que ahi costuma vir rondar, á meia noite, a alma do primeiro defensor do forte: raro conseguir a permanencia de vigia isolado na bateria mal assombrada.

A escadaria de pedras que dá accesso ao ultimo plano é irregular e talhada para gigantes: os degráos se espaçam em intervallos irregulares e desaconselhados pelos tratados. Contornam o forte e fecham a gola, ao alto, as muralhas ameadas, avolumando o alvo. A sahida pelo portão Sul é relativamente suave, embora a rocha que constitue a escada, alizada e escorregadia, exija precauções.

O quartel das praças e as casas para officiaes são abrigados pelo morro e demoram a poucas centenas de metros do portão norte. Incomprehensivel que a escassez de verbas não tenha permittido installar indispensaveis telas de arame nas janellas: a despeza já teria sido largamente compensada pela economia de medicamentos. Mas a ninguem é dado innovar em creditos distribuidos e é responsabilizado o desvio de verbas, ainda que o novo destino seja mais apropriado e mais util.

A sul do forte demora a aldeia, com agencia do Correio, trinta ou quarenta casas de páo a pique, poucas recobertas de zinco. Singela e rudimentar capella abriga a padroeira, a mesma imagem, que transportada por uma filha de Porto Carrero, refugiou-se em Cuyabá e regressou triumphalmente, annos depois.

Vegeta pobre e indolente a população da aldeia, ahi enraizada pelo parentesco com velhas praças engajadas ou reformadas. Nulla ou quasi improductiva a lavoura, escassa a criação de gado. A lenha, recurso que seria rendoso, com o fornecimento aos vapores, rarêa e se torna cada vez mais distante, não compensando o trabalho de corte. Mal succedida uma tentativa de plantio de eucalyptus, por não haver sido iniciada com energia, nem espirito commercial, embora tudo aponte a necessidade inadiavel de reflorestamento.

O serviço do forte é o de presidio e a visita fiscal ás embarcações. Dizimam a guarnição as polinevrites, endemicas nas enchentes e outras molestias vehiculadas pelos mosquitos. Para alimentar muito escassamente os effectivos, um que outro voluntario, attrahido talvez pela subsistencia

reúna: os poucos sorteados anceam por transferencia. Officiaes, quasi todos de reserva, resignam-se com fatalismo musulmano e se estiolam no desterro, indifferentes ou contemplativos.

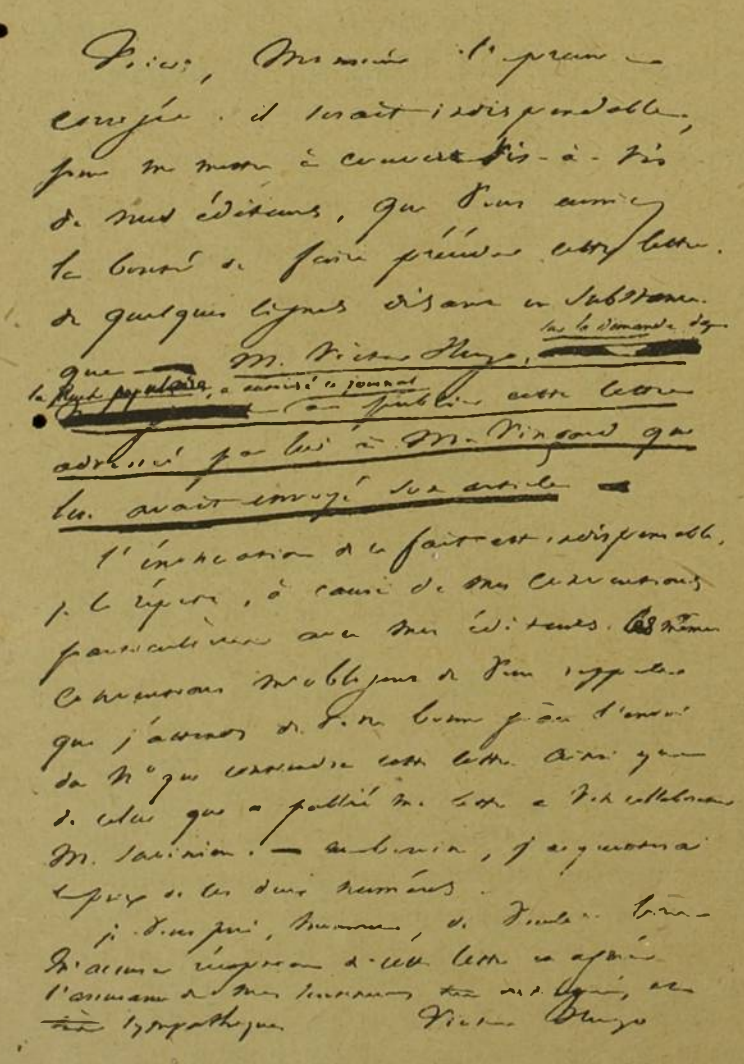
Pelas margens do rio, sobre o relvado das varzeas, revoadas de garças brancas, e, aos pares, meditabundos tuyuyus. Nas aguas rebrilham prateadas escamas de piranhas, emeritas operadoras de phymoses nos banhistas descuidados. Na apathia das tardes sem vento, neutralisando a formosura do chromatismo crepuscular, nuvens temerosas de mosquitos, contra os quaes não ha resguardo nem defesa.

Em tudo, no ambiente quebrantadiço, pelas vetustas pedras do forte, na pobreza das choupanas colmadas, a mesma impressão de inercia, de lassitude e de tedio. Nenhuma efficiencia, o mesmo abandono das aguas pesadas e turvas, descendo lentas e torcicollosas em demanda do oceano e do esquecimento, até que um lestal vivificante de patriotismo e de fé torne a retezar as adriças no mastro da nacionalidade.

General MALAN

Correspondencia inédita de Victor Hugo, Lamartine, Pedro II, Gonçalves Dias e Francisco Octaviano

As cartas publicadas abaixo — de Victor Hugo, Lamartine, D. Pedro II, Gonçalves Dias e Francisco Octaviano — são inteiramente inéditas. Com excepção da que é dirigida por Lamartine a Leonel de Alencar e da de Gonçalves Dias a Mme. Peixoto, (que nos fôram communicadas amavelmente por Jorge de Alencar) pertencem todas á preciosa collecção de autographos de mademoiselle Georgina de Souza Lopes, a cuja grande generosidade devemos o prazer de divulgal-as.



Voici, Monsieur, les épreuves corrigées. Il serait indispensable, pour me mettre à couvert vis-à-vis de mes éditeurs, que vous eussiez la bonté de faire précéder cette lettre de quelques lignes disant en substance que — *Mr. Victor Hugo, sur la demande de la Ruche populaire, a autorisé ce journal à publier cette lettre adressée par lui à Mr. Vingard que lui avait envoyé son article.*

L'énonciation de ce fait est indispensable, je le repéte, à cause de mes conventions particulières avec mes éditeurs. Ces mêmes conventions m'obligent de vous rappeler que j'attends de votre bonne grâce l'envoi du n.º que contiendra cette lettre à votre collaborateur Mr. Savinien. — Au besoin, j'acquitterai le prix de ces deux numéros.

Je vous prie, Monsieur, de vouloir bien m'accuser réponse de cette lettre et agréer l'assurance de mes sentiments très distingués et très sympathiques.

Victor Hugo.

St. Point. 27 aout 1856.
près Mason (Savoe et Loire).

Mr de Lamartine regrette vivement de ne pas s'être trouvé à Paris pour y recevoir la visite de Monsieur de Alencar e pour le remercier des éxcellentes nouvelles et des marques de sympathies qu'il lui apportait de la part de son frère et de ses compatriotes. Il répond aujourd'hui à ses amis de Rio Janeiro retenu à la campagne pendant quelques semaines et sera très empressé à la fin d'octobre d'offrir à Monsieur de Alencar tant l'accueil qui il doit à ce qui porte le nom d'une Nation si Bienveillante et si amie. Il prie Monsieur Leonel de Alencar d'exprimer à son frère toute sa sensibilité pour les admirables articles qui lui ont valu la sympathie si honorable et si appreciée de la nation Brésilienne.

Al. de Lamartine.

---

7 Janvier 1841.

Mon General,

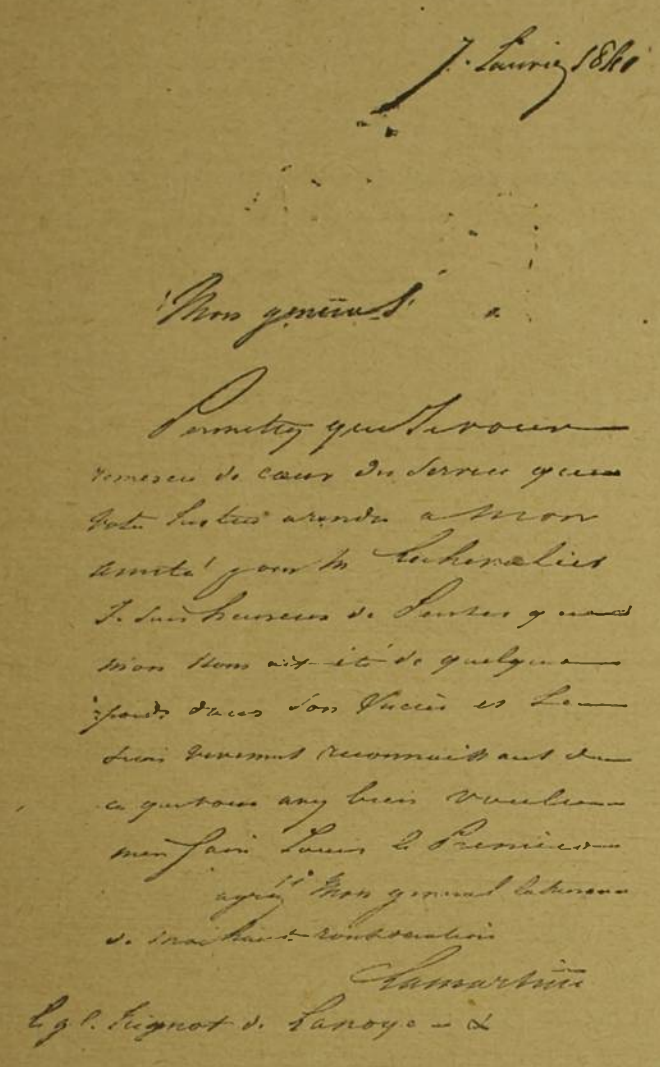
Permettez que je vous remercie de cœur du service que votre justice a rendu à mon amitié pour M. Luhenalier. Je suis heureux de penser que mon nom ait été de quelque poids dans son succès

et je suis vivement reconnaissant de ce que vous avez bien voulu m'en faire jouir le premier.

Agréez Mon General l'assurance de ma haute consideration.

Lamartine.

Le gl. Tugnot de Lamoye — L.

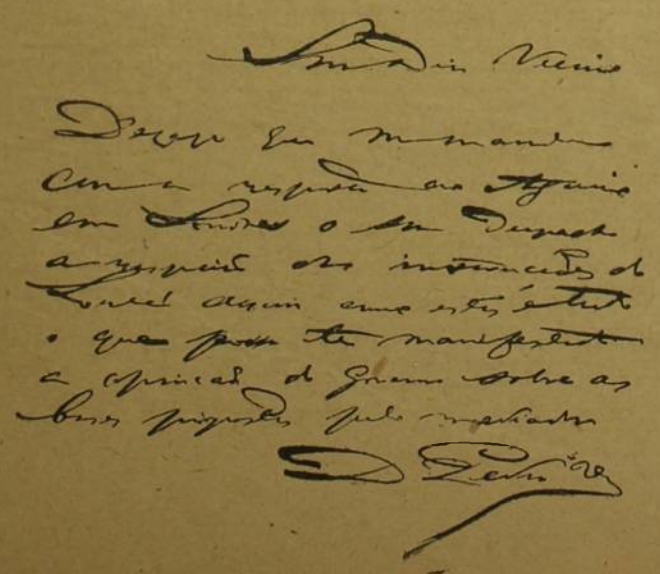


A. Gonçalves Dias faz seus cumprimentos a Mme. Peixoto e manda-lhe dizer que Mr. le Chevalier da Mota (estylo official) anda muito atarefado com negocios d'alta diplomacia. Não está em casa.

O portador entregará a S. Ex. umas azas e cabeças de bezoiro, que são restos, não de Paris, mas do Pará.

As frandulagens parisienses são para sua marca — umas *diabruras* de Stereoscopo, que não sei se será genero novo em Lisbôa.

S. C. 29 de Novembro de 63.



Sr. Dias Vieira,

Desejo que me mande com a resposta ao Aguiar em Londres o seu despacho a respeito das instrucções de Louré assim como estas e tudo o que posso ter manifestado a opinião do governo as bases propostas pelo mediador.

D. Pedro II.

Côrte, 4 de Maio de 81. Confidencial

Meu caro Mauá,

A sua carta só hoje me foi entregue, porque ao regressar de Therezopolis, onde pensei ter recobrado alguma força, me veio acommetter um novo attaque dos rins, que me prostou toda a semana passada. Só hoje me derão licença de me occupar da vida e cumpro um grato dever dando preferencia a V. sobre todos, porque sei hoje mais do que nunca o que é o desengano do mundo e só estou bem com os infelizes como eu!

V. tinha todo o motivo de se illudir sobre a importancia junto do ministerio, porque sabe quantos sacrificios de mocidade, talento, dinheiro e saude fiz a isto que chamamos partido liberal. Já exhausto, ainda na ultima sessão fui o principal eixo para levar ao cabo a reforma eleitoral. Pois bem! valho tanto para o Ministro como um cadaver. E o sr. Ministro de estrangeiros me honra com affecto tão entranhado que ha quasi um anno não pisa na minha casa, nem mandou um creado saber de mim quando ha seis mezes as folhas annunciavão a m. grave molestia.

A prova de meu valimento ahi está no Pereira Lima para o qual m. mulher não pode arranjar o mais insignificante vice consulado! E note que o Ministro cresceu ao lado de minha sobrinha, a quem tratava de irmã, no tempo em que á ambos servi de pai!

Quanto eu desejaria servir o seu afilhado. V. não pode por em duvida, não so por V., mas tambem pelo nosso amigo Barão, de quem so tenho motivos para ser amigo.

Todavia, sem esperança alguma, vou trabalhar no cumprimento da sua ordem. Mas si o pobre moço não tiver outro padrinho, creio que naufragará.

Já tinha sabido do acerto de o chamarem para a direcção dos negocios da Pastoril, e creio mesmo que se não fôra a pessima legislação commercial que os liberaes ainda mantem, V. estaria na liquidação geral de sua casa como o unico capaz de a fazer.

Na nossa terra continua o palavrorio, a intriga, a mesquinharia e a inveja. Tudo o que connheci de grande desappareceu! O reinado actual acaba por um montão de cogumélos. Felizmente Deus quer que o Brasil seja alguma cousa, porque lhe deu forças independentes dos governos.

E' isso que ainda dá esperança aos desamparados. Ai de mim! Queria consolal-o e so lhe escrevo coisas tristes! Eponina lhe manda um apertado abraço e o meu Jarbas lhe beija a mão.

Seu amigo

Francisco Octaviano.

O FASCISMO

Uma revolução vencedora sempre julga que sua victoria encerra o cyclo de desordens. Logico, pois, o espirito violentamente conservador do revolucionario *arrivé*. A energia excessiva com que reprime movimentos analogos ao seu proprio, além de natural, é prova de sinceridade: portador e realisador de uma fórmula de salvação, não admitte, a bem da mesma ordem, se modifique o tratamento instituido.

Foi o caso do fascismo triumphante. Sua dureza para com os oppositores ou os discolos sorprehendeu, mas era coherente. Ainda, em communicação recente á imprensa do Rio, seu chefe a proclamou e exaltou.

Surgiram na execução, porém, difficuldades sérias, oriundas da multiplicidade de fontes formadoras dessa cruzada politica. Não se tratava de uma corrente simples. Era a confluencia de tendencias e de actos vindos de pontos diversos do horizonte, e apenas ligados por alguns conceitos communs. No mais, contradicções e divergencias sobrepujavam e se combatiam.

Nada mais complexo do que ser guia de grupo eventualmente coheso por alguns pontos de vista geraes, mas fundamentalmente scindido por convicções essenciaes divergentes.

A verdade do velho dito, que nota serem os chefes, como taes, forçados a seguir seus commandados, não era de molde a facilitar a direcção de exercito tão pintalgado de noções oppostas.

A ductilidade politica com que Mussolini se tem havido á frente da massa heterogenea de seu séquito, explica e justifica o facto de ter elle avultado como cabeça unico na phase preliminar, em que surgiu e se formou a legião dos Camisas Pretas.

Emquanto preciso, foi méro suggestionador e conductor de multidões. Vencedor, tornou-se homem de governo, a par das necessidades sociaes e politicas. Foi e é chefe nos dous periodos successivos: na refréga e na lucta; na victoria e na organisação do paiz.

O processo não nos sorri. Não parece existir, na historia do mundo, revolução pela violencia que se não houvéra podido poupar a bem do progresso da humanidade. O impulso inicial é máo. Proliféra, pois o principio de fôrça e de explosão é immanente nelle. Assim como, no dogma, o dissidio illimitado imposto pelos protestantes em revolta, resultou no pullular de seitas até a pulverisação das interpretações individuaes; assim, na regencia dos homens, o tumulto e a rebeldia se estendem e se abaixam, dos mais graduados aos comparsas mais insignificantes. Começam pelos elementos mais altos; terminam no soviet e na anarchia.

Feito o movimento, entretanto, não nos cabe sinão examina-lo como phenomeno historico, indagando origens, tentando perscrutar seu evoluir.

Desse ponto de vista, repetimos, o fascismo foi producto do feitio peculiar á Italia quasi toda, com todas as suas orientações contradictorias, e suas exigencias dispares.

Dar a esse complexo multiforme e chaotico uma directriz unica, sem accidentes na curva de seu desenvolvimento, fôra tarefa mais que humana. Fatal, a intercurrencia de crises e de oscillações em rumos varios. Essa foi, e continúa a ser a historia do fascismo até hoje.

Um grupo existe, talvez a maioria, no qual as aspirações são razoaveis e nada têm de excessivo ou exagerado. São o elemento de governo, conservador e estavel, sobre o qual forçosamente têm de se apoiar o programma e o engrandecimento do paiz. Constitue a maioria governamental em toda parte. Infelizmente, como massa, é mais inerte, menos operante do que as duas alas

combatentes e extremistas em sentidos oppostos.

Uma, a direita, exagerava e ainda continúa a accentuar seu conservatorismo. Visa homens mais do que idéas. Quer a repressão energica de tudo quanto, de longe, pareça capitular ante Moscou, a Terceira Internacional, o bolchevismo, o proprio socialismo. Tem seu nucleo principal nas praças industriaes do Norte da Italia.

A outra, a esquerda, era a transformação do elemento socialista que havia recuado dos exageros libertarios e internacionaes anteriores á guerra, mas ainda conservava ardentes os protestos contra desegualdades sociaes, soffrimentos não merecidos, ingratidões patentes. Eram os desilludidos e os amargurados, cujo ideal simplista se traduzia sem rebuços: os despojos aos vencedores. A victoria, a ser aproveitada por estes ultimos, e, de preferencia, pelos combatentes vanguardeiros.

Entre essas inspirações heterogeneas, hostis mesmo, tinha de se exercer a acção reconstructora.

Valeu-se esta da mesma inimisade e desconfiança, reinantes entre os grupos extremos. Situado em ponto médio, conservador que não excluia a marcha para a frente, Mussolini beneficiava e ainda beneficia, além de seu grande prestigio pessoal, do facto de constituir a solução que menos dividia e enfraquecia o partido em seu conjuncto.

Para os partidarios da exploração systematica do triumpho, elle impede o advento ao poder da fracção mais moderada, a que, para os *puros,* se compõe de verdadeiros trahidores do ideal fascista.

Para estes ultimos, vale o Duce por antemural que se oppõe ao predominio dos méros aproveitadores de situações, como consideram aos esquerdistas da *nuance* Farinacci.

Entre os dous escolhos, navega e se dirige o barco governativo. É evidente, entretanto, que o chefe supremo tomou por Norte, com grande habilidade e tacto, a méta conservadora e progressista, a *middle way,* em que se corporificam neste momento os interesses permanentes da nação.

Agindo, pela fôrça dos acontecimentos, como arbitro da hora, poude realisar medidas, de muito promettidas e nunca levadas a termo por seus predecessores.

Agradou aos operarios, decretando e pondo em pratica o dia de oito horas. Agradou aos conservadores, reorganisando as finanças, saneando-as e iniciando éra nova de *superavit* orçamentario. Tranquillisou os capitaes. Disciplinou a administração publica, restabelecendo a ordem e a seriedade onde reinavam anarchia e facilidades culposas.

Para isso, seus melhores collaboradores foram antigos chefes de serviços, conservados apesar de suas opiniões politicas. Obra de homem de Estado, que se eleva acima dos dissidios secundarios de pareceres.

O artigo da *Foreign Affairs,* já citado paginas atraz, diz, com acerto, dever levar-se a credito de Mussolini o desejo sincero de applicar a fôrça do fascismo ao restabelecimento do principio da ordem e da auctoridade. Violou a lei para melhor servi-la, diriam paraphraseando antigo conceito das monarchias de direito divino. Além de seu prestigio individual, allegava traduzir o sentimento da maioria da Italia.

Por esta convicção, as classes conservadoras o auxiliaram de modo decisivo, e até épocha recente os principaes vultos dos antigos partidos não lhe crearam embaraços. Mais do que isso, sustentaram-no poderosamente em várias occasiões, e até nas urnas.

Já em 1924, conscio de ter prestado serviços reaes, o governo quiz consultar o paiz para terminar a crise revolucionaria pelo pronunciamento eleitoral da Nação. Sempre a historica licção: a desordem, ansiosa por voltar á normalidade da lei; a velha *maitresse,* a sonhar com a regularidade do casamento.

Foi contrária a resposta. Os grandes industriaes do Norte e do Centro não perdoaram o terem sido por demais attendidos os reclamos socialistas. Os novos grupos, o socialista e o popular, provaram adversarios de valor, embora inicialmente hou-

vessem sido menospresados. Só a Italia do Sul, mais dominada pela machina eleitoral dos antigos *leaders* tradicionaes — Salandra, de Nicola, Orlando e outros —, deu franco apoio á nova ordem politica. O Norte repelliu-a. No Centro, os fascistas, quasi equilibrados com os adversos, venceram por margem estreita. Tirados taes contingentes alheios, era claro que a Italia, em seu conjuncto, havia condemnado a nova fórmula, apesar de tudo quanto esta fizera para dar ganho de causa a seus partidarios.

Foi quando se deu o assassinato do deputado socialista Matteoti. Immediata, a repercussão no ambiente politico. Os antigos chefes derrubados após a tomada de Roma afastaram-se desde logo. No Parlamento, a parede abstencionista formou-se. Os conservadores, na massa popular, accentuaram sua repulsa dos processos de criminosa violencia da ala esquerda dos exaltados. O eleitorado rural, fundamente religioso e sempre muito hostil ás Camisas Pretas, mantinha sua posição inconciliavel, pela perseguição que os *ras* exerciam contra o cléro.

Viu-se, portanto, Mussolini constrangido a contramarchar. Para não perder o poder, elle, um conservador esclarecido, teve de buscar auxilio nos extremistas que só comprehendiam uma senha: o partido a explorar a victoria. Evoluiu, um tanto, nesse rumo, mas sempre attento em aproveitar occasiões de restabelecer sua orientação propria, a pacificação dos espiritos e a tranquillidade geral.

Assim começou o progressivo abandono da apparencia legal com que, nos primeiros tempos, havia tentado mascarar os factos de 1922. Por um methodo que lembra, em sentido inverso, a conquista jacobina da França revolucionaria em 1789-1793, cuidou de eliminar pela intimidação, pela violencia, por medidas excepcionaes, concentrando em suas mãos fôrça e repressão, quantos discordassem do crédo fascista.

Mantinha-se intacto seu prestigio pessoal. Augmentou-o, agindo de modo a conquistar novas fôrças conservadoras. Propiciou o exercito, que lhe não era sympathico. Angariou apoio no meio industrial, pelos syndicatos fascistas, aos quaes protegeu officialmente e onde compulsoriamente uniu patrões e empregados, todos subordinados ao ministro das Associações a que sua vontade inspirava: assim, com a ameaça de *gréve*, forçava a obediencia patronal; com o capitular desta, dava ao operario a impressão de que era protegido contra exploradores. Aos demais syndicatos tranquillamente supprimiu, quer os socialistas, quer os catholicos. Ás populações ruraes prometteu extinguir os ultimos restos de banditismo, e seduziu com a accentuação de sua politica de sympathia e de auxilio ao cléro. De facto, no exterior frisou cada vez mais quanto o governo italiano procurava roborar a acção do Vaticano; no interior, melhorou vantagens e honras tributadas á hierarchia ecclesiastica.

Foi além. A pretexto de conter excessos opposicionistas nas cidades menores, creou e nomeou os *podestás*, resurreição medieval sympathia ás tradições historicas das massas populares. Restringiu dest'arte liberdades locaes, é certo; mas supprimia os *ras*, cuja tyrannia era detestada. A medida foi bem recebida por esse motivo. Não notavam, porém, que era o fortalecimento do Duce, ao qual compromettiam os abusos, as extorsões e vinganças de taes régulos da ala esquerda do partido.

Cessaram disturbios, bem como perseguições ao cléro, e o desrespeito á legislação commum em prol de minorias ávidas e audazes. Quando se sentiu bastante forte, alijou ao proprio Farinacci, chefe dos extremistas, a pretexto dos ataques por estes movidos contra o secretario de Estado da Santa-Sé, o cardeal Gasparri.

Ainda ha poucas semanas, em Assisi, o *Sacro Convento*, tornado leigo e confiscado pelo Estado desde 1870. e no qual estabelecêra um orphanato para filhos de professores primarios, foi retrocedido aos filhos do *Poverello*. Ali, ha pouco, cousa que se não vira ha mais de meio seculo, o rei de Italia foi recebido com o antigo ceremonial catholico soberano, abolido desde a brécha aberta na Porta Pia.

Pouco a pouco, portanto, conseguiu Mussolini fazer triumphar seu conceito pessoal de governo interno do paiz, conservador e pacifico.

Só o fez, comtudo, construindo progressivamente a dictadura. Com razão diz a *Foreign Affairs: « After a first period of effort to bring the Fascist Government within the constitutional orbit, and a second period of progressive tendency toward a dictatorship, Fascism has reached its logical term: the fate of Italy hangs on one man!...»*

Nenhum favor é salientar que, na administração interna do reino e na politica propriamente nacional, os resultados foram notaveis. O valor de Mussolini consistiu em sustentar, por vezes com real esforço, os auxiliares que soubéra escolher entre os melhores elementos dos partidos supplantados pelo fascismo. Rocco, Federzoni, di Stefani, são os grandes nomes a citar neste sentido: foram os technicos que realisaram a visão do homem de Estado que os chefiava.

A tendencia, entretanto, ia além. O fascismo era e é uma phase nova na comprehensão do problema geral de governo, em todo o mundo, querem seus adeptos. Não admittem, como pensam muitos, menos obcecados pelo espirito regionalista, seja apenas a solução italiana da fallencia do parlamentarismo, e o capitulo final das reivindicações integralistas das terras irredimidas.

No conceito generalisador abrangiam tambem a actividade internacional, e nella preconisavam os mesmos processos simplistas, de violencia e de suppressão de critica. D'ahi, conflictos sempre renascentes, pois os demais paizes não tolerariam jámais tal dictadura exotica a querer immiscuir-se nos problemas politicos de cada qual. Tanto mais grave a intervenção, quanto precisamente nas relações exteriores havia concordancia de rumos entre as duas orientações em conflicto no seio do partido: ambas exigiam a maxima energia no modo de tratar as outras potencias, energia que só visava sobrepôr interesses italianos a quaesquer outras considerações. As fôrças que se contrapunham e se combatiam no theatro da actividade interna do reino, e assim permittiam tomar para base de roteiro director o equilibrio entre os contendores, essas mesmas fôrças sommavam-se perante o extrangeiro, o que dava impulso dobrado e intensidade accrescida ás reclamações diplomaticas italianas. Grave complicação, no meneio pacifico dos negocios entre nações egualmente susceptiveis.

Nesse capitulo, mais ainda do que na politica interior, assume feição capital o perfil psychico do chefe.

Certo, é preciso dar devido desconto aos excessos de linguagem impostos pelo ambiente especial do fascismo. Explica esta ultima exigencia o feitio extranho de certos discursos aggressivos, ameaças véladas, programmas expansionistas prenhes de conflictos potenciaes, annuncios de imperialismos não definidos e imprecisos. O bastante para preoccupar ao mundo inteiro, e instituir uma atmosphera de constrangimento geral.

No fundo, os factos apresentavam aspecto muito mais simples e tranquillisador. Não perdia seus direitos a observancia, constante na diplomacia romana, do considerar realista dos problemas.

Quaes eram elles, em essencia? O irredentismo, a superpopulação.

Implicavam como soluções: annexar os territorios do fundo do Adriatico, até Trieste a principio, até Fiume em seguida; adquirir novos trechos á margem do Mediterraneo; intensificar a politica emigratoria; organisar a marinha mercante visando desenvolver exportações para mercados novos; activar a producção industrial do reino e limitar importações de materias primas, principalmente as de combustivel, pelo aproveitamento de quédas d'agua e das energias locaes.

Lembra justamente a revista americana ter-se Mussolini servido do estylo bombastico e ameaçador em discursos e programmas, para uso interno e fins partidarios. De facto, nas negociações diplomaticas seguiu os processos normaes da chancellaria, com a collaboração intima de um

alto funccionario da Consulta, Contarini, a cuja habilidade e sã visão politica muito deve o governo. Ambos, estreitamente ligados e solidarios, bem serviram a Italia.

A questão de Fiume tinha a particularidade de estar em contradicção com as necessidades de expansão economica do paiz. Si o conflicto territorial, mais de amor-proprio do que de interesse fundamental, deixasse após si rancores e hostilidades com a Yugo-Slavia, a penetração commercial da Italia atravéz os Balkans estaria ameaçada, pois as communicações, precarias e inseguras, atravessariam uma Sérvia inimiga e maguada. Foi o grande merito da Consulta ter agido de modo a evitar similhante situação, e, vencido o problema annexionista, haver celebrado accôrdo politico com Belgrado.

No caso do Dodecaneso, licito é duvidar do acêrto dessa incorporação de populações allogenas, mercado de importancia minima, archipelago cuja significação só póde ser militar, como conjuncto de pontos de apoio a fôrças navaes no Mediterraneo Oriental e no Egeu. Centro, talvez, de futuras discordias, á proximidade do canal de Suez, em caso de attrito entre a politica britannica e a sonhada hegemonia italiana nesse mar. Motivo innegavel, ainda, de acirramento das antipathias reciprocas com a Grecia, que, ella tambem, vê nessas ilhas terras a redimir para o hellenismo.

Em regra geral, entretanto, a acção diplomatica se realisou em condições mais ou menos normaes. Foi, até, alvo de criticas por parte dos extremistas da esquerda. Conseguiram estes provocar acções pouco brilhantes para o prestigio do reino, sómente para ostentarem poder e fôrça que ninguem negava, á custa de operações contra populações desarmadas. Referimo-nos ao bombardeamento de Corfú. Mussolini, para manter unida a frente fascista, teve de acceder e agir, mas parece duvidoso ser delle proprio a iniciativa do lamentavel incidente.

Duas tendencias coexistiam em conflicto: o julgar receita universal os processos usados na lucta partidaria interna; o querer seguir, com mais energia mas sempre com ponderação, a róta tradicional do ministerio de extrangeiros. Esta ultima, parece ter sido a norma Mussolini-Contarini.

Permanecerá ainda hoje, que se afastou da Consulta o segundo termo do binario? Só o futuro escliarecerá esse ponto, mas avulta cada vez mais para a orientação vindoura o feitio moral e politico do conductor dessa campanha.

Ahi surgem incognitas que obrigam a reflectir.

Já não são sómente o perigo immanente, a insegurança e a falta de estabilidade de um regime que se basêa no elemento fallivel que é uma unica existencia humana. São as proprias caracteristicas dessa existencia que, variaveis, contêm implicitas as mais graves e assustadoras possibilidades.

Até dias recentes, dentro na lucta interna de tendencias, no mesmo seio do partido, o espirito conservador de seu *leader* era motivo de tranquillidade para todos. Factos de hontem abalam hoje tal confiança, e dão a impressão penosa de que o attingiu certa vertigem das alturas, e de que não possue inteiro *contrôle* de seus nervos.

O primeiro phenomeno transparece em um artigo que O JORNAL, do Rio-de-Janeiro, publicou a 26 de julho ultimo.

«Acompanham-me meus legionarios»; «não quero discordias»; «fiz com que fosse approvado (o Codigo do Trabalho) não obstante o trabalho de sapa»; «annunciaram-me que certos grupos industriaes e financeiros andam intrigando para contrariar minhas deliberações. Pois bem, cruzarei espadas com elles. Emquanto me restar um sopro de vida, serei a expressão visivel e forte do Fascismo, serei a sua lei e os seus dictames»; «não supporto rivaes nem partilharei a responsabilidade ou o credito com pessoa alguma. Tambem não supporto meias responsabilidades nem meias honrarias. Sou a expressão viva de todos os principios pregados pelo Fascismo».

Taes palavras são textualmente transcriptas dessas declarações do Duce. E ainda

omittimos outras tantas, egualmente significativas.

Não escreveu Bonaparte por fórma diversa ao Directorio, em vesperas de Leoben e de Campo-Formio.

«*Dejá Napoléon perçait sous Bonaparte*».

Verdade é que, dictador Mussolini, mais se approxima sua situação da do Primeiro Consul, com poderes accrescidos.

Idealista convicto como é, resolvido a manter a casa de Saboia no throno italiano, sua sinceridade merece respeito. Deve-se, portanto, crer que, no seu parecer, o expurgo moral que iniciou nas fileiras de seu séquito representa o termo da evolução a que o partido se submetteu.

Não impede que, pelas fórmulas adoptadas, e na maior boa fé, póde repetir que resume elle o proprio Estado.

Quem não enxerga o perigo dessa substituição da Nação por um homem? Que garantias de estabilidade de regime offerece tal processo de absorpção, quando se dér uma transferencia qualquer de governo?

Mesmo na vigencia da presente situação, que conflictos potenciaes se acham em germen nessa coexistencia de poderes deseguaes, o régio méramente nominal, o do Duce, operante e omnimodo?

O segundo facto está ligado ao ultimo attentado, felizmente falho, de que foi victima. Dirigindo-se ao povo que o acclamava, annunciou a necessidade imprescindivel do restabelecimento da pena de morte para os crimes politicos visando o assassinato de membros do governo. Que outro lembrasse e defendesse a medida, comprehende-se ainda. Que o fizesse o proprio interessado, tira á suggestão o cunho essencial de serenidade que deve caracterisar o verdadeiro homem de Estado.

Pena será que se verifiquem taes impressões. Todo o mundo deseja que á frente da actividade italiana esteja uma personalidade forte. Todos, entretanto, aspiram a que á energia estejam alliadas calma, visão politica, julgamento impessoal das occurrencias, banidas a impulsividade nervosa e as deliberações puramente emotivas.

A prevalecerem estas, a politica internacional se transformaria em uma mina de acção differida, susceptivel de explodir ao primeiro gesto inconsiderado de quem não tenha plena posse de si-mesmo.

Seria lamentavel tal acontecesse. Principalmente para as relações italo-americanas.

O mesmo problema, por motivos oppostos, tem importancia vital para o reino mediterraneo e para as tres Americas: o povoamento.

Em excesso na peninsula, procura acertadamente seu exutorio nos paizes novos, de possibilidades maiores e vida mais farta. Insufficiente no continente occidental, exige affluxo das lévas de energia, de trabalho e de qualidades sociaes que a Italia nos manda.

Necessidades complementares, pois nellas está a base duradoura de uma politica de collaboração.

Agir de modo a perturbar tal ambiente, fôra o erro mais grave que se poderia commetter. Assim aconteceria si o fascismo se lembrasse de empregar em paizes extrangeiros os processos em vigor na mãe-patria. Ou ainda, si, com o vão intuito de manter viva e cohesa a nacionalidade em sólo alheio, contra as leis naturaes de absorpção da terra acolhedora, cuidasse de nesta exercer actos de soberania.

Para ser fecunda, a cooperação deve ser espontanea, voluntaria e cordial. Nunca imposta.

Claro, em estudo como este, feito de boa fé, com animo de união de interesses e de sympathias reciprocas, fôra obra de máo gosto e contraproducente insistir na inanidade de tal orientação imperialista, e na facilidade elementar de a combater e vencer. Serviria apenas para envenenar as cousas, e perturbar uma atmosphera de real accôrdo.

É sempre opportuno, comtudo, lembrar que o problema não é isolado, e sim interessa ao conjuncto de Estados soberanos que praticam a politica immigratoria, desde os Estados-Unidos até o cabo Horn, quanto ás Americas, o que explica nesse particular a solidariedade de seus pontos de vista e de seus rumos governamentaes.

Mas é cousa a ser constantemente posta em fóco nas cogitações dos chefes de Estado e nos gabinetes ministeriaes.

Já passou a épocha das rivalidades e guerras inter-americanas do seculo XVIII e mesmo a dos conflictos do seculo XIX. Nosso cuidado não é o da extensão territorial; é de gente para povoar nossos êrmos immensos. Quanto aos demais povos, nossa directriz commum é manter a paz com todos.

Uma róta politica internacional que visasse intervir em casa alheia com actos de soberania mais ou menos vélados, forjaria a união de todos os paizes, em repulsa solidária contra a ameaça collectiva e generalisada. Para todos, a liberdade e a independencia conquistadas pelos maiores excluem gestões extranhas. Constituem palladio sagrado e intangivel.

Todos, ainda, saberiam defende-lo sem medir sacrificios.

CALOGERAS.

TRYPTICO

I

O Valle da Serenidade. Em tudo a esperança, a affirmação do repouso. As montanhas pouco altas. Arvores raras. As encostas macias, em pastos, com bois de presepe, pastando. Nem faltava um riacho, em serpente. As margens largas, até os montes de cada lado. E cortando as curvas da natureza a fita branca, recta, lisa da estrada. Um bambual espesso, ao longo, algum tempo. Quando o vento dava que delicia ouvir o ranger dos troncos, rajados, imperiaes. Assoviavam finos, nitidos, e o farfalhar das folhas leves adoçava as flautas que ziniam.

A meia encosta uma casa branca. Muito larga, baixa, em arcadas. Linhas lisas. O azul das janellas eram quadrados do céu na alvura dos muros. Toldos listados gritando o amarello e o vermelho vivo das listas contra o fundo branco. Bancos verdes. Uma acacia em flor. Era Janeiro. As cores todas viviam intensamente, passada a confusão somnolenta do meio dia. Uma affirmação multiplicada de linhas rectas, coloridos sem matizes, ás trez horas. A's cinco o allivio do sol.

O arco da montanha, que descia, que se alongava, que pouco a pouco apagava o branco dos muros, o azul das venezianas, as arlequinadas dos toldos, os bancos e os grammados verdes, subia, descia, estirava-se e engulia as cores, os bambus, a estrada, e na outra encosta o sol subia demorado, empurrado, melancolico, saudoso. E o crepusculo anullava as rivalidades. Esticava os olhares em busca do horizonte, em evocação de doçuras. O sino da capellinha atraz do monte. Ave-Maria.

E a buzina conhecida. A poeirada na estrada. Como uma flecha descia a Lancia. Era elle, pontual, cabellos ao vento, o volante como uma aureola ás avessas, sobre a face.

Risos de creança no jardim desciam correndo entre os canteiros, sobre os canteiros. Na grade de madeira esperava o pae, o homem do volante, o pontual.

E descendo da varanda vermelha os trez degráus de tijolo, uma imagem de brancura e esbelteza, cabellos voando, lançando as saias leves em rythmo, arranjando uma flor, negaceando com a vontade de correr, a juntar-se ao grupo da grade. Ella, elle e a menina. A felicidade que desafia a vida. O esquecimento do dia máu, poierento, ensurdecedor. A lucta de cada hora na cidade sem piedade, na officina sem repouso, em que as grandes peças dos navios esperando em secco no dique, ou em molhado nas docas, eram repassadas, polidas, soldadas dos estragos das viagens. Depois, ou antes, ou durante, o escriptorio crepitante de Remingtons: os telegrammas de todos os continentes, um naufragio, um fretamento vultuoso, uma fallencia, a desorbitação continua. Uma volta pelo caes: o sabor do largo. Um navio que chegava lento, a fumaça em vertical numa immensa lassitude do repouso proximo. O que partia fremindo, subindo escadas, arrastando cabos, carregando a nossa nostalgia dos horizontes. Mercadorias enferrujando. Saccos e caixas. Biscoitos inglezes e rolos de cabos telephonicos. Automoveis e caldeiras. Lá dentro as pilhas em torres quadradas, ou amontoadas em blócos. Guardas espichados nos bancos. Cigarros apagando-se na bocca de marinheiros em folga, como passaros no chão arrastando as pernas como azas. Um grupo de immigrantes polacos. Uma casquette de couro. Uma bluza russa. Botas. Em cada um, um letreiro, como matriculas dos cachorros. Uma mancha loira e corada no meio. Laranjas escorrendo dos dedos das crianças. Uma tristeza horrivel nas rugas dos mais velhos. A esperança dura dos moços. Cre-

anças brincando com as pedrinhas do jardim, deliciadas com tudo aquillo.

E sempre o sol batendo, ferindo os olhos de ricochete, gerando no ar pesado, como uma presença, uma ubiquidade. As sombras raras. E não havia tempo de pensar em sombras.

E afinal, n'aquella hora de crepusculo a recompensa do dia. A grande sombra fresca das montanhas. O valle sereno. A casinha. Ella, elle, e a creança.

2

— Ah! afinal chegaste, meu querido!

Você não imagina o que tenho passado.

— Mas como foi? assim de repente? Eu sempre a conheci tão calma, como pode ter acontecido uma coisa dessas? Teu telegramma chegou-me ha pouco. Vim logo.

— Não foi de hontem como V. pensa. Ha perto de seis mezes, é que comecei a notar nella qualquer coisa de anormal. Mas não dei importancia. Foi quando voltei do Sul, que comecei a ficar arrepiado. Em dois mezes de ausencia, era outra pessoa.

Emmagrecera. Tinha longos periodos de prostração. E depois horas agitadas, incoherentes. Não me queria perto. Fugia da menina. Prohibiu-me de trazer medicos para vel-a. Escrevia muito. E fechava tudo que escrevia no seu cofre de joias.

Quando cahi na asneira de trazer aqui um medico, foi uma scena que não posso descrever. E não queria tomar remedios. De repente melhorava. Tinha semanas de repouso. Tratava-se. Ouvia os medicos que vinham. Tomava as drogas que davam. Acceitou uma enfermeira.

Eu loucamente esperançado. E bruscamente tudo perdido. De peior a peior. Até que hontem, foi o accesso. O accesso irrepremivel. A allucicinação horrivel de uma noite de lucta, braço a braço. Que força! Que delirio naquelles olhos que Você conheceu tão serenos. Meu Deus! não sei como cheguei aqui. A morphina. A casa de saude.

E... E agora então esta miseria que Você vê. Sinto-me exhausto. Ou antes não sinto nada. Nem posso soffrer. Estou, estou... não sei como.

A tarde descia da montanha como todos os dias. Havia sol tambem.

Havia a mesma alegria de cores em tudo. Havia em tudo um pedacinho da que partira. Viver é dar um pouco de alma ás coisas, que nos cercam. Ellas nos guardam em parcellas. Vivemos nellas muito depois de passarmos por ellas. E a que partira ficara com as coisas que tinham ficado. E era tão doloroso de olhar, de recordar. Felizmente que elle estava *não sei como*. O amigo não o deixou só. Durmio alli, aquella noite. Que silencio immenso em torno.

Grilos sim. Mas os grilos augmentam o vasio do silencio. Alfinetadas de vagalumes.

Por vezes um ronco. Um rasto de luz, uma sereia, um canto. E o silencio de novo, como uma onda que se reforma sobre um naufragio. E era um naufragio, aquillo tudo.

— Mas se abrissemos o cofre? Você não disse que ella escrevia sempre? Talvez se encontre alguma coisa que nos explique.

— Explicar o que? Mas emfim vamos abrir. Aqui. Deve ser isto.

Meus Dias

24 de Julho — Este caderno será para mim. Ninguem o lerá. Posso assim escrever livremente. Para mim mais tarde. Para mim agora mesmo. Se eu fosse feliz, não precisava disto. Mas não sou. Como ninguem é?

Não sei dos outros. Quero saber de mim. Eu deveria ser feliz. Tenho tudo para isto. *Elle*, eu sinto que elle só vive para mim. Dá tudo o que eu quero. Tenho mais do que quero. E entretanto não tenho o que eu quero. Não sei mesmo o que quero. *Ellasinha*, — não porei nomes, é melhor — é toda a minha vida. Toda? Não. Tenho um demonio cá dentro. Não sei o que é. E se tivesse que explicar... Mas a quem? Felizmente não tenho a quem explicar. Elle me julga mais, e menos do que sou. E' isso mesmo. Elle pensa que sou melhor do que sinto ser. Mas elle pensa tambem que eu sou mais simples, mais ingenua, mais dia a dia. E no entanto eu tenho qualquer coisa aqui dentro que me suffoca. Sempre tive? Não vou aqui escrever para mim mesmo a minha biographia. Ah! minha biographia, triste, apagada, cinza de uma vida. Mas como posso pensar em cinza? 20 annos! Ah! literatura. Mas não é literatura, não é positivamente lit

25 — Ninguem deve suspeitar deste caderno. Escreverei só, quando estiver bem só. Só com Deus. E' tudo que me resta. Mas porque escrevi isso. E' absurdo. Nada me succedeu. Minha vida é de uma felicidade intoleravel. De novo. Porque este intoleravel. Intoleravel... Mas não tenho o direito de dizer, de escrever, siquer de pensar isto. Mas o Outro? Outro? Demonio de mim mesma. E' elle que me habita. Móra commigo. Não quero saber delle. Ou só quero saber delle? Mas se nem sei quem é. Nem se é alguem. Tudo tão confuso...

Meu Deus, piedade para mim. Paz para mim. Eu quero me ver livre. Eu não posso viver assim. Eu vivo com alguem dentro de mim. Algum homem? Algum estranho? Será mesmo um homem ou um estranho? Para Elle, para Ellasinha talvez. Mas para mim. Para minha pelle. Eu sinto as pernas bambas, o coração agitado, uma não sei que tonteira na cabeça, ao pensar nesse abominavel, nesse adoravel... Nesse adoravel quê? Se positivamente não sei o que é. Meu

Deus, é só a Vós, que eu adóro. Eu quero que seja só a Vós.

Minha infancia. Minha infancia. Ah!, se Elle lesse isto. Ah, si aquellas outras lessem isto. E eu só digo pela metade. Não posso dizer tudo, nem mesmo a mim. A este papel. Meu amigo? Meu inimigo? Meu espelho neutro?

26 — Eu vivo só. Eu quero viver só. Todo um longo dia. Este ermo. Eu preciso fugir. Eu preciso sobretudo procurar. Afinal que tenho mesmo em mim? Eu sinto alguem. Eu sinto dentro de mim uma presença. Agora que estou calma. Que posso pensar, pois só posso pensar escrevendo. Eu procuro dentro de mim. A presença foge quando penso nella. E' quando deixo de pensar que ella volta. Mas será realmente o desejo, a fórma de alguem? Passo em revista. O H.? O R.? O M. de S.? Não. Nada. E' quando deixo de procurar que isso volta. Nem posso dizer — elle — volta. Que coisa insupportavel. E ao mesmo tempo deliciosa. Eu sinto que me abandono muitas vezes. Que traio, que me deixo trahir. Mas trahir como, se nem sei o que tenho em mim. Suspeito apenas. Sinto os rastos de alguma coisa, de alguem que passou. Fantasma. Tudo isso será uma fantazia? Eu sei que isso é o que diriam os que me lessem. Mas só eu sei a realidade, a terrivel, a deliciosa realidade de tudo isso. Eu me sinto duas. Me sinto tantas. Quem sou eu verdadeiramente?

Ah! se Elle me lesse. Elle que me pensa tão calma, tão simples, tão pura. E' horrivel, a gente sentir-se impura, sem saber por que, de quem, como! Como eu queria que Elle sempre estivesse a meu lado.

Longe d'Elle eu caio no meu *eu*, nos meus *eus*. Na minha dissolução. Meu Deus soccorrei o meu pobre coração. Cada dia que passa.

28 — Passou hontem. Domingo. Elle a meu lado. Todo o dia. Essa corrida louca com o automovel. Ellasinha encolhida no meu collo, com medo do vento. Elle tão moço, tão forte, tão como era... Que calma eu sentia em plena velocidade. Nunca me senti tão bem. Que socego. Que libertação. Tudo fugira de mim. Eu voltava a ser uma. Eu só pensava no presente. Para a frente. Um pensamento só, nós trez alli. Num blóco. Na velocidade. A carreira que nos unia, que nos soldava. Ah! que delicia ser uma só com aquellas duas minhas carnes. Um só *nós*. Para frente. Para frente. O mundo se fechou. Tudo aquillo que passava dos lados da estrada era uma só coisa verde, as paredes do nosso impeto, para frente, sós, unicos, reunidos.

Os trez e só um. Que delicia.

Mas que pezo, quando o automovel parou aqui. Tudo cahio de novo. As paredes verdes fecharam-se. Deve ser assim quando se naufraga. As paredes de agua. Que suffocação. Mas não é bem isso. O que eu sinto é outra coisa. Outra coisa peior. O Outro voltou. Tenho vontade de morder, de rasgar alguma cousa. Jesus, piedade para mim. Será possivel que a minha voz não chegue a Vós. Eu não sou nada. Eu não quero ser nada. Miseravel. Aniquilada. Nada. Eu quero ser cinza. Eu sinto gosto de cinza nos dentes. Mas por que, por que? Se tudo está tão calmo em volta de mim? A vózinha d'ella lá fóra. Não é possivel. Não é possivel.

1 — Tantos dias sem escrever. Este caderno me faz mal talvez. Ou me tranquilliza? Eu preciso dizer a alguem o que me suffoca. Uma ansia de cada momento. Mas talvez que trazendo para estas paginas o que deveria estar escondido bem no fundo, eu me martyrise ainda mais. Mas se justamente comecei a escrever para me libertar? Mas o facto é que não servio de nada. Sinto-me peior ainda. Mais suffocada. Mais escrava do Outro. Como isso me enche toda. Me prende. Deixar-me vencer. Deixar-me levar. Partir. Quebrar tudo isso, por isso só.

Eu perdida nelle. Viver. Mas — elle — quem? Elle, o quê? Não consigo dar uma fórma a isso tudo. Mas quereria! Que miseria. Que abominação.

20 — Tanto tempo sem escrever. E deu na mesma. Escrevendo, não escrevendo, sempre esta. Esta quê? dissolução? Será? E' isto o que me apavora. Eu sinto dentro de mim como se me perdesse de mim mesma. Horizontes. Horizontes. Não consigo fazer nada. Pensar nada. Elle se queixa do meu silencio. Nem brincar com Ellasinha. A casa vai como querem que vá. Nem posso sahir. Nem o automovel. Aquella arvore... O ultimo passeio me deixou. Não encontro as palavras. Penso em mil ao mesmo tempo. Não sei mais o que quero. Horizontes. Nem ao menos posso não pensar. Ou pensar, não, não, não... Esta folha ainda é o que tenho de mais seguido. De mais Branco, leite. Tudo diluindo-se no branco, branco nem mesmo o Outro. E' exacto. Mesmo o Outro está-se dissolvendo. Ha tanto tempo.

Não posso pensar, não posso prender o pensamento. Ah! se eu me libertasse desse não sei o que, me suga o sangue.

Meu Deus, será de Vós, esta dissolução? Será que voltarei a mim? Que voltarei a Vós? A voz, a voz de quem, de quem

25 — Estou melhor hoje? Elle está inquieto commigo. Quer que eu me trate. Tome remedios. Viaje. Que sei eu? Estou magra. Não durmo. Para que? Para que? Mas que tem tudo isto? E' no fundo, é muito além do que eu me sinto... Me sinto como? Me sinto perder, me sinto. Não penso mais em nada. E' bom, nada, nada, nada.

Uma calma ás vezes tão boa, tão boa. Mas passa tão depressa. E tudo volta. Penso em tudo. Quero tudo ao mesmo tempo. Mas tudo foge de mim. Que horror. Tudo foge. Me abandonarem assim. Sósinha. Sósinha. Será que estarei ficando

3 — Fui eu mesma que escrevi isso? Fui eu? Precisamente? Palavra por palavra? E' maluca que eu quiz dizer? Ma-lu-ca. Quero enterrar as syllabas bem fundo, prego a prego. Sinto os pregos enterrando na cabeça. Ma-lu-ca. Machucar esta cabeça miseravel. Matar a dissolução. Não é mais o Outro que me possue é a Dissolução que me possue. A Dissolução matou o Outro. E eu quero matar a Dissolução. Crucifical-a na minha cabeça.

4 — Cada dia enterro mais os pregos. Fundo. Fundo.

5 — A Dissolução vai morrendo. Vai morrendo. E me sinto melhor. Cada vez melhor.

8 — E' agora apenas uma agonia dentro de mim. A Dissolução agoniza. Vai morrer. Vai morrer. E eu me sinto tão bem. Que bom!

15 — Estou boa afinal? Ah! ah! ah! Tudo em ordem. Ah! ah! ah! Afinal tenho no fundo do passado que nada faz amanhã mas quando é que eu poderia sim afinal, afinal matei mas tambem foi assim quatro, cinco, quatro cinco, mas Ellasinha meu Deus soccorro, soccorro eu me sinto morrer minha Vir

foi hontem mas talvez fosse quando não é possivel correr, fugir, matei, matei, mas tambem ah! Dissolução, Dissolução, o Outro, não foi isso ou até que eu possa

3

Todos os dias, ás quatro da tarde, Elle subia a ladeira do Eiras. Todos os dias Elle tomava nas suas aquellas pobres mãos em que os tendões marcavam na pelle como cordas esticadas. Mãos outróra de toda doçura. As mãos d'Ella tinham sido sempre o seu grande encanto. Quando elle sentia nas suas mãos morenas e duras, aquellas mãosinhas brancas, macias, tão finas, tão puras, era como se tivesse nas mãos a pennugem de um passaro. Qualquer coisa de tão fresco, de tão doce. Mãos pequeninas. Dedos afilados. As unhas como petalas E quando Ella tocava piano as mãos adejavam no teclado. E elle quantas vezes interrompeu a musica, para pegar no vôo as duas borboletas brancas.

Azas do seu amor. Quantas vezes, a imagem d'aquellas duas palmas de rosa, daquellas cinco petalas, de todo aquelle linho fresco não se pousou como um balsamo na sua testa ardente e pesada de lucta, em pleno dia, em pleno sol, no caes, na poeira, no suor. As mãosinhas d'Ella o salvavam da Vida.

E cada dia no quarto nú, e implacavel de brancura, sem uma flôr, sem uma inutilidade, elle tomava nas suas aquellas mãos de unhas roidas ao sangue, marcadas de dentes, escarificadas, tantas vezes em sangue, mãos já agora callosas, asperas, disformes, cadaveres de mãos, de suas mãos de outróra, de outróra.

E uma immensa miseria o invadia. Tentou de tudo. Foi o mais attento, o mais carinhoso dos enfermeiros a principio. Ella enfurecida ou distante, aggredia-o ou passava estranha, ao longe, perdida no seu mundo de fantasmas. Os medicos o affastaram.

A principio todas as tardes. — «Era melhor espaçar as visitas». Obedeceu. Era por ella. Pela esperança de rehavel-a. Aos sabbados.

De quinze em quinze dias. Ensaiou mesmo o isolamento total. Por mezes. Viveu beijando em sonho as mãos de outróra. Viveu pegando em sonho as borboletas de outróra. Ellasinha era o consolo, o unico.

Sempre a esperança. Os medicos deixavam a porta aberta para o futuro. E tudo o que era o gosto, o desejo incessante de tel-a de novo, fugia por essa porta para o azul, quando dentro do quarto tudo era negro, sem esperança. No fundo elle já estava na solidão. A peior das solidões. Por vezes, por vezes o quê, a cada minuto, o Caderno voltava e Elle o folheava incessantemente. Aquella tortura que a perseguira. Elle agora começava a sentir o que ella sentira de minuto a minuto. Como fôra possivel aquillo. Aquelle mutismo, aquelle afastamento, aquelle ardor inexplicavel de uma alma tão branca. Porque elle sabia que ella era branca. Havia nella tanto de pureza que não supportou a logica de viver a mediocridade das partilhas, o accomodamento.

E os mezes se foram. E cada mez que passava as brancas, as doces, as frescas mãos pequeninas de outróra pousavam intactas de novo em sua testa febril. Unica luz, unica fonte de agua para a sua sêde e o seu abandono, quando á noite a voz da creança abandonava a casa escura aos fantasmas do passado, de hontem.

E elle voltou a vel-a. Inutilmente. Mais calma. Mais distante tambem. Num mundo que já agora era um mundo só della. Em que elle nem ninguem poderia jamais penetrar. Seria mesmo o que ella presentira no seu Diario? Seria a libertação? Seria a Voz? Para elle era uma pedra de tumulo. E o horror das mãos revistas. Terriveis mãos sem formas, empoladas, callejadas, descascadas. Os sabugos inchados monstruosamente de tanto roidos. Ella já tinha horror ás proprias mãos. Era preciso muitas vezes amarral-as...

Por que essa vingança contra o que fôra justamente o maior encanto, a maior doçura do seu Amor?

Elle esperou com paciencia. Interrogava de vez em quando os medicos. E pouco a pouco foi sentindo nas evasivas, na ambiguidade das respostas, que aquella porta aberta para o azul ia lentamente se fechando. E no dia em que se fechou de todo, elle voltou para casa armado.

Fechou-se no escriptorio. Abrio para o azul, o azul que lhe fugira, a janella de par em par. A tarde enchia as coisas todas. Só elle se sentia

vasio de tudo, de todos. A tarde era para elle a tampa de um mundo sem evasão possivel. Uma unica. Aquelle animalsinho brilhante e frio que elle tinha na mão. Tudo passou de novo pela sua cabeça lucida, assustadoramente lucida. Sua vida projectada num só quadro. Aquelle immenso amor que tudo enchera. Que apagara toda a sua ambição de poder, que fôra antes toda a sua mocidade. Vencer, dominar, crear um nome, quebrar as vontades fracas em torno, deslindar de um golpe rude, implacavel os infindaveis palavrorios, expandir-se como um senhor, esmagar os inertes, desafiar o destino, governar a vida, — que sonho de heroismo, e de força! Toda a sua mocidade sadia e livre!

E bruscamente, aquella branca e esguia e pura e leve forma de menina. Aquelles olhos claros que diziam tudo. Graves sim. Um pouco estranhos. Um pouco distantes. A ondulação do seu andar. Aquella visão de fragilidade, que vencia, que aniquilava toda a sua violencia. E que agora...

— Papai, vem ver que borboleta linda eu peguei. Toda azul, com pintas douradas... que belleza! Chega na janella, Papai .

Aquella vózinha. Se eu demorar fica tudo por fazer de novo. E' a unica coisa que me prende. Este meu pobre coração...

— Papai, eu vou ahi em cima te mostrar a borboleta.

Mas não é possivel recomeçar aquelle horror. Aquellas visitas horriveis. Eu não posso viver. Eu não posso, meu Deus...

— Papai, póde entrar? Olha a borboleta. Mas...

***

A tarde descia da montanha. O arco da sombra...

(Um automovel na estrada:

Ella — Mas olha que casinha deliciosa! Como eu gostaria de viver aqui, neste socego.

Elle — Tá louca. Eu, me metter neste buraco, como esses burguezes barrigudos e de chinellas, numa vida monotona, pacata, bócó? Deus me livre. O que eu quero é — *Viver!)*

... se estendia. Empurrava lentamente o sol. O valle da serenidade. Um sino. A noite.

TRISTÃO DE ATHAYDE.

CARTA ABERTA A JOÃO ALPHONSUS

Você concluiu de cara fechada a sua declaração do Suplemento mineiro da «Manhã» de 24 de outubro. Vamos fazer um acôrdo, João Alphonsus: me dê a sua simpatia, tire a sua admiração. (Porque eu mereço muito mais a sua simpatia do que a sua admiração). Em troco eu lhe dou a minha admiração e a minha simpatia. Você é admiravel. Tanto mais admiravel, quanto é admiravel depois de seu pai, que tambem foi admiravel. Marquei você desde os tempos em que fui para Campanha escarrando sangue. Foi quando eu escrevia versos «como quem morre». Ai de mim, João Alphonsus! tenho mais idade do que você pensa. Já fiz quarenta anos. Ribeiro Couto disse outro dia que eu sou a solteirona do modernismo. Estupendo, não acha? O pior é que nunca tive mocidade. Entre dezesete e trinta anos eu era muito mais velho do que sou hoje.

Outro engano de sua parte é me tomar por bacharel. Não sou doutor, João Alphonsus, nem nunca parti como não se quê de legação pra logar nenhum. Nunca fui nada em minha vida, — senão poeta.

E só fui poeta porque não pude ser outra coisa. É triste, mas é assim, e eu aceito toda a minha tristeza.

Que diabo, João Alphonsus, você lê mal. Então eu disse que o poeta Austen Amaro não prestava? Palavras minhas: «*Apesar de tudo, esta poesia é simpatica, insinua-se, interessa. Tem ingenuidade e força*». Catei o que o poema tem de ruim? Pois não citei, achando tão bonita, a bucolica do canto IV?

Transcrevendo com elogios, um fragmento de outro canto, não frisei «que não era exemplo unico?»

De ruim só citei o distico.

Diz você: «Se Manuel Bandeira gosta de

criticar exibindo ruindades porque deixou passar Jorobabel e outras quando falou do *Losango Caqui?*»

Eu não disse, João Alphonsus, que você lê mal? Não deixei passar Jorobabel no *Losango:* assinalei-a como estupenda. Gostos... Todo o mundo sabe da minha admiração por Mario de Andrade. Pouco me importa que você ou outro qualquer venha com «ora porquês!» Você falou muito no capim melado, nas resinas, nos alfareros, nas chiquillas, nos jarabes do Ronald, na pasmosa simplicidade com que o Guilherme resolveu em Raça o nosso «complicadissimo problema etnologico»... Mas quem marcou em você não foi Guilherme nem Ronald: foi Mario. Por isso gosto do Mario. É ali na piririca. Marca até os fortes como você.

Em vez de gastar metade do espaço de seu artigo em me proporcionar «a volupia da pancada», não era melhor que você me fizesse sentir, a mim e ao publico, a compreensão do poema? Mas o proprio poema você leu mal. Diz você: «Nada de nostalgias. Nada da bilaqueana flor amorosa de três raças tristes. Pois lá está á pg. 19:

eu tenho no fundo da alma sensivel
a luta invisivel
de três nostalgias
ferindo-se vivas
no fundo do ser!

Então? A verdade é que guardei o poema de Austen Amaro ao lado dos livros de Mario, Guilherme, Ronald, Ribeiro Couto, A. Moreyra, Onestaldo, Olegario, Murillo e outros poetas que prezo. E lhe garanto que não o guardei sómente por causa dos excelentes desenhos de Pedro Nava.

Me queira bem, João Alphonsus.

MANUEL BANDEIRA.

Rio, Outubro de 1926.

O CRITERIO DA UTILIDADE NA LITERATURA MODERNA

Em toda a obra artistica existe um limite mais ou menos sensivel á imaginação critica, estabelecendo a separação entre o vago, o impreciso, o abundante e o derramado, de um lado; e o pratico, o conciso, o geometrico e o utilitario, do outro.

Na literatura moderna, écran prismatico de uma civilisação, uma philosophia e uma moral novas, em que ainda existem muitas sombras ectoplasmando os dados positivos — a imaginação critica, corroendo, inventando e induzindo, consegue estabelecer de uma maneira nitida esse limite, esse divorcio de aguas.

Finda a guerra, que além de encher os opportunistas enriqueceu a consciencia humana de uns dois ou tres problemas novos, — a imaginação dos grandes povos procurou infundir ás suas respectivas literaturas, provincias da nação humana que é o espirito moderno, um sentimento novo, uma ideia nova e uma fórma nova.

Destes tres propositos, o mais facil de attingir, porque o mais tangivel, foi, sem duvida alguma, o que se refere á fórma.

De facto, as fórmas novas appareceram, como novos modelos de modas elegantes.

Fórmas novas — fossem os alfaiates francezes ou russos, austriacos ou inglezes. Os albuns estampavam-nas e a imaginação, esquecendo-se de alguns seculos de formalismo, cahiu no formalismo das fórmas novas.

Do baralho, foram-se tirando as fórmas que facilmente se confundiram com o antigo. E das fórmas novas, só ficaram aquellas que em hypothese alguma não puderam envelhecer.

As fórmas precocemente envelhecidas

emigraram para a zona morta do passado —e então se viu essa coisa extranha, do passado rejuvenescer — como se por acaso um sopro vital pudesse reanimar majestosamente os mamouths fossilizados de um museu.

«Os mortos matam os vivos», já se dizia nas «Coephoras», e não é de extranhar que alguns phantasmas tenham tentado implantar-se no mundo moderno, como espantalhos em uma horta contra os pardaes.

As fórmas que vingaram foram aquellas que tinham um proposito directo, um proposito de estado-maior: o caracter pratico, conciso, geometrico e utilitario.

Dahi o caracter de utilidade da literatura moderna. Utilidade pragmatica, utilidade philosophica, utilidade behaviorista, utilidade moral em summa. E se quizerem, utilidade religiosa.

Utilidade politica, utilidade revolucionaria — o criterio de utilidade é alguma coisa de tão forte e directo como por exemplo uma taboa de logarithmos.

Os maiores escriptores da hora presente, como costumava dizer um velho orador, procuram transmittir duas idéas, que atormentam uma multidão, um povo ou uma civilisação, enquadrada no losango de uma formula geometrica.

A tal ponto chegaram mercê do conhecimento das idéas psychologicas que constituem a alluvião do espirito humano actual.

Schnitzler, por exemplo, em «Casanova Heimfahrt», e em meia duzia de suas grandes novellas, Tchehov, Sologub, Bounine, Chmelov, D. Hl. Lawrence, Joyce, Sherwood Anderson, só para falar em alguns nomes, procuraram expor meia duzia de idéas mais ou menos logicas, procurando com as mesmas infiltrar no espirito moderno das massas, os residuos de algo de novo, seja moral, philosophia, religião ou a interpretação quotidiana da vida.

Não pensar, porem, que o criterio da utilidade (um pregador ou um moralista lançam mão desta arma) esteja confinado á epoca jazz. Engano d'alma ledo e cego... Daniel de Foe, em «Moll Flanders», por exemplo, fez uma obra estupendamente moderna: directa, incisiva, rapida e com uma atmosphera moral tal, que poderia fazer pensar em Dostoiewsky ou Chfchdrine principalmente.

Ha comedias de Ben Jonson que são mais modernas e actuaes que Jules Romains ou Shaw. Nellas existe o «elemento de crueza», de que fala William Archer, em «The Old Drama and the New».

No Brasil só agora é que estão apparecendo coisas que se enquadram no criterio da utilidade.

O conceito de que «Os dias que nos fazem ditosos nos fazem sabios», no dizer do poeta inglez, póde ser applicado tambem a toda obra literaria, si se tivesse em mira um criterio moralista.

Só agora é que, na moderna civilização brasileira, o criterio da utilidade pode encontrar uma demonstração cabal.

Uma civilisação que tem mais *philosophos* do que *machinas* terá maior peso especifico do que aquella em que os termos da equação estejam invertidos?

Qual das duas será a mais «util?»

A civilisação fuegiana, rudimentarmente mechanica, será mais util do que a tibetana?

Acção, propositos praticos, technicalisação.

Tudo isto cabe na literatura moderna, uma literatura que é edificio, machina, sangue, jornal, jazz e poema.

Lá pelos tempos do onça, segundo um velho livro hebreu cada homem tinha mil demonios á sua esquerda e dez mil á sua direita.

O «homem de hoje terá pelo menos tantos problemas de vida mechanicos como os antigos tinham de demonios».

A machina creou um novo mysticismo muito differente do mysticismo do zulú ou do congolez, mas tão poderoso que entrou na vida actual transformando Henry Ford em escriptor moralista.

As raizes da visão mechanica se encontram lançadas no terreno da utilidade racional. A arte de hoje explica admiravelmente esse criterio.

TEIXEIRA SOARES

RECORDAÇÕES DE DONA QUITERIA

VI

Nas suas — confissões — Rousseau declara que quando viu o mar teve alguma decepção.

Os espiritos de excessiva imaginação acham-se roubados pela realidade.

Commigo, deu-se o contrario. Eu não tinha imaginação alguma e nem pensava no que era o mar.

Achei-o prodigioso, sobrenatural e divino. Se eu visse o proprio Deus depois, do mar, estaria esgotada a minha admiração.

O mar ensinou-me a não limitar as coisas e levou-me das mesquinhas bellezas á belleza eterna. Senti com o mar nascer-me n'alma a elasticidade e a sêde alongada do infinito.

Não sei se blasphémo ou estou a criar uma heresia abominavel, mas se eu pensasse em fundar uma religião nova, seria a religião do mar.

Antes, a liberdade dos passarinhos parecia-me sem termo; agora passei a sonhar com a liberdade das estrellas a lançar a sua radiação através de regiões sem fronteiras.

E quem me deu, cá em baixo, a medida dessa escala formidavel do universo, foi o mar.

Horas inteiras, eu apreciava o mar, estudava-o, conhecia-o; na sua voz, rouca da eternidade das suas queixas, eu decifrava o mysterio da vida que não passa de um crystal do oceano.

Li, muito tempo depois, que os seres vieram do sal, e de residuos marinhos. Já eu o sabia pelo instincto das contemplações remotissimas a que me habituara o oceano. E os nossos rythmos que origem atavica podem ter senão essa eterna mobilidade do velho padre oceano?

Infelizmente o mar deu-me illimitadas ambições e uma eterna desconformidade com a vida.

— Tu queres mais do que convem e mais do que é possivel, diz-me o desembargador Cantidiano. Realmente, a minha vontade teve um mestre insidioso.

E dest'arte é que saio do mundo maravilhoso para o materialismo triste e quotidiano.

As transcendencias dissolvem e etherizam a vida pratica, e reconheço que deitam a perder muita gente.

Meu pae prometteu-me quebrar o encanto numa longa viajem. O monstro desceria á vulgaridade.

Como quer que seja, as minhas primeiras impressões do mar foram definitivas. Emfim, era de mister cortar toda essa imprudente fantasia e entrar na realidade, que me impuseram; foi a escola.

Minha mãe e meu pae preparavam-me todos os dias para essa iniciação.

Todos os dias apparecia lá em casa um homem sympathico e falador que não se esquecia de lembrar:

— Ponha a menina no collegio da Clarinha que, não é por ser minha mulher, é a professora mais habil desses arredores.

Quem assim falava, o marido de Dona Clarinha era « M'sier Tekserá », um velhusgo alegre que agitava o cavanhaque como bandeira de reclame ao Collegio de Santa Clara.

Era conhecido esse homem, pelo seu vezo em todas as palestras de falar em Paris, sempre accrescentando:

— Em Paris, « onde eu estive »... Isto dava-lhe realce e poder magnetico, mas ameaçava ficar-lhe como alcunha:

— Em Paris, onde eu estive, as creanças aos sete annos logo entram para a escola.

Minha mãe applaudia esse costume parisiense.

As más linguas, entretanto, cochichavam e diziam que elle nunca estivera em Paris, nem se chamava Tekserá, mas simplesmente Teixeira, Joaquim Teixeira, á portugueza.

Inventaram que ha tempos havia embarcado no Rio, mas logo saltara na Bahia e e lá se internara em Alagoinhas, onde serviu na estação da estrada de ferro.

Essa balela, certamente nunca lhe chegou aos ouvidos. M'sier Tekserá tel-aia desfeito com aquelle «cavagnaque» que tomava todos os angulos até enfrentar-lhe o nariz em para-vento. O cavanhaque, movel e ondulante, era como a sua lingua extrema que lhe ajudava a carregar os rr e a afiar o u.

Como quer que seja, era uma pessoa consideravel e de grande prestigio entre as nossas relações de sociedade.

Entrei, pois, para o collegio de Dona Clarinha, o instituto de maior nomeada.

Não era, talvez, o ideal, mas como dizia M'sier Tekserá:

— Copacabana não é precisamente Paris, onde eu estive...

VII

Entrei para a escola num dia de maio.

Na rua, nas gentes que passavam, nas proprias arvores municipaes, meio engaioladas, havia a jovialidade matinal da cidade que desperta.

Agora que saudade me vinha do campo!

A cidade geometriza todas as coisas, retalha o espaço em quadrados, divide-nos o tempo em horas eguaes e submette a natureza e a vida a rigores mathematicos e inflexiveis.

O sol, o immenso relogio rural, cede hoje aos pequenos chronometros de bolso; a campina verde reduz-se á praça e ao jardim, e a propria vida submette-se a esse desenho quadriculado da civilização.

Entre essas malhas e quartejamentos da minha iniciação estava a escola.

Era a obrigação monotona para toda a gente de dizer e de saber as mesmas coisas e de decifrar os mesmos enigmas em tempo dado.

Estou convencida de que o que mata a alma é a egualdade ou a symetria. E a escola é a mais estupida de todas as uniformidades; caserna, convento, ou escola, tudo é a mesma coisa. É a primeira cota de nivel.

Eu entrei para a classe em que todos, no momento, sommavam até quatro parcellas, estudavam os superlativos, o governo de Mem de Sá, as tres pessoas da Santissima Trindade e as peninsulas da Europa.

Accomodei-me como pude e em poucos dias fiz numerosas amigas. Eram todas alegres, risonhas, almas de arminho e rosas, com a frescura e suavidade de escravas satisfeitas: a Carolina, a mais desenvolta e desembaraçada; a Aida ou Ada (não me lembra mais), que não cessava de rir; a Elisa, que sabia fazer uma momice, «careta» especial e engraçada, e cansava de fazel-a, tanto eram os pedidos; a Helena, por vezes zangada e difficil...

Esses eram os relevos espirituaes naquella planicie ou antes, naquelle aterro artificial.

Quasi todas ellas vivem nas minhas reminiscencias, jamais as perdi de vista.

No Collegio de Santa Clara, havia duas grandes salas, que se enchiam de rumores desiguaes e distinctos: uma das meninas, em que as vozes pareciam de crystaes; a outra, a de rapazes, soava marcialmente como os tambores. Dona Clarinha dominava, meiga e imperiosa, os dois mundos.

Todas nós a achavamos bella e majestosa. Um leve começo de velhice dava fulgurações de prata aos seus cabellos. Por vezes, fugazes e rapidas, apparecia M'sier Tekserá para dar os rudimentos de lingua franceza, mas logo desapparecia e apagava-se.

Dentro em pouco, a escola, que me parecera antipathica, tornou-se uma fonte de fascinações e de alegrias perennes.

Não quero agora prejulgar o que só vim a saber mais tarde.

Naquelle mundo de pequeninas creanças,

aprendi a conhecer a variedade e vicissitudianaria do espirito humano; e que a experiencia da vida estraga e perturba os corações timidos e delicados.

A vida é, mais tarde, tambem uma escola, mas de só desenganos, de amarguras e tristezas. Quando relembro o ruidoso chilreio daquellas creaturinhas a ingenuidade daquella gente, que ainda madruga no rosicler da existencia, e quando as cotejo com a seccura, a aspereza, a melancholia e as vaidades que vieram depois, umas atrás outras, mais me convenço de que a educação é uma formidavel bancarrota de todas as esperanças e de todas as philosophias.

De todas aquellas almas, afeiçoadas como argila ás linhas da architectura social, todas perderam a sonoridade propria e transformaram os sorrisos mais ethereos em lagrimas copiosas.

Para onde foi aquella alegria antiga?

Devoraram-na o luxo, a ambição, a duvida, a desventura e, talvez, o crime.

Ensinaram-nos a vencer. Que grande coisa! Ensanguentar o mundo para ostentar, malferidos, a vaidade da victoria.

Estou hoje, lugubre e com tendencias para o dramalhão. É que, realmente, este capitulo é um aproveitamento do primeiro ensaio literario que escrevi: — «*A Escola ou sete annos de arrependimento*».

VIII

Eu disse que D. Clarinha era meiga e boa. Na escola sempre ella derramava essa perenne doçura.

Mas havia excepções. Era quando, por exemplo, o marido M'sier Tekserá se esgueirava pelo corredor, e, eterno *flaneur*, sahia para a rua.

Então perdia a linha de deusa e vociferava:

— Pelintra! Bilontra!

M'sier Tekserá fazia ouvidos de mercador e desapparecia.

Outra excepção de máo humor era quando os meninos faziam grande algazarra. Dona Clarinha neste caso abria mão dos methodos modernos, e, conforme costumava dizer, dava a ração a esse bilintrinhas.

A ração, só applicavel aos rapazes, era uma coisa terrivel. Viamos, nós outras, de longe o fragor da catastrophe. Dona Clarinha com a mão ampliada por uma frecha, como se esta fôra um raio tonante desabava sobre as cabecinhas rebeldes.

Eram choros e gemidos como nos dias de cresta e de estinha nas colmeias ruidosas.

O dia de «ração» era um ranger de dentes para as pobres creaturinhas. Mas, caso grave, memoravel e que nunca me sahiu da memoria, foi a ração de M'sier Tekserá.

Já o homem como de costume ia a esgueirar-se pelo corredor, quando, de uma feita, impiedosa e dominadora, levantou-se Dona Clarinha; e, quando esperavamos que vinha a descompostura conhecida — bilintra! pilintra! — ao contrario disse ella apenas com aquelle ar severo que não admittia réplica:

— Tekserá! a ração!

Ficamos pasmadas e transidas de susto moral. Pois que! Até o pobre professor Tekserá, homem velho e de respeito, apanhava a sua ração!

Vimos, então, que Dona Clarinha o agarrava violentamente pelo braço, e arrastava-o para os fundos da casa.

Os meninos (como é proprio desse sexo impiedoso e perverso) cochichavam e riam á socapa. Um delles, o José Taludo, como lhe chamavam, por mais ousado foi pé ante pé não sei até onde e voltou dizendo mysteriosamente que M'sier Tekserá apanhava, que ouvira o ranger da frecha e gemidos de dor...

Senti funda tristeza e indignação; e todas nós choravamos, abaladas por tão extranha impiedade. E lembro-me agora daquelle dito de que uma «boa mulher é a peior de todas».

Afinal, vimos M'sier Tekserá que voltava daquella experiencia.

Vinha tropego, cambaio, humilhado, a coçar a orelha; e logo, tomou a porta da rua talvez para desafogar tamanha desconsolação.

Tambem voltava para a sala Dona Clarinha que desta vez achei antipathica e todavia mais bella que nunca. Vinha com aquella inconstancia das espheras que lhe dava azas invisiveis no andar.

Horas depois, ao escurecer, quando acabara a lição, todas nós saimos ruidosamente como sempre.

De longe, bispei M'sier Tekserá, que pontificava já então lepido e imponente, na pharmacia da esquina.

Que diria o martyr?

Busquei passar pela porta da botica, de onde uns frascos enormes e verdes lançavam para a rua rectangulos verdolengos, luminosos.

Mas só logrei ouvir, como lufadas que escapavam das portas, duas ou tres palavras entre sonoras e verdes:

— Em Paris, onde eu estive...

IX

Por que digo eu tanto mal da escola?

A baroneza de Portella, minha adorada mãe, não sabia ler, mas nunca se lastimou dessa ignorancia.

— Lê-se de mais agora — dizia ella. E toda a gente lê as mesmas coisas. Comprehendia, de instincto, que por esse caminho todo o mundo virava ninguem. Com um tostão de gazeta não era preciso mais cuidar do espirito: estava feito, e que artifices os que nisso trabalhavam?

— Eu desejava saber escrever: só isso — accrescentava ella — para guardar alguma coisa que a memoria esquece.

E tinha razão. Quasi todos os males sociaes e moraes, molestias e doenças physicas, derivam da leitura. Já repararam quanta gente se embebeda por motivos literarios? Quantos vão ao hospicio empurrados pelos livros?

Mas, não são sómente ruins os livros, pois que são numerosos.

São, o que é peior, dissolventes; desandam-nos do nosso caminho, enviezam e mascaram todos os traços ingenitos, e, mais que tudo, substituem-nos.

Quatro quintos de qualquer pessoa que lê provem dos livros.

Risos e até lagrimas são puramente productos de typographia. A sinceridade é uma insignificante percentagem em tudo que fazemos; o resto é romance, drama, folhetim, autores e artigos de jornal.

Podiamos ser vendidos a peso, como papel velho impresso.

E essa falsificação começa desde o berço. Dos collegas de Cantidiano sei que ha meia duzia de Marios que são folhetins encanecidos — o Mario de Alencar, o Mario Brant, o Marido Behring, o Mario Bulcão nasceram com um folhetim do «Jornal do Commercio». O velho orgão traduzia «Os Miseraveis», de Victor Hugo, e as pias baptismaes transbordaram de Marios...

Quantas Aidas depois que Verdi escreveu e compôs a opera por encommenda do Kediva?

Fica por conta do Cantidiano essa archeologia, que não é do meu tempo. Meu nome de Quiteria veio de outro Jordão mais obscuro.

Era o nome de uma tia velha da Beira-ay-Alta, que nunca vi nem conheci, uma especie de Virago, descendente muscular da padeira de Aljubarrota.

Esta ascendencia romantica ou realista, só me fez machona na arte varonil de escrever, e memorias, pois que sou magricela e franzina, e posso andar entre as cordas da chuva, a corpo enxuto.

O desembargador Cantidiano, que tem o vicio da mentira, ainda hoje sabe de cór a historia de «Jorge e a machadinha», dos livros do Abilio, que leu na escola.

Esse Jorge era o grande Washington, que nunca mentia.

O desembargador ganhou a fama de Epaminondas, ostentando, como lisonja e letra nos seus brazões, a historia da machadinha.

X

Ó alma humana, que mundos e que systemas de maldade enchem o universo da tua immensidade infinita!

Qual é o sol ignoto que impõe gravitação e dá equilibrio a tão desvairadas miserias!

Mas, o mundo é assim. Nunca escrevi por vingança pessoal. Não atirei nunca nome algum ao equivoco das allusões ferinas.

Mulher, sem assoalhar mentirosas virtudes domesticas, jamais commetti o canalhismo nem a ferocidade de chafurdar um nome puro ao pantano apodrecido dos meus egoismos.

Isso faria aquella mulher fatua que ingenuamente suppoz ser a unica a manejar a penna e creu ter o triste privilegio de todos os tinteiros e de toda a verborrhagia humana. É bem que passe á posteridade com um cartaz ás costas...

Ou, com um vestido de cauda, como um symbolo de retrogradação simiesca. Não eu. As mulheres bellas têm na fascinação propria natural defesa contra as malignidades. A natureza, divina como é, tambem é a primeira a marcar as degenerações.

Essa advertencia vem a proposito da Florentina (a literata, como lhe chamavam), que por appetites ignorados se deixou ficar na escola uma duzia de annos. Fealdade vingativa, astucia demoniaca, visgo intelligente, tudo ella era e não sei qual seria mais.

Suas amenidades eram terriveis, escorchantes os abraços...

Palavras e historias, se um editor quizesse reunil-as, dariam romances.

Florentina era uma especie de cocote estylizada em dama honesta.

Eu não pude nunca explicar-me como tão vasta theoria da bandalhice pudesse corresponder a uma honestidade pratica. Essa mãe de filhos faz do lar um «alibi» perpetuo das suas immoralidades...

Se essa podridão literaria vive guardada em alcool sob a protecção de vidros transparentes, não é muito que uma pedrada casual venha um dia destruir o tegumento daquella monstruosidade.

As viagens mentaes de Florentina «por mares nunca dantes navegados» deixaram acreditar que ella não podia ignorar alguns velhos itinerarios...

Era muita sciencia para tão apregoada ingenuidade.

Que é que ella tanto escrevia, passando ás almas simples os bilhetes clandestinos das suas miserias secretas!

Que alma triste, a della!

E dizia-se feliz, materialmente feliz, esse trapo de egoismo, esse boião de fel, crystalisado em assucar.

Alma de chicharro, devia conter todas as deshonestidades platonicas por lhe serem talvez impossiveis as outras.

Quando casou, o desembargador Cantidiano poz essa annotação:

— Fez como o inglez a primeira vez que se dispoz a comer uma banana: lambeu a casca e atirou fóra o caroço.

E quantos caroços vivia a espalhar, por instinctos de perversidade literaria!

E, á primeira vista, era toda mel por insidia ás abelhas incautas.

Fugi ainda em tempo dos seus agrados formidaveis.

Que queria ella? Talvez coisa alguma. Ha pessoas que se contentam e se pagam de experiencias homeopathicas, «similia similibus»...

Escapei ao abysmo, mas não escapei a um dos seus bilhetes, que eram allivio de suas reconditas perversidades. Mas ha de engolil-o.

— Tambem é homeopathia — diz o Cantidiano.

..... (1)

XI

Emfim, aprendi a ler.

Quanta coisa vim a saber, Deus meu! lendo os jornaes. A cidade, que eu só conhecia pelas risonhas fachadas, via-a com

(1) O editor da novella não poude, apezar de todos os esforços, esclarecer o passo tão obscuro deste capitulo. E' melhor deixar aqui a reticencia, como se encontra no manuscripto.

os tectos abertos ostentando todas as miserias e tristezas da vida.

A imprensa dava a diaphaneidade de todas as coisas, homens e mulheres que se estripavam, o odio, as rixas perennes e a morte.

O jornal, que me diziam ser «a toalha matinal da civilização», era uma veronica ensanguentada.

Uma coisa, porém, infundia-me pavor: eram as tragedias conjugaes. Os maridos matavam as mulheres por amor, por ciume ou por vingança.

E eu havia de casar-me (pensava) affrontando essa onda rubra e sanguinolenta!

E sentia enrubescer-me a esses reflexos ainda remotos. Uma vez perguntei a Papae:

— Será verdade que todos os maridos matam as mulheres?

— São casos raros — respondeu-me — um em cem mil. E talvez nem isso.

Papae tinha razão. Nem todos os homens são assassinos, e disso tive a prova em poucos dias, aqui ao pé da casa.

O José Paquinha, vizinho nosso, era casado com a Minervina, uma das moças mais bellas que tenho visto. Onde ella anda? Não sei mais, que a perdi de vista. Mas aquella creaturinha era um feitiço: de olhos vivos e inquietos, uma boquinha de rosa, as mãosinhas electricas e vibrantes, tudo nella me recordava a princesa encantada do meu livro de historias. Todos gostavam della, e quem podia ser insensivel aos encantos daquelle formoso diabinho?

Só o marido, o José Paquinha, parecia um pouco negligente na vigilancia daquelle thesouro.

Ora, acontecia que ali em frente morava o Gomes, um poeta meloso, olhos de peixe podre que vivia a magnetizar a Minervina.

Fazia versos, escrevia bilhetinhos e punha em pratica todas as tentações diabolicas do seu canalhismo erótico.

Essas fascinações batracchianas cedo ou tarde produzem effeitos terriveis.

O certo é que um bom dia Minervina desappareceu. O José Paquinha chorava pluviosamente de desespero e de angustia.

Procura-se daqui e d'acolá, veio a saber-se, emfim, que Minervina se achava escondida em casa do José Gomes.

A noticia horrivel chegou aos ouvidos do pobre marido. Foi, pois, com grande terror, que vi o José Paquinha grave, ousado e decidido, penetrar na casa do poeta.

Lembrei-me das gazetas e logo vi a tragedia de sangue e morte, naquelle encontro doloroso e formidavel.

Mas de lá de dentro sahiu o José Paquinha, quasi tranquillo, trazendo pelo braço a formosa Minervina, a louquinha risonha e admiravel.

Que boa paz, a daquelles pombinhos!

O Gomes, da janella, de olho comprido, ordenando a enorme cabelleira (que era uma das suas qualidades literarias), assistia, abatido, aquella restituição forçada.

O Paquinha, já na rua, voltou-se para o seductor e sorriu philosophicamente:

— Agora, sêo Gomes, chuche no dedo!

XII

Sahi, afinal, da escola.

É certo que algo aprendi das coisas visiveis; mas, a parte das coisas occultas que me ensinaram ou pude surprehender, formava o cabedal maior da minha iniciação.

Aqui encerro a primeira parte das minhas recordações.

(Fim da primeira parte)

JOÃO RIBEIRO

THEATRO E MUSICA

COM VISTA A ANTONIO ALCANTARA MACHADO

Começo por cofessar que não ofereço muito grande receptividade á arte dramatica. Acho que essa arte limita extremamente a livre expansão da força creadora, o pleno desenvolvimento da personalidade. Por mais pessoal que que seja um autor dramatico e por mais forte que seja o seu poder de creação artistica, ele é obrigado a ter sempre em vista o cavalheiro pouco receptivo e despreocupado que toma assento na platéa. Isto quer dizer que ele tem de pôr a sua sensibilidade simultaneamente em correspondencia com inumeras outras inteiramente diversas entre si. As suas impressões não podem ser particulares por terem de representar uma soma, um total em que cada espectador vai encontrar a sua parcela pessoal.

As idéas dramaticas não podem deixar de ser sinteticas concentradas para que possam entrar em contacto de momento com todo um espirito colectivo. De certo que qualquer espirito creador tem aquela necessidade de comunicação de que fala Mario de Andrade em relação ao poeta.

Mas o autor dramatico é obrigado a desenvolver extraordinariamente o poder de comunicação tendo a preocupação absorvente do espectador. Si abandonar essa preocupação cairá no absurdo de fazer obra teatral para ser lida e não representada. Não pode ele escrever sob o impulso dessa necessidade interior que constrange o artista a livremente exteriorizar suas impressões, a sem embaraços dar corpo a suas idéas. Mas não podemos ficar só na pressão que a platéa exerce no momento de creação do artista dramatico. Si fosse só isto estava muito bem.

E a acção dramatica? Esta entra na peça como elemento profundamente simplificador. São inumeras as combinações artificiaes de acontecimentos a que ela obriga o autor. A sintetização da vida em quadros por mais vivos que estes sejam resulta em falsificação. A psicologia dos tipos tem de ser toda linear. Hamleto que é a maior obra dramatica de todos os tempos é um paradoxo teatral. Foge a uma regra que até hoje não conseguiu ser abolida. Só se tem conseguido pôr em scena personagens de caracteres definidos e gestos esquematicos. O autor dramatico não pode deixar de reduzir a vida á unilateralidade. Representa sempre a creatura humana nos momentos criticos justamente quando está fóra dela mesma. A vida em toda a complexidade quotidiana de seus pequenos detalhes e o homem em toda a infinidade de facetas de sua natureza intima não podem sofrer a acção dramatica. Uma multiplicidade infinita de sensações não pode resaltar no teatro. Os sentimentos tem de ser simples nitidos energicos para adquirirem o indispensavel relêvo. O teatro estatico que quiz fugir a algumas das exigencias da acção dramatica gourou redondamente caindo na desacreditada *carpintaria teatral*.

Uma grande soma de realidade não pode ser suportada pelo teatro que exige sinteses sobre sinteses. A propria composição do dialogo se resume no trabalh ode concisão que se imprime nas frases para que possam sobresair os subentendidos que entremeiam as palavras trocadas entre duas pessoas. O autor dramatico tem de sublinhar a significação oculta das expressões que essas duas pessoas pronunciam levando em conta a série de impressões anteriores que cada uma já recebeu de outra. Assim alguem já disse «que imaginar um dialogo é tornar sensivel a situação reciproca de duas personagens, é marcar com um traço sua atitude, seu temperamento, seu mister, seu passado.» E o estilo acaba passando por uma adaptação forçada ao tom geral de conversação.

Tudo isto representa sem duvida limitações muitos fortes á livre expansão da força creadora.

Quanto ao teatro moderno que está passando por uma crise seria ou, antes, muito engraçada, não sou ingenuo de ver no seu estado actual um indicio de morte certa. Eu sei lá! Pode surgir de um momento pra outro a força de uma personalidade que rehabilite aquele genero artistico todo entregue actualmente ás complicações mecanicas, ás escamoteações scenicas. A situação é esta: os autores modernos estão preocupados com a qualidade tecnica em prejuizo da qualidade viva de suas obras teatraes. Procuram mostrar que têm uma sciencia nunca vista de execução. Fazem dos personagens simples pretextos para jogos de scena.

Diz Alcantara Machado que o teatro nunca ensaiou tão intensamente seu poder plastico como agora. De pleno acordo. Mas o mal dele é justamente a riqueza excessiva dos meios de expressão.

De tanto se aproveitar dos elementos de execução dos outros generos artisticos principalmente do cinema acabou perdendo a fisionomia propria. Ficou estranho a si mesmo. Meteu os pés pela cabeça. Trocou o fim pelos meios. Os autores dramaticos viraram verdadeiros magicos chinezes realizando com o seu conhecimento completo de optica teatral coisas surpreendentes que enfastiam em pouco tempo.

Vejam Orpheu em que Cocteau desenvolveu um prodigio de tecnica. A gente sente que ele está no meio do palco combinando scenas e servindo de ponto aos autores. Consegue tirar efeitos surpreendentes da modernização dramatica do velho tema em que entra como figura principal o azarento marido de Euridice. Mas no fundo a peça é su-pi-na--men-te xarope. O teatro moderno é uma *boîte à surprize*. Está exigindo principalmente muita discreção na sua adaptação á tecnica cinematica. Quando a gente o põe em relação com o estado actual dos outros generos artisticos, é que se vê a sua situação deploravel.

A literatura (Tritão de Athayde ha poucos dias fez observação identica) se faz cada vez menos literaria eliminando o mais possivel os elementos intermediarios para ter um contacto mais directo com a vida e conseguir a maior soma de realidade.

A poesia busca as fórmas simples e puras achando seu fim nela mesma. A pintura se faz naturalmente plastica simplificando enormemente a tecnica pictural. A musica se desintelectualiza inteiramente buscando falar só ao temperamento musical sem outra intenção que a de crear ambientes sonóros.

Entretanto, o teatro, todo atrapalhado, anda penetrando ás tontas no dominio das outras artes sem saber o que procura. Por mais passadista que seja a minha opinião aconselharia aos autores dramaticos uma ida a Shakspeare não para copia-lo mas para adquirirem novamente a verdadeira concepção ou idéa dramatica. Talvez nem isto valha grande coisa. Concordo com Alcantara Machado quando afirma que o teatro poderá morrer de um *mal organico* e não por esmagamento pelo cinema. Acho que esse *mal organico* já existe nele. Eu me explico. A arte dramatica vai entrando em franco desacordo com a realidade actual.

A vida está se fazendo cada vez mais complexa, mais diferenciada, mais especializada pra cada individuo. Portanto muitissimo pouco teatral mesmo se suprimindo o sentido romantico da palavra. O homem moderno está cada vez mais vivendo profundamente o detalhe quotidiano da existencia. Por isso mesmo a poesia e o romance são as artes mais verdadeiras e mais representativas do nosso momento. O teatro como já procurei acentuar atraz não se desenvolve sinão em torno de uma psicologia de crises agudas. E nós hoje em dia fugimos inteiramente á simplicidade das violencias sentimentaes. Somos sêres de habitos arraigados submetidos a uma ordem invariavel de acontecimentos sem imprevistos. Para traçar a nossa psicologia é necessario uma acumulação infinita de observações miúdas ao redor de nosso temperamento, de nosso mister, de nosso passado. Os factos que constituem a nossa existencia individual só são importantes pela sua repetição e persistencia porque acabam por mostrar as profundezas de nossa natureza intima. O que de nosso claro-escuro psiquico, de nossa vida subconsciente pode subir á tona da scena? Neste caso o que podiam fazer os autores dramaticos de hoje? Contornaram a dificuldade que se lhes apresentava procurando imprimir a belleza da qualidade tecnica em seus trabalhos por não poderem lhes imprimir a profundeza da qualidade viva.

Martins de Almeida.

CRONICA DA QUINZENA

*** O concerto de despedida do Quarteto de Londres teve a collaboração da grande pianista d. Antonieta Rudge Miller no *Quinteto em fa menor* de Cesar Franck e no Quinteto op. 44 de Schumann. O quinteto de Franck tem um defeito: faz saudades da Sonata p'ra violino. A memoria reconhece nele certos fragmentos tematicos da Sonata, e o resultado é que a gente desejaria estar ouvindo a sonata e não o quinteto. O conjunto aliás não inspirava a absoluta segurança a que nos habituara o quarteto. A execução do quinteto de Schumann foi bem superior, sobretudo no andante e no Scherzo. D. Antonieta Miller recebeu do publico uma ovação calorosa, e tão insistente que para satisfazer a saudade da platéa teve de tocar três peças, — aperitivo do seu proximo recital naquelle mesmo Teatro Lirico.

*** Mlle. Germana Bittencourt possui uma voz de timbre agradavel, um temperamento muito vibratil. Se ela tiver a força de se consagrar inteiramente ao estudo, há muito que esperar dos seus dotes naturais, tão ricos de promessas. Mas em primeiro logar convém que se fortifique fisicamente. A sua figurinha graciosa, a que assentava tão bem o romantismo daquella toilette de estilo, está pedindo urgentemente dois meses de fazenda mineira com muita papa de milho verde e muito leite de vaca sã.

No seu recital do dia 22, no Cassino do Passeio Publico, tivemos o prazer de ouvir musica brasileira, popular e culta. Alguns numeros de musica popular receberam harmonisação de Luciano Gallet e Jayme Ovalle. *Xangô* — o tema negro de macumba, e as canções parecis *Teiru* e *Nozanina-orckuá* é que não foram bem apresentadas. A não serem cantadas com acompanhamento dos proprios instrumentos barbaros, antes nenhum acompanhamento. Nem indio nem Santo de uma macumba acreditam em piano... Aqueles acordes de extrema discrição se tornaram extremamente indiscretos. Não eram harmonisação nem deixavam de não ser.

Das harmonisações de Ovalle a de *Papai Curumiassu* é deliciosa. *Macumbêbê*, porém, saiu muito sabida. Ovalle, irmãosinho, não era aquilo que os pretinhos precisavam... De Luciano Gallet ouvimos *Tutu Marambá*, que Mlle. Bittencourt cantou com muita emoção, o *Bambalêlê* e *Foi numa noite calmosa*, esta em 1.ª audição. Todas excelentes.

A modinha carioca pede voz macha, voz de madrugada, sofredora e cheia de segundas intenções, que não são positivamente de sofrimento.

As duas composições originais de Jayme Ovalle, *Caboclinho* e *Zé Reimundo* agradaram francamente, sobretudo a segunda, que foi bisada. *Caboclinho* foi um pouco sacrificada, principalmente na parte de piano. O ritmo não foi apanhado em sua subtileza tão pessoal, e é justamente o ritmo, tão original, o elemento mais interessante da musica, aliás de linha melodica muito pura e dolorosa. Quanto ao *Zé Reimundo* é uma delicia pela simplicidade e levesa com que o piano sustenta a voz. Ambas são melodias que se tornarão favoritas dos nossos cantores, pois não só são de factura bem moderna, como satisfizeram aquela sêde de ternura brasileira, muito sensivel agora.

O resto do programa foi preenchido por composições dos velhos mestres. Nepomuceno, Braga, Oswald e pela lenda *Canção Sertaneja* de Lorenzo Fernandez.

A sala do Cassino estava repleta e aplaudia com vivacidade.

*** A replica nacional do *Ba-ta-clan*, o *Ra--ta-plan*, está na sua segunda revista, que se intitula *Ellas* e é da parceria Abadie Faria Rosa e Luis de Barros. Tem o que o nosso publico requer do genero: vivacidade, nudezas, luxo. Os scenarios e costumes de Luis de Barros demonstram a elegancia e riqueza de fantasia do artista. A destacar o scenario de abertura e o do bailado de Salomé. Dos interpretes sobresaem Aracy Côrtes e Elza Gomes pelo ar verdadeiramente revista com que representam: porque é preciso representar uma revista como o Sr. Abadie as escreve: sem dar muita importancia áquilo. E' delicioso ver Aracy fazer de franceza, de chinesa, de holandeza (foi no Trólóló), sem tomar nada disso ao tragico, como, por exemplo, faz o sr. Barreira no espanhol da cortina «O querido das mulheres». — *M. B.*

LITERATURA

D. AQUINO CORREIA — A FLOR D'ALLELUIA, EPISODIO DA SEMANA SANTA EM CUIABÁ — 1926.

A coisa mais cacete da poesia religiosa em lingua portuguesa até agora eram as odes do padre Sousa Caldas. D. Aquino Correia acaba de bater o record. Este seu episodio da *Flôr d'Alleluia*, muito embora não passe de 18 paginas, parece mais comprido do que a traducção do Dante pelo Visconde de Villa da Barra. Ou do que um soneto do Sr. Medeiros e Albuquerque. E' a historia, penosamente dodecassilabada, de um moço chamado Luis, que um dia «deixou o lar e entrou nos vortices mundanos».

Um alexandrino do bispo de Cuyabá:

... Surgem tremeluzindo ali, vagas, uma a uma...

Outro:

... Um fremito alvoroçado em santo regozijo...

Com estes dois versos será dificil pra d. Aquino obter o voto do Sr. Alberto de Oliveira.

Afinal me esqueci da historia do moço Luis. Foi muito triste. Tão triste que á pagina 14

uma lagrima ardente
Impetuosa e caudal salta improvisamente
Aos olhos do rapaz.

Puxa, d. Aquino, isso não é lagrima: é inundação.

Manuel Bandeira.

PLINIO SALGADO — O EXTRANGEIRO — EDITORIAL HELIOS — S. PAULO

Um romance regionalista que se lê assustado pelo grande numero de pessôas suspeitas que o consideram genial.

Tem as mesmas falhas de quasi todo romance brasileiro. Quando não é esterior, de interesse apenas anedótico, ou vira romance de idéas ou tenta uma psicologia duvidosa, carregando demais a mão nos efeitos dramaticos. Dessas tres feições, prefiro francamente a primeira, onde me parece mais forte o inegavel talento do Sr. Plinio Salgado. Porém mesmo a essa não são estranhas as ideologias, uma vez que o livro foi construido de tal maneira que todos os personagens são «espressivos, cada um, de um fenômeno social e presos, aos grupos, a ciclos numerosos da esistencia paulista», como previne o autor. A principal intenção deste foi, portanto, observar e fixar determinados fenômenos sociais. Podendo ter feito um ensaio, preferiu o romance. E é natural que este se resinta daquelle vicio de origem que obriga todas as situações a soluções fornecidas de antemão pelo fenômeno social que se quer indicar.

Além disso o Sr. Plinio Salgado, por fazer questão de produzir uma obra modernista, aplicou

todo o seu talento de renovador no estilo, caindo desse modo num êrro a que é dificil escapar entre nós. Nesse ponto a grande influencia que se nota no livro é a do Sr. Oswald de Andrade, principalmente do Oswald de Andrade dos «Condemnados» e de «João Miramar». Ha trechos e trechos de verdadeiros pastiches do autor de Páo-Brasil. Dês da forma fragmentada até aos menores cacoêtes da maneira desse escritor, a escolha das imagens, o ritmo da frase, aquele geito tão peculiar a Oswald de Andrade de estabelecer aparentes ligações sintáticas entre frases que não têm nenhuma outra possivel, tudo isso o Sr. Plinio Salgado assimilou. E tão perfeitamente que êle mesmo é capaz de não dar pela imitação. A gente percebe que aquilo lhe sai assim insensivelmente, naturalmente rebuscado. Esemplo: «O crepusculo Martini-sêco, mastigado com azeitonas e amendoins preludiava a noite *cocktail* gizada de diagramas de *jazz* e relampagueada de visões róseas de espáduas brancas das aspirações nocturnas com ostias de osso, *plac-plec*, dentro da madrugada verde, as casas verdes, caiadas de fócos fôscos.» Outro: «Os rôlos de fumo arriaram como bandeiras. As chaminés ficaram como dedos hirtos pedindo silencio, no céu pardo, sobre o panorama do Brás amortalhado de garôas e presentimentos. Magotes enxameavam as tavernas». Entretanto o Sr. Oswald se utiliza com muito mais propriedade desses recursos espressivos, e o que lhe fica muito bem, por ser apenas um aspecto secundario do que êle fez, fica muito mal no Sr. Salgado, em cuja obra passa a ter papel primordial.

Na pag. 53 uma frase conta que — partiu um aventureiro «no seu cavalo resupino». Pode ser que me engane, mas a imagem que me sugere essa frase é a de um arriscado esercicio de equitação.

Prudente de Moraes, neto,

MANOEL BANDEIRA — POESIA BRASILEIRA

Verdadeira a formula de Malespine

Autor: Velocidade de expressão.

Leitor: Velocidade de percepção + velocidade de comprehensão, pode-se dizer, sem medo de exaggerar, que Manoel Bandeira e quem lê as poesias delle vão ao encontro um do outro refestelados num bruto aeroplano de Não Sei Quantos H. P. Tão rapida é a communicação entre elles. Porque — eis o problema. Manoel é uma alma simples, mas como todas as almas simples, profunda. Todos pensam adivinhal-o desde o primeiro instante, mas quanta subtileza, quanta delicadeza, quanta coisa não se esconde debaixo daquella serenidade simplezinha deante do soffrimento e da vida! Manoel é um curioso do espectaculo quotidiano. E não é só o scenario bem pintado, as mulheres mais bonitas, os personagens centraes que prendem e ferem a attenção delle. O seu olhar vae do «compére» ao bombardino que está aqui em baixo, junto de nós todos, perto de todo mundo, no galpão da orchestra. E muitas vezes esse bombardino humilde, rico somente da sua pobre vaidade de raté e do seu instrumento de segunda mão, interessa muito mais o olhar de Manoel do que o «compére» encasacado dizendo as asneiras brilhantes dos outros. Por isso, quando a *innocencia* começou a ser uma attitude literaria, eu me ri dessa gente que começou a fazer uso della como de camisa quatro em dois. Muito antes della, Manoel fôra beber numa fonte de agua pura — os menininhos pobres, fitando com olhos muito redondos os grandes balõezinhos muito redondos, o filho da lavadeira, um que trabalha na composição do jornal e tosse muito, os adoraveis carvoeirozinhos, as estrellas divinamente distantes, o gessozinho commercial, a touça de bambús sorrindo do delirio geral da matta — beber a sua poesia. A *innocencia* nelle não é uma attitude. Nem é uma conclusão. Nasceu com elle. Faz parte integrante delle. E' força centrifuga na sua poesia. Não lembra São Francisco de Assis, louvando sora luna e le stelle, e sor' acqua, e frate focu, e nostra madre terra, la quale ne sustenta e governa, e produce diversi fructi, con coloriti fiori et herba, e quilli che perdonano, e sora nostra morte corporale, da la quale nullu homo vivente po scapare? E' essa penetração profunda na alma de todas as coisas, essa communhão espiritual intima com ellas, uma especie de sensualidade do espirito, que torna possivel a communicação tão rapida de Manoel Bandeira com o leitor. Gide reclamava na obra de arte o que elle chamou «a parte de Deus». Na Symphonie Pastorale eu vou encontrar um pensamento sobre religião que se applica muito bem ao caso actual. «Il m'apparait — diz o autor de L'Immoraliste — de plus en plus que nombre des notions dont se compose notre foi chrétienne relévent non des paroles du Christ mais des commentaires de Saint Paul». Assim eu fui encontrar em todas essas obras de arte que nos ultimos tempos vêm marcando o cansaço e a monotonia do pensamento humano, não a «parte de Deus», que Gide reclama, mas somente uma pobre e desoladora «parte de homem», sem calembourg. Eu queria sêr, em muitas occasiões, presidente da Republica Universal para baixar este decreto: E' prohibido fazer versos. A arte em geral, para quem se colloca no ponto de vista do espectador intelligente, ás vezes traduz apenas um tedio immortal. Não será uma coisa absolutamente inutil? me pergunto muitas vezes, com o lamentavel Wilde. A belleza não é em nós que ella existe? a belleza não é um conceito? e a belleza não é triste, pelo que ha nella de fragilidade e de incerteza? outras vezes me pergunto com Manoel. Mas o que ha mais torturante nisso tudo é que o proprio Manoel desmente com os seus versos, essa duvida triste. E', então,

que eu comprehendo o reclamo audacioso de André Gide. A «parte de Deus» — eis a arte. O resto não passa — e ai delle! — duma estilisação do professor Theodoro Braga... Na poesia de Manoel descobre-se logo a «parte de Deus». O que ainda não pude descobrir, porque não deve existir, foi a parte do Braga, la Deus.

Estudando com carinho a obra de Manoel o que mais se admira nella é a linha serena do seu desenvolvimento. Emquanto a obra dos demais *modernos* se caracterisa por saltos bruscos e mudanças intempestivas de rumo, em Manoel a evolução foi perfeitamente normal. O artista chegou ao encontro de si mesmo por um processo lento e continuado de libertação interior.

Ha na sua obra vestigios dessa luta dolorosa. Luta do homem que tem olhos para vêr e vê. Por isso ninguem mais do que elle mereceu a palma do triumpho, como diria o sr. Coelho Netto. E por isso é que não ha na sua geração artista mais perfeito, no sentido mais amplo desse termo, aliás elastico por si mesmo. E o interessante é que, guiado tão só pela sua intuição admiravel da poesia, Manoel chegou á libertação muito mais cedo do que os outros. Elle é, ninguem pode negar, o precursor da moderna poesia entre nós. Quer quanto ao abandono total das velhas formulas, quer quanto á revisão radical que elle se fez do seu eu interior poetico. Liberdade de forma. Liberdade de fundo. Liberdade de expressão. Liberdade de pensamento. Renuncia das artes poeticas: Poesia. Sentimento maior da sua personalidade atravez da descoberta do sentimento da realidade brasileira: poesia do seu povo, poesia da sua vida quotidiana, Poesia.

A Mata, Na rua do Sabão, Balõesinhos, Berimbau.

Antes, o sonette d'alarme: Menino doente, Os sapos.

Sentindo o seu povo o poeta se sentiu a si mesmo. E basta lêr o Canal do Mangue pra se chegar á conclusão de que Manoel chegou á realidade, que é a vida, por elle proprio, sem nenhum artificio, sem o menor convencionalismo. Elle era o poeta que o Mangue esperava... (Quando o Mangue terá o seu pintor?)

Assim, da observação do graphico da poesia de Manoel Bandeira podemos tirar numerosas conclusões. A primeira — as outras ficam para depois — é que ha uma poesia brasileira. Poesia que veiu de soffrimento em soffrimento, quero dizer de luta em luta pra se libertar, primeira luta contra os «os maganos de Portugal» (Gregorio de Mattos), luta contra a grammatica de Coimbra (Casimiro de Abreu), outras influencias européas fazendo reagir contra a antiga metropole (Alvares de Azevedo, Castro Alves, os parnasianos, os symbolistas), luta contra essas influencias na nova geração (Manoel).

A poesia de Manoel, desde o Desencanto e o soneto a Camões até a sua ultima phase, admiravel, é uma synthese completa da luta longa e dolorosa por essa emancipação.

A historia da poesia brasileira pode ser ensinada com a Cinza das horas, o Carnaval e o Ritmo Dissoluto. Foi Manoel quem fixou essa poesia. E olhem que o sujeitinho ainda vae longe...

JOSÉ CLEMENTE.

DOIS LIVROS

O movimento de publicações em Minas é uma dessas cousas que entristecem sinceramente. São raros os livros editados nessa terra pacatissima em apparencia, mas na verdade cheia das mais graves preoccupações, inclusive as politicas que são as mais absorventes num meio como o nosso, onde se sente por toda a parte a presença irremediavel de todo o mecanismo politico. Nessas condições não ha um refugio recommendavel, nem os nossos intellectuaes sentem a necessidade de realizar um outro destino que não seja o limitado por essa condição actual da nossa vida provinciana.

Entre os ultimos volumes apparecidos por aqui, (imagino que heroismos obscuros foram necessarios para isso!) estão os dois livros: «Bernardo Guimarães» e «Cidade do Sonho e da Melancolia», O primeiro é do Sr. Basilio de Magalhães, e o segundo do Sr. Gilberto de Alencar. Não foi á tôa que eu escolhi esses dois livros. Ambos vêm mostrar a mesma penuria de capacidade critica e criadora. Ambos falsos e sem nenhuma contribuição pessoal. Um vê a figura do autor do «Seminarista» esmagada sob a pressão do lyrismo de toda uma critica ingenua ou confusa, e de uma tradição descorada.

Para o outro «Villa-Rica» é um chromosinho bonito, um *bibelot* a que a poeira e outras cousas incommodas deram um ar quasi religioso. Não sentiu «Villa-Rica». Não andou lá, nem ouviu as vozes subterraneas que falam a linguagem desse passado que vive. Para o sr. Gilberto de Alencar o passado, com os seus factos e as suas figuras, é uma cousa decorativa que a gente deve respeitar com esse cuidado supersticioso dos timidos profissionaes.

Isso apezar delle nos garantir que é necessario que cada um seja de sua época, e que nós não devemos encarar o passado com esse espirito de religiosidade. Não se aventura a arrancar um bloco desse passado, e a fazer com que elle viva de verdade, e tenha um sentido de relação e de integração. Esse sentido grande e bonito que fica e que reunido a outro e a outro, forma essa cadeia formidavel que, sendo um principio de differenciação, vem explicar o nosso momento, o momento actual da nossa sensibilidade, como esse momento actual, por sua vez, ha de explicar os futuros. O sr. Gilberto não soube olhar a sua «cidade do sonho e da melancolia» com os olhos puros, virgens de quem sente

a necessidade de contactos directos com a realidade; de quem, ao contemplar uma paisagem, não procura recordar os que tambem a viram e deram a sua opiniãosinha a respeito. Dos que procuram extrahir dessa realidade o essencial e o caracteristico, nessa sêde de vida que quer ser expressão. E' dos taes para quem a paisagem é um estado de alma, mas um estado de alma por assim dizer officialisado. Imagino aqui, por exemplo, os sustos que o autor desse livro experimentaria se tivesse de viajar em companhia do sr. Alcantara Machado. E' fatal escapar aqui a uma comparação. Entre o estylo «era por uma dessas tardes», ou, então falsamente pomposo do sr. Gilberto de Alencar, e a prosa viva, impressiva do sr. Alcantara. Nem é bem um parallelo entre o escriptor mineiro e o outro. E' mais um confronto entre duas mentalidades, ou melhor ainda, entre a mentalidade de dois momentos inteiramente divorciados da nossa curva intellectual. Absurda essa distancia que se verifica entre as nossas varias camadas espirituaes. Camadas superpostas umas ás outras, com intervallos incriveis. A nossa cultura a esse respeito não nos deixa a mais ligeira esperança quanto a um possivel nivelamento espiritual e cultural para um futuro mais ou menos approximado. Esse nivellamento ha de vir, pois todos nós caminhamos para elle. Porém, muito mais tarde depois dos esforços formidaveis e dos infinitos sacrificios, não de uma, mas de algumas gerações desabusadas. E nesse esforço e nessas tentativas estão todas as possibilidades para que surja o material indispensavel para uma arte que seja «nossa». Esse material tem que surgir mesmo dessa liberdade de tentativas e desse direito bonito que cada um de nós possue de dar expressão á sua sinceridade mais virgem, sem se lembrar de normas e de preconceitos de qualquer especie. Nós ainda não alcançamos aquelle estado de *nivellamento* a que Max Jacob se referiu, um dia, esse estado de nivellamento que admitte e justifica um espirito de classicismo, e que é a média de tendencias, de gostos e de conformações espirituaes. E graças a Deus, porque essa média para nós seria, agora, um mixto de pseudo classicismo, de espirito de academia e de um francezismo manhoso. Essa distancia entre as nossas varias camadas espirituaes é por isso um beneficio estupendo. Os que estão para trás ficaram muito longe para impedir os passos dos que vão abrindo «picadas». Isso é claro. Não embaraçam o passo de ninguem. Gesticulam no vazio, e nada significam para os que estão dentro da nossa maior ou melhor actualidade. Continuam a fazer uns jogos inoffensivos de simples e quieta literatura. (1)

«A Cidade do Sonho e da Melancolia» é dessa maneira um resto dessa literatura de preconceitos, de perspectivas, de rethorica, etc., etc. — De toda essa literatura que andou a estender um véo artificialissimo sobre a claridade secca e viva dos tropicos. Literatura sem côr local, sem sulco na nossa sensibilidade, sem vida e sem penetração. Impressionismo exterior e superficial, porque cheio de preconceitos e com uma barreira compacta daquella literatura tão sonora, coitada! que se interpunha sempre entre o mundo exterior e o nosso espirito, e que provocava essa desproporção activa entre a nossa faculdade receptiva e reflexiva. Não iamos á sensibilidade pela intelligencia, mas dessa para a sensibilidade, por caminhos sinuosos e falsos, porque não eram creados de accordo com a nossa realidade interior. Era preciso ser *assim* e *assado*, obedecer a umas tantas regras preestabelecidas, adoptar tal concepção de belleza, etc. E ser daquelle modo, apezar do divorcio radical entre esse «ser» e as correntes profundas e ignoradas da nossa propria natureza.

O valor maior desse livro chega assim a ser esse: — o de lembrar o erro literario do momento que representa. E, infelizmente um erro que ainda parece fecundo...

Aliás «Cidade do Sonho e da Melancolia» não é a obra de um escriptor: é o livro de um jornalista de talento. Mas de um jornalista apressado. Ora essa! E o livro do sr. B. de Magalhães?

Emilio Moura.

A' MARGEM DA ARTE DE ORICO

A proposito da encantadôra plaquette de Oswaldo Orico — «A arte de esquecer» —, o Sr. Prudente de Moraes, neto, escreveu umas poucas linhas em que julguei lobrigar, entre «boutades» injustificaveis, uma lamentavel incomprehensão do que deve ser a Arte Moderna entre nós. O joven escriptor (que, depois de se haver valido do nome glorioso de Graça Aranha para lançar ao publico nacional a sua revista «Estética»,) desferiu contra o mestre de «Chanaan» insidiosas estocadas, não tem poupado agressões gratuitas e insolitas a Ronald de Carvalho, a Renato de Almeida e a todos quantos, emfim, se me afiguram expoentes authenticos do movimento renovador que se opera presentemente na literatura patria. No apreciar, porém, a obra ultima e primorosamente cinzelada, saida das mãos subtis de Oswaldo Orico, quer se me afigurar que o Sr. Prudente de Moraes. neto, ultrapassou os limites que a nossa tolerancia havia traçado á sua impertinencia. «A arte de esquecer» é, em verdade, um vaso finissimo de faiança que contém essencia das mais puras. O delicado lavôr da fórma exhorna ali o pensamento amavel e desencantado, constituindo uma verdadeira joia literaria, para gôzo dos espiritos enamorados do raro na Belleza. Ao tomar do pequeno volume do meigo cantôr da «Dansa dos Pyrilampos», experimento a impressão que sentia Edmond de Goncourt, contemplando uma jarra de sua admiravel collecção japoneza, assignada por Hokuzaï. Extasio-me ante a concepção da obra d'arte

e ante o engenho de sua execução aprimorada. São momentos de deleite profundo os que passo a miral-a e a remiral-a. Mas reflicto que, afinal, a preciosidade mesma do objecto de minha admiração vêm a ser o motivo précipuo de sua inaccessibilidade ao paladar commum. O que existia de mais raro e valioso nas vitrines do «grenier» dos Goncourt havia de afigurar-se insôsso ou feio á vulgaridade do temperamento de um visitante ignáro. Assim tambem um licôr centenario, de adéga fidalga, póde parecer insipido ao convidado rude, que lhe não distingue o aroma suave e o subtil sabôr... O Sr. Prudente de Moraes, neto, se acha, ao meu sentir, em situação identica á desses individuos incapazes organicamente de vislumbrar as «nuances» que fazem uma pagina de Paul Geraldy mais bella do que outra do «Diario Official». Todas as finuras de uma obra d'arte verdadeira se lhe escapam e eis ahi a razão de não haver sabido saborear quanto merecem os doces ensinamentos do pequeno livro de Oswaldo Orico.

O mais curioso, quiça o mais insolente, na pseudo-critica desse joven plumitivo, é a convicção que estadeia de ser o movimento moderno um repudio completo á cultura. Descubro, effectivamente, através da algaravia em que elle se ésprime, a idéa ridicula, de que todo escriptor, para ornar-se de titulo de moderno carece de falar em linguagem de cafre, sinão tambem de esquecer tudo o que leu, porventura. Esse ponto de vista abstruso, vejo aliás desposado pelo Sr. Sergio Buarque de Hollanda, que sob a epigraphe inexpressiva de «O lado opposto e outros lados», alinhavou ha pouco um como manifesto literario, tão pretencioso quão destituido de pensamento aproveitavel e onde apenas transparece com clareza o seu máo caracter. Nomes como os de Graça Aranha, Ronald de Carvalho, Guilherme de Almeida, Tristão de Athayde e outros são ahi enxôvalhados, em honra não se sabe de que ideal de sinceridade mal comprehendida.

Por outro lado, o mesmo Sr. Hollanda e o Sr. Prudente de Moraes, neto, dispensam encomios vertiginosos a qualquer troca-tintas, desde que faça parte de sua «côterie» literaria. Um poetazinho mediocre e mellifluo como o Sr. Ribeiro Couto recebe-lhes os applausos que recusam áquellas grandes figuras das letras nacionaes, na hora presente. Outro prosador detestavel, o Sr. Antonio de Alcantara Machado, que deu á publicidade nada mais do que um livréco de chronicas ou de reportagem superficial, faz jús aos elogios do Sr. Rodrigo M. F. de Andrade. Este ultimo, seguindo as pégadas de seus companheiros, ousa mesmo fazer uma sorte de cotejo entre o tal Sr. Alcantara Machado e o saudoso e incomparavel Barrès e leva a impertinencia a ponto de achar mais interessantes as moxinifadas do primeiro do que um capitulo de «Le Voyage de Spart»! Isso, sómente por que o escriba indigeno não possúe reminiscencias literarias, emquanto Barrès era o «aboutissement» de muitos seculos de cultura... Como se vê, é sempre aquella these odiosa e grotesca da necessidade da ignorancia, da salvação pela ignorancia, da glorificação da ignorancia!

A mim, se me afigura profundamente lamentavel que uma publicação, com as tradições da «Revista do Brasil», que já foi dirigida por um talento vigoroso como Monteiro Lobato e hoje ainda se acha confiada a altos espiritos como os de Pandiá Calogeras, Afranio Peixoto, Alfredo Pujol e Plinio Barreto, dê acolhida, em suas columnas, a babozeiras daquella ordem.

Esmeraldino Olympio.

SPORTS

CAMPEONATO DE TENNIS EM DISPUTA DA «TAÇA MITRE»

Ricardo Pernambuco, a primeira raquete brasileira, não é um jogador que pratica o tennis com mestria e mais nada; elle é além disso um tennista que estuda criteriosamente o seu esporte predilecto. Possuidor de um gráu de observação muito apurado não perde elle occasião para aprender e ir assim se aperfeiçoando nos menores detalhes exigidos por esse difficil jogo. Graças a isso á sua perseverança, é elle hoje considerado a maior autoridade sobre tennis no paiz, onde mantêm ha varios annos o titulo de campeão absoluto, sendo sempre o indicado «hors concours» para nos representar no estrangeiro.

Como vem de ser disputada recentemente a «Taça Mitre» em Buenos Ayres, a «*Revista do Brasil*» achou opportuno entrevistal-o.

Muito modesto quando se falava na sua pessôa, disse-nos amavelmente o campeão brasileiro as suas impressões que vamos reproduzir:

«— Volto encantado de Buenos Ayres. A «Associação Argentina de Tennis» foi de uma extrema amabilidade comnosco. Fomos tratados da maneira a mais captivante. Todas as palavras de agradecimentos seriam poucas tendo-se em vista o que fizeram por nós os seus directores. Fomos alvo permanentemente de gentilezas inesqueciveis e foram verdadeiramente adoraveis os 15 dias que lá passámos, cercados de todas as commodidades e do mais completo conforto. Eu desejaria que pudessemos retribuir essas deferencias, mais isso é mate-

rialmente impossivel, pois o nosso tennis em relação ao argentino é ainda muito creança, não tendo publico para sustentar emprehendimentos desse vulto. Hoje o tennis na Argentina é um esporte divulgadissimo, possuindo installações formidaveis e sendo tratado com muito desvêlo. Ha muitos clubs só de tennis, com enorme numero de quadras com as dependencias as mais completas e modernas que se podem desejar. Para se ter uma idéa do que é o tennis lá, basta dizer que foi construido especialmente para os jogos que acabamos de disputar, um stadium com capacidade para 3.000 pessoas! Muito concorre tambem para esse desenvolvimento a grande propaganda feita pelos jornaes. Diarios como «La Prensa» e «La Nacion» dedicam paginas inteiras a esse esporte, e as revistas illustradas mantêm uma ampla reportagem photographica.

— «E a nossa figura no campeonato?

— Muito bôa. O presidente da Associação Argentina mostrou-se muito bem impressionado e nos fez os maiores elogios. Se não fosse a nossa pouca sorte creio que o resultado não teria sido esse. Tivemos contra nós o frio tambem, pois habituados a jogar com temperatura de 28º ou mais, lá jogamos com menos de 20º, obrigando-nos a não tirar o «sweater» principalmente a mim que sou muito sensivel ao frio. Não quero dizer com isso que os argentinos não merecessem a victoria. Ao contrario, reconheço a superioridade d'elles principalmente a de Robson, o seu melhor jogador, que está um ponto acima de qualquer dos nossos. Esse é de facto um grande jogador. O seu jogo de rêde é formidavel, e elle se colloca de modo que, como me disse um tennista uruguayo, a gente tem a impressão de estar deante d'uma montanha. A sua posição durante o jogo é sempre na linha de serviço afastando-se para o fundo da quadra muito raramente. E' a collocação mais difficil em «singles» e elle consegue mantêl-a galhardamente. O «team argentino melhorou muito com a participação que teve nos grandes jogos internacionaes inclusive na «Taça Davis». Aliás é esse o unico meio de se poder fazer progressos depois de se ter chegado a um certo aperfeiçoamento, principalmente para nós brasileiros, que temos para o tennis um campo de acção muito limitado. Lucrariamos immenso, pois o que precisamos é jogar com gente que joga mais do que nós, para, depois de habituados, então betal-os.

— Acha que o conseguiriamos?

— Porque não? Está claro que não seria logo no 1.º anno, mas depois de termos tomado contacto com elles diversas vezes e aprendido bem as lições. Optimos tennistas com todos os requisitos exigidos não nos faltam; seria uma questão de perseverança e habito dos grandes jogos.

— Que tal a actuação dos seus companheiros?

— Jogaram muito, tanto Erasmo como Prechel. Quanto á derrota de Erasmo Assumpção por Moréa, não ha explicação technica possivel; elle jogou mais e muito melhor que seu adversario, dominando-o durante todo o jogo; perdeu, segundo opinião de varias autoridades no assumpto, que assistiam a peleja ao meu lado, só por capricho da sorte. Prechel no jogo de duplas foi o melhor jogador na quadra; essa opinião foi unanime em Buenos Ayres. Esteve magnifico, excedeu-se a si proprio, demonstrando qualidades de grande campeão; é um jogador ideal para duplas.

— Entretanto perdemos de 5 x 0?

— Esse «score» não representa nem uma pallida idéa do que foram os jogos. Foram renhidissimos. Tivemos a nossa actuação muito prejudicada pela quadra, cujo chão molle e pegajoso, estampando profundamente todos os signaes das pizadas, muito influia no pulo da bola, que tinha frequentemente uma direcção inesperada e era muito amortecido, o que nos desorientava frequentemente. O chão molle, além de fazer uma differença de 10 cent. na altura do pulo da bola, influiu muito quanto á nossa ligeireza, pois o chão das nossas quadras facilita a corrida por ser duro, ao passo que nas de lá dá-se o contrario, tornando-nos lerdos. O jogo que tive com Moréa eu teria ganho, como de facto o estava ganhando; mas quando me faltava só uma jogada, no ultimo «set» da partida que eu vencia por 5 x 2, sobreveiu-me uma caimbra nos joelhos que me obrigou a baquear completamente. Para essa caimbra fatidica não pude até hoje achar uma explicação, pois poucas vezes tenho me preparado tão bem como para essa competição. Tinha absoluta confiança nas minhas condições physicas e estava muito treinado; mas foi o destino quem determinou..., todos, principalmente os «sportsmen», estamos sujeitos a esses maus dias.

A minha partida com Robson foi das mais difficeis e disputadissima e pelo movimento technico publicado pelos jornaes de B. Ayres vê-se que a minha actuação foi superior á d'elle.

— Pernambuco mostra-nos então as noticias de diversos jornaes com o movimento technico da partida nos quaes se vê effectivamente que Robson teve sua victoria assegurada, devido aos pontos que fez por jogadas em que Pernambuco falhava e não por pontos feitos por serem indefensaveis ou directos, tendo-se dado o contrario com Pernnambuco que a maioria dos pontos que conseguiu foram directos, emquanto Robson, que não via nada de estranho, no chão nem nos pulos da bola, acertava muito maior numero de jogadas.

— Como se vê, foi uma competição que podiamos ter perdido só por 3 x 2 ou com um pouco de sorte mesmo ter vencido. Tenho, porém, muitas esperanças nos meus companheiros e mesmo alguma em mim para o anno proximo. O que precisamos é bater-nos mais frequentemente com estrangeiros e facilitar a vinda delles para cá, tanto amadores como profissionaes, para então com mais um pouco de constancia dos nossos tennistas e bôa vontade dos poderes competentes tornarmo-nos muito em breve campeões sul americanos desse esporte e detentores da «Taça Mitre».

P. Sampaio.

A QUINZENA

O CONDE DE FROLA

Não se póde negar ao episodio do Conde de Frola um pedaço das honras da quinzena. E um bom pedaço com que se regalou a imprensa, debatendo o estranho caso de variados pontos de vista.

Obedecendo ás instrucções do duce de Roma, o governo do Brasil impediu que desembarcasse, no Rio, aquelle jornalista e parlamentar italiano, mandando, ao mesmo tempo, conserval-o sob vigilancia recommendada de Roma, onde aquelle cavalheiro é considerado perigoso inimigo da ordem... dictatorial.

Apesar de todas as meticulosas cautelas, aquelle hospede, indesejavel para o governo e o seu jornalismo, por conta do fascismo, logrou desembaraçar-se da trapalhada em que o envolveram e refugiar-se na hospitalidade do povo brasileiro, de todo estranho aos rigores do poder publico e nada ligando á questão de saber se aquelle a quem abria os braços, compatriota do seu tradicional amigo Garibaldi ia ou não á missa do Sr. Mussolini.

Posto o Conde fóra do alcance dos esbirros do Itamaraty, entraram as folhas patrioticas, — as taes que vendem a consciencia, mas que tambem não ha quem compre pelos 200 réis que custam — entraram a bradar, dando alarma e chamando vingança contra tamanho desacato á soberania nacional.

O dito desacato era não se ter deixado o conde de Frola ficar quieto, á disposição dos seus perseguidores patricios, seguro pela policia brasileira, á espera do que se seguisse.

E quem sabe lá o que se poderia seguir? Os precedentes bem podiam autorisar as mais sinistras espectativas, bem sabendo o detido por esperiencia observada *in loco* quanto poderia esperar, uma vez a mercê da autoridade do seu paiz ou, por ordem desta, da autoridade deste nosso, singularmente soberano e originalissimo no conceito de soberania do seu Governo e da imprensa ás ordens deste.

Pelo sim, pelo não, o melhor seria não arriscar... Assim como houve uma chancellaria que se fizesse beleguim, para detêl-o, nada impedia que a mesma se prestasse a applicar-lhe a therapeutica, ultima creação preconisada, do oleo de ricino.

Nisso de servir aos amigos o bonito é não haver limite e sempre, sendo possivel, dar mais do que elles pedem. Pedindo ao nosso que lhe desse ajuda contra esse adversario, no parlamento e na imprensa, o Governo de Roma terá sido talvez commedido e discreto, receioso mesmo de não ser attingido. Diante, porém, da bôa vontade com que a chancellaria brasileira prestou-se ás primeiras diligencias, razão não havia mais para cerimonias. Era ir ás do cabo e entrou o detido em... tratamento.

Tudo isso terá perfeitamente antevisto o Conde de Frola, que fez muito bem appellando do Governo para o povo brasileiro.

Para uso tanto das fabricas como das residencias

COKE

O melhor e mais economico combustivel (Quando V. V. S. S. não podem usar o gaz)

SOCIÉTÉ ANONYME DU GAZ DE RIO DE JANEIRO

COKE

O Combustivel economico — Typos proprios para

FUNDIÇÕES, INDUSTRIAS, FABRICA, FORJAS, CALDEIRAS, FORNOS, COSINHAS, ETC. ETC.

Informações e pedidos

Rua Marechal Floriano N.° 168

Caixa Postal 571 — : — Telephone Norte 4040-Ramal 278

«Se quizerdes ser rico, ou permanecer rico, lêde Henry Ford».

ARTHUR BRISBANE.

Minha vida e minha obra

por HENRY FORD, de collaboração com SAMUEL CROWTHER
Nova traducção de MONTEIRO LOBATO

Saido em 1922 acha-se este grande livro transladado para o allemão, francez, finlandez, italiano, hollandez, polaco, russo, sueco, dinamarquez, tchecoslovaquo, hungaro, hespanhol e arabe, sommando as varias edições mais de dois milhões de exemplares, Henry Ford produziu uma das mais significativas obras desta geração. — (THE CENTURY).

A sensação deste livro é menos de um livro escripto do que de um homem que se sentá deante de nós e conversa com facilidade, em tom impessoal, acerca da sua vida, das idéas que o nortearam, dos principios em que baseou o seu trabalho e da convicção que o anima sobre os effeitos da efficiencia na felicidade humana. — (NEW YORK TIMES).

Henry Ford revelou-se neste livro a mais alta individualidade america da sua geração. — (THE ATLANTIQUE MONTH).

Considero um dever meu para com o publico attrair a attenção de todo o mundo para este grande livro. — (EDWARD A. FILENE, em THE NATION).

E' o grande livro de um grande homem. — (ROBERTO BLATCHFORD).

EM TODAS AS LIVRARIAS — PREÇO: 4$000

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

RUA DOS GUSMÕES, 33 — S. PAULO

SALVE NATAL 1926

Como nos annos anteriores: para commemorar as tradicionaes

FESTAS DO NATAL

a Cia. de Loterias Nacionaes do Brasil, concessionaria das Populares

Loterias da Capital Federal

extrahirá SABBADO 18 de Dezembro proximo

A MAIOR LOTERIA DO ANNO

PREMIO MAIOR

500:000$000

INTEGRAES

destribue 6.380 premios no total de Rs.

1.440:000$000

Os bilhetes encontram-se á venda em toda parte.

F. DE SIQUEIRA & CIA., LTDA.

ENGENHEIROS EMPREITEIROS

Importadores de materiaes dos seguintes fabricantes:

S. A. DES USINES A' TUBES DE LA MEUSE. (Flémalle-Haute, Belgica) — Postes de aço e tubos de aço e ferro galvanizado.

W. & P. MAC LELLAN, Ltd. (Glasgow, GrãBretanha) — Machinas e ferramentas.

GWYNES ENGINEERING C. Ltd. (Londres, Hammersmith, Inglaterra) — Bombas hydraulicas.

DALIMIER & CIA. (clessin, Belgica) — Balanças para Estradas de Ferro e outros misteres.

S. A. JOHN COCKERILL (Seraing, Belgica) — Locomotivas, trilhos, pontes, chapas de aço, vigas e superstructuras metallicas.

LONDON CONCRETE MACHINERY Co. — London — Canadá — Betoneiras e todas as machinas para concreto.

CARBO — LASTIC, novo material para cobertura de telhados, vagões de estradas de ferro, bonds, etc.

ESTUDOS COMPLETOS E PROJECTOS

ESCRIPTORIOS: Rua General Camara, 56 — Tel. Norte 5177-2830 — RIO DE JANEIRO; Rua BOA VISTA, 16 — Tel. Central 5660 — S. PAULO; Agencia em PORTO ALEGRE. — Endereço Telegraphico: CASIQUE.

46335

Companhia Constructora de Santos

Capital. . . . . 3.000:000$000

Fundo de Reserva. . . . 3.000:000$000

S. Paulo

Rua Boa Vista n. 5

(Palacete Palmares)

Endereço Tlegraphico; "CONSTRUCTO" — Caixa Postal n. 3008 — Telephone : Central, 3860

(Rêde particular ligando dependencias)

SANTOS

Praça Mauá, 25

Caixa Postal 222 — End. Teleg.: «Constructo» — Telep.: Cent. 259

RIO DE JANEIRO

Rua Sachet, 27

Caixa Postal 607 — End. Teleg.: «Constructo» — Telep.: Norte 6126

ESCRIPTORIO TECHNICO

ENGENHEIROS — ARCHITECTOS — CONSTRUCTORES

Estudos — Ante-projectos — Projectos detalhados — Orçamentos completos — Execução de obras por empreitada e administração — Habitações de luxo e economicas — Predios para renda — Hoteis — Theatros — Hospitaes — Escolas — Fabricas, etc.

CONSTRUCÇÕES EM CIMENTO ARMADO

Saneamento e abastecimento de agua — Poços artezianos — Estradas de ferro e de rodagem — Calçamentos

ESCRIPTORIO COMMERCIAL

Venda, deposito e importação de materiaes de construcção — Azulejos de louça — Ladrilhos ceramicos — Tijolos refractarios — Telhas — Cal — Cimento — Madeiras — Pedras — Vidros — Ferragens — Chapas — Vigas para construcção — Artigos sanitarios — Tubos de ferro para agua e gaz — Material de cimento armado e para pintura — Fios de cobre para electricidade, etc.

Officina de serraria, carpintaria, mecanica e fundição, britador — Grande fabrica de ladrilhos e manilhas de cimento — Agencias de compras em Londres, Hamburgo e Nova York — Serviço de despacho para o interior

LOJA:

R. 3 de Dezembro n. 16

(Antiga Rua Boa Vista)

Telephone: Central, 3860

DEPOSITO:

R. Mello Barreto n. 86

(Travessa da Av. Rangel Pestana)

Telephone: Braz, 2317

DESVIO (chave na S. P. R.) — Avenida Rudge n. 5 (Bom Retiro)

Cruzwaldina

Acreditado Desinfectante fabricado pela

Societé Anonyme du Gaz de Rio de Janeiro

Com vinte annos de ininterrupto successo

Medalha de Ouro na Exposição Nacional de 1908

O mais popular de todos os desinfectantes

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO DO BRASIL — RIO DE JANEIRO.